FIALHO D'ALMEIDA

O PAIZ DAS UVAS

5.ª EDIÇÃO

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1920

Obras completas de FIALHO D'ALMEIDA

V

O PAIZ DAS UVAS

DO MESMO AUCTOR

Á Esquina	800
Barbear, pentear	800
Cidade do Vicio	800
Contos	1$000
Gatos, 6 vols.	5$200
O Paiz das Uvas	800
Saibam quantos	800
Vida ironica	1$000

FIALHO D'ALMEIDA

O PAIZ DAS UVAS

5.ª EDIÇÃO

LIVRARIA „LOUREIRO"
Antiga "Bolivar & Cia.,"
12, Rua do Collegio, 12
Telephone, 1227
BAHIA

LIVRARIA ACADEM
DE
Manoel Antunes do Valle
BAHIA
Rua da Alfandega, 1

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1920

Tip. da «Renascença
Portuguesa» — Porto

Á SENHORA

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

Homenagem aos seus talentos d'escriptora, e ás suas altissimas virtudes de mulher.

Pelos campos

Abril. — SYMPHONIA DA PRIMAVERA

Eu bem n'a sinto! Eu bem n'a sinto! apesar das fuligens do céo mal humorado, e da ventania que me apupa, atravez das frinchas das janellas. Uma pulsação vigora as alamedas, nas ascendencias inexhauriveis da seiva, rebentando em folhagens de contextura fina, por fórma que já não é ficção o caso do homem que ouvia crescer herva nos campos, visto que eu ha quinze dias oiço, no recanto de parque aonde vivo, sob uma umbella vermelha de paizagista, o borborinho da natureza que se revigora e emplumesce, n'uma d'essas orgias de côr que faziam rir o olho azul de Rousseau, e punham emoções na pallidez fatigada de Huet, o paizagista da ilha verde de Seguin.

A esta hora, por esses campos, nem vossês imaginam o que os melros dizem d'alegre, e o que as borboletas vivem de contentes. Os murmurios da agua, que pelos regatos vae, como um sangue robusto, espalhando juventudes na cultu-

ra, dizem ás velhas arvores historias d'uma suavissima poesia; e pelos ramos tufados de verdura humida, tenra, tamisada de scintillas solares, entra a repovoar-se a cidade dos ninhos, grande cidade moderna, com avenidas, concertos, *five-o'clok,* e *toilettes* de plumas, e exhibições de caudas roçagantes. Hontem me dizia na tapada um velho pintasilgo.

E por esses pomares, entre sebes de silvados e cannaviaes, que florações sympathicas, feitas com gottinhas de nectar, e salpicos de sangue arterial!

Conhecem talvez o pilriteiro? É um arbusto dos valados, peculiar ás regiões montanhosas do Alemtejo, que se defende com os espinhos de que se arma, e não gosta de habitar jardins. Transplantado, não produz flôr. Tem uma folhagem pequena, curta, verde retincto, mui recortada nos bordos, e agora na primavera, esbracejando sobre as barreiras, tolda os pegos com caramancheis d'uma vaporosidade incomparavel. A sua flôr é o que ha de mais mimoso, mais pequenino, mais aereo: uma joiasinha *coquette*, que antes dirieis insecto, pela vivacidade e esbelteza da figura. Qualquer ramito conta por milhares as florações, e dá em pleno paiz do sol a fresca sensação d'uma neve cahida em flocos, sobre cada proeminencia de haste. Quantas vezes, folheando *Madame Chrysanthème,* que Myrhach e Claudius Popelin vem d'illustrar, eu pensei n'esta esquecida floração do

pilriteiro, que não figura nos albuns, nem inspira os desenhistas, e todavia resume na sua pureza, o que de mais bello possa haver, como motivo ornamental, para a illustração de livros e jornaes!

—Eu bem n'a sinto! eu bem n'a sinto! É impossivel que certas flôres sejam filhas das grosseiras plantas de que brotam. Ha no colorido d'ellas, na delicadeza, no espirito e no perfume, umas elegancias de typo, umas aristocracias de caracter, feições por tal fórma *pur-sang*, que a idealisação artista de logo nega graus de parentesco entre flôr e planta, mau grado a evidencia das ligações estructuraes. É o que eu digo do grosseiro pilriteiro camponio, o dos espinhos hirsutos, que destinado a não ter filhos, provavelmente adoptou as deliciosas flôres de que se veste.

Ellas são bem singulares, na verdade! Olhando-as, por vezes, sinto que uma reminiscencia longinqua me turba, acordada não sei como, e vinda não sei d'onde, a qual se esgarça em brumas de legenda, reminiscencia d'alguem que amei n'um tempo, sob outra fórma, n'outras edades, paizes... E os olhos d'ellas parecem dizer-me, *recordas-te?* tremulos, querendo fallar...—Disse-me um dia Henri Heine, proseguindo no meu espirito esta identificação perturbadora, entre as floritas mudas, e a alma errante dos mortos que nos fôram caros — « os perfumes, meu filho, são

os sentimentos das flôres. Assim como as emoções do coração são mais profundas de noite, se estamos sós e sem testemunhas, assim as flôres parecem esperar que escureça, para no espaço exhalarem seus perfumes, almas nostalgicas de noivas! n'uma phantastica ronda de divagações emotivaes.» Porque, seriamente, nós volvemos de novo á flôr desta sagrada terra que nos devora, uma vez, muitas vezes, em regiões varias, climas varios, e disfarçados consoante o humorismo da chimica que nos manipula.

Hão-de ter reparado que certas coisas teem physionomias humanas conhecidas de nós, o traço d'alguem que amámos, d'uma pessoa que nos impressionou em tal parte, ou por um qualquer detalhe, pequenino que fôsse. As vezes é uma nuvem que por entre uns esboços de cara, guarda momentos o doce sorriso de nossa irmã. As vezes é uma flôr, a do pilriteiro, que tem no desenho do calice o modelo fragil da pobre creaturinha loira que morreu tisica, ao escrever-nos a primeira carta.

Na agitação das populaças que respiram alto, pela noite, entre as flambagens do gaz, nos gemidos que os arvoredos soltam, azorragados do nordeste, ou quando a vága regouga, espadanando contra os granitos da riba, a mesma evocação mysteriosa, confusa, mal sonhada, nos surprehende, de vózes que já antes tinhamos ouvido, e agora parecem despertar dentro de nós saudades

d'idyllios extinctos, e de felicidades mortas em plena adolescencia.

Pois estas analogias tão nebulosamente poeticas, este ar de familia que as coisas brutas conservam das coisas vivas, não as pensem casuaes ou phantasiosas: está provado que resultam d'uma ascendencia logicamente propulsionada, com sua biographia, sua evolução, caracteres herdados, e mais ainda, vicios transmittidos. Nobres e antigas linhagens, esquecidas entre os homens, occupam cargos eminentes no reino vegetal, ou são pedras preciosas entre os mineiros contemporaneos. Assim, que poeta não sabe de flôres que se aproveitam do beijo que lhes damos, para nos dizerem de manso, aquelle segredo que a nossa amante levára para a cova, e só ella sabia, ella sómente... Argumentam d'ahi: a susceptibilidade requintada, que faz certas mulheres terem syncopes, aspirando o perfume de flôres, é um caso vulgar de hystero-arte. Historia!... são as almas dos amantes mortos, dos maridos, dos filhos, que volvem nas flôres, mordidas de ciumes, esfaceladas de saudade, occultas sempre na evolução mais aromatica das nectareas, e annos e annos errantes primeiro que se lhes depare quem procuram, e que um dia, subitamente, quando as pobres mulheres vão mergulhar a narina na urna d'uma gardenia, lhes ciciam de dentro: sou eu, não tenhas medo, eis-nos de novo, juntos, outra vez!

D'uma occasião, sósinho no meu quarto, eu

considerava uma rosa branca que emmurchecia n'um copo, tão triste! Disse-lhe assim: tu soffres! Ella curvou-se mais sobre a haste, acquiescendo, e vi-lhe duas lagrimas nas petalas. Nunca pude saber quem fôsse esta mulher.

—Eu bem n'a sinto! eu bem n'a sinto!

E os dias lucidos vão inundar de tonalidades esses sub-solos de florestas perdidas nos fundos bucolicos da provincia. Uma virgindade cerra as espessuras, e immacula as sombras das arvores, cuja cupula, por cima, estrélla o azul impeccabilissimo do céo. E pelas ramas que se engalfinham, se enlaçam, procuram, fremitos d'azas, n'um mysterio de nupcias. Nenhum canto de natureza infecundo! o mesmo amor que sobe da terra, a revigorentar os arvoredos, communica-se aos ninhos, cinge os casaes de passaros, extravasa no ar como uma nafta de bodas biblicas, e communica-se, aspira-se, vae-se infiltrando em toda a parte. —Eu bem n'a sinto! Eu bem n'a sinto! Que bella a alegria sob os castanheiros d'um parque, no coração da vida rustica, pelo braço da franzina *miss* com quem aos vinte annos se sonha, alta, musical, com maravilhas patricias de mãos... As aguas, murmurantes por essas ravinas e barrancos; nas grandes relvas picadas da vivacidade das corollas, as calhandras fartas agacham-se para dormir, ao fundo a cordilheira distante, idealisada, iscorpo-

rea, é como uma nuvem rarefeita que se apaga.— Eu bem n'a sinto! eu bem n'a sinto! E apoiada sem peso ao nosso braço, a creatura vae vaporosamente, no silencio d'uma ventura profunda, d'olhos descidos, o rosto fino, e bons dias a esta arvore e áquell'outra, uma palestra sem fim com os carvalhos e velhos olmos.

Porque é necessario renovar os cultos pagãos da natureza, resuscitar as festas rusticas e os deuses symbolicos, os evohéos, as legendas, fazendo outra vez brotar anões dos rochedos, elfos das troncagens vetustas, e *nixes* dos tranquillos pégos das ribeiras. Se eu tivesse uma filha, ensinar-lhe-hia a ouvir a missa das florestas, e a pedir a benção ás arvores, como a velhos vovôs.

A nossa religião tem pouco sol. É a impressão do mallarmista Christian Cherfils, na *Cathédrale*.

Par d'informes tandis qui profanent le sol,
La cathédrale semble enchainée et murée:
Notre âme essaie en vain de prendre au ciel son vol,
Par l'étreinte du corps meurtrie et torturée.

La cathédrale semble enchainée et murée;
A peine si l'on peut l'admirer à vingt pas;
Par l'étreinte du corps meurtrie et torturée,
L'âme voudrait monter plus haut et ne peut pas.

A peine si l'on peut l'admirer à vingt pas;
L'eblouissement fait trembler notre paupière:
L'âme voudrait monter plus haut et ne peut pas,
A voir emprisonné le cloosse de pierre!

Por toda ella se grita: faz penitencia! O menor goso é peccado mortal. Quem muda a roupa branca não vae para o céo. E essa tragedia do Calvario, mesmo na Graça, horrorisa as creanças, e inspira o desgosto da existencia.

A nossa vida moderna, reclama uma religião mais alegre e contemporanea dos nossos ligeiros costumes que nos divirta, como uma opera, e faça embevecer como um museu — deusas nuas e triumphantes, mithologias aladas, mais animalidade e mais seiva, desde a fórma expansiva do ephebo bebado, té aos grandes festins flamengos do Olympo — religião parallela á litteratura, como fórma d'arte que é, irmã da pintura e da musica, em que palpite alguma coisa de nós mesmos, seio ou canção, realidade ou sonho.

Henri Heine refere na *Allemanha,* que os deuses da antiga Hellade, expulsos dos templos em ruinas, erram pelo mundo em humildes mestéres, a ponto d'uns naufragos terem encontrado n'um ilheu da Noruega, a Jupiter Tonante, o grande Jupiter! tropego e decrepito, fallando ainda o grego de Homero, entre a cabrinha Amalthea, e a aguia desplumada, que dava gritos de frio. E agora oiçam. Se nós rescindissemos a escriptura ao Crucificado, e outra vez repovoassemos as florestas com a *troupe* pagã da Grecia antiga?...

Ao sol

1 d'Agosto. — Ao despertar

Agora no verão é já dia ás tres e meia. Sobre as cristas da serra o céo engasta a sua cupula, n'um aro de cambiantes metallurgicos, côr de fogo a nascente, côr de nevoa ao poente, rosa e lilaz nos outros pontos. A primeira andorinha singrou nos ares, soando o *angelus* que as cotovias ha muito, no restolho, bem dizendo estiveram em casquinadas joviaes. Um ventinho traz dos campos o cheiro das espigas esmagadas nas eiras, e arrasta sobre as vinhas o refrigerante orvalho da *brandura,* que amadurece os figos lampos, e ao mesmo tempo engurgita os cachos, entre a decoração dos pampanos, festiva e rubenesca. Esta neblina parece que vem por entre as fendas da cordilheira, lentamente, como um fumo de sulfatara successivamente aspirado do fundo d'uma cratera, para espargir-se, alma benigna da cultura, sobre os vergeis estancados por tantas horas de sirocco. Pouco a pouco o dia ascende, com uma graça paradisiaca, na vi-

talidade ainda preguiçosa das coisas. No aro da cupula, a nascente, a linha de oiro esbrasea-se e scintilla, dimanando tons que mancham de roza as arestas francas de cada fórma: torres, casas, arvores, mirantes e cabeços. Eis o preciso instante d'eu abrir um panno á minha velha gelosia. No pequenino largo que desafoga das mais casas a frontaria da minha velha habitação, já o velho Zé Félix tem pigarreado a sua velha catarreira, sentado em mangas de camisa nos degraus do velho adro, e rolando os pollegares n'um motu-continuo satisfeito.

— Ora bons dias.

O velho Laurentim, que está á espera que a loja abra, vae descerrando o postigo da porta, e cumprimenta. E duas ou tres velhas mulheres começam a varruscar sobre as soleiras, hypotheticos grãos de pó que pela noite devem ter vindo macular a escrupulosa pintura d'almagre, que ellas renovam em todas as manhãs de Nós'Senhor. Entretanto o Antonio Manoel abriu a loja, vem ao feijão dois rapazelhos: e outros postigos de casebres vão entreabrindo na simplicidade rustica da villa, os seus mesquinhos olhos somnolentos. Entram a passar trabalhadores para a labuta dos campos, na larga rua contornada irregularmente de cazinholos caiados, e com a chaminé saliente ao pé da porta. Velhos camponios levam os seus alforges atraz dos jumentos carregados d'utensilios; grandes rapazes trigueiros caminham aos

pares, de jaqueta ao hombro e chapeus de palha grosseira; e dos casebres, agora um, agora outro, toda essa humilde gente vai sahindo, a completar os ultimos amanhos da vinha, no intervallo d'alguns dias que medeiam entre a ceifa e a debulha.

Quatro horas da manhã. É dia claro. Já as primeiras fimbrias de sol ourelam de oiro os cunhaes das velhas casas, e as andorinhas em pelotão sobre as cimalhas, smorzam queixumes d'uma *ave maria* symphonica e matinal. Pela estrada engrossam ranchos, dando bons dias, trocando chufas, começando cantigas; ceifeiras requebram a marcha n'um dengoso meneio de quadris, moleiros, com suas recuas de machos, todos cobertos de farinha, carrejões trazendo espigas das courellas, ou carreteando a palha das eiras...

A luz do céo vibra d'intensa, palpita, jorra, com uma tonalidade clara sob que a pupilla trepida. Muito alto, os melharucos passam, castanho e azul, com um *rrr* caracteristico. Os primeiros fumos d'almoço sahem das chaminés quasi direito; os hortelões apregoam na rua feijão verde e pepinos novos: á esquina da egreja o pregoeiro avisa o povo que se perdeu a burrinha branca do Pisco, quem a achar deve ir restituil-a a seu dono. E subitamente a rua anima-se, a grande rua fidalga da villa, que até se chama *rua de Lisboa,* quando ao portelo da forja surge o Patana em mangas de camiza, o maior homem da terra, espreguiçando a sua corpulencia de carvalho, e

troando o vozeirão, n'um bocejar de fazer tremer a casaria.

4 d'Agosto.— DE MAU HUMOR

Installados os pequenos misteres de terreola, accesa a forja, as duas lojas abertas, as vendas prestes, Xico Boça a postos no seu banco de ferrador, a villa inteira desperta para a monotona faina de mais um dia. Sobre uma egua lazara e pensativa o moço do leite traz uma bilha de lata á garupa, e o seu pregão de creança, cortante e estridulo, chama á soleira as comadres todas do burgo, ainda entrajadas em casibeques sujos de cosinha.

Uns quatro ou cinco cães espojinham as carcaças na poeira, reinando em correrias de festa por toda a circumferencia estreita do largo. Passam as raparigas da fonte, voltam do açougue os *propiatairos* cobertos de saragoça, face rapada, rotundo ventre, o chapeirão cahido, contentes, scepticos, mal dizentes, sobraçando a alcofa do carneiro p'rá confecção da olha de familia.

Os sinos da parochia dão matinas, e o rapaz do forno manda tender o pão ás donas de casa— que o forno aguarda já quente, e fôra mister que a fornada entrasse a horas de não demorar o almoço á nossa amiga padeira.

Eis o preciso instante de se arranjarem na sombra das baiucas abertas, á porta da loja, na forja do Patana, e sobre os degraus e balcões das velhas casas, gruposinhos typicos d'ociosos, remediados pequeninos burguezes, que vem de mãos nos bolsos, em chinellos de trancinha, antes d'almoço, fazer a critica dos casos succedidos durante as vinte e quatro horas anteriores.

A villa conta n'aquelles clubs o seu numero de commensaes invariaveis, que desde rapazes vão lá, e porfim envelheceram aferrados ao travo especial da má lingua que se permuta na locanda preferida. Estes conclaves são magnificos de caracter e côr local. Salarios, negocios, estatistica de colheitas e poucas vergonhas, bofetadas, roubos de palha, cancans de rua, tudo ali vai chancellar a sua bagagem, pagar imposto aduaneiro aos farricocos da moralidade monteza, e tirar folha corrida para poder seguir roteiro atravez o mau halito das boccas maldizentes. Todas as classes teem na villa o seu predilecto logar d'assembléa. Ao começar da manhã, a classe serva anda nos campos lidando. Os ricos, dormem ainda nas suas casas. É o *propiatairo* que então reina, como despota do burgo, gozando o ripanso d'um mariola pela rua central da povoação. Lentamente, depois de *morto o bicho,* cada madraço vem-se arrastando de casa como póde, com os seus chatos fundilhos avergastados de nodoas, o collarinho sujo e sem gravata, as mãos vásias, a face oleosa,

e o todo profundamente enfastiado. Nas caras trigueiras, mal barbeadas, balofas, uma expressão vegetal mascara a vida. Aos trinta anos a ociosidade tornou esses homens obesos, molles de musculos, apathicos e profundamente sonegados á funcção do trabalho activo. Mas o peor é que eu não fundamentei ainda a figureta soez do *propiatairo*.

As grandes extensões de territorio, no Alemtejo, pertencem a dez ou doze nababos que vivem nos grandes centros, indifferentes ao cultivo, e empenhados sómente em perceber n'um prazo fixo, o dinheiro das rendas, para a sustentação das suas prodigalidades e magnificencias. Subtrahindo ao Alemtejo aquelles grandes dominios de florestas e terra aravel, o que resta são ourellas magras á volta das raras aldeias, e baldios improductivos, calcinados, sem hervas nem chaparros, que os pequenos disputam e repartem entre si, ciosamente. A terra tem d'esta fórma um fabuloso preço, em mãos de pobres, e o amor do solo é uma d'estas paixões desenfreadas, sublimes, absurdas, que vai do maior ao mais pequeno, com uma vivacidade perfeitamente insolita, dada a apathia da gente alemtejana. Sob um tal regimen, fazer fortuna é coisa difficil. Ha pobres diabos a trabalhar quarenta e cincoenta annos, vestindo saragoça, comendo xixarros, privando-se emfim, por amor do lucro, do strictamente necessario á existencia, e que ao fim de velhos e cançados mal poderam juntar

em vinhas pobres e casebres de telha vã, o capital de meia duzia de contos. N'estas terreolas mesquinhas, entre o cavador que estanca a vida á enxadada, ganhando apenas com que morrer de miseria, e o homem rico que pavoneia em berlinda de correias o estadão dos seus quarenta contos de hortejos e farejaes; n'estas terreolas póde estudar-se um typo excentrico, provincial, caracteristico, posto de sentinella entre o jornaleiro e o ricaço, na escala hierarchica da fortuna. É o typo do trabalhador remediado, do lavradoréco, troca-tintas da propriedade, ou como elle proprio se appellida, *propiatairo*.

Com sete ou dez mil cepas de vinha, e sessenta ou noventa alqueires de semente por anno, ninguem disfructa melhor as superioridades civicas da riqueza, e ninguem faz render mais á fieira, em somniferas mandrias de patrão, o trabalho da pobre gente irracionalisada nos amanhos asperos dos terrenos. Porque o *propiatairo* é por excellencia o disfructador do trabalho alheio, o egoista sordido, o avarento porco, que enthesoira em moedas de cobre o remanescente das suas privações quotidianas, explorando as desgraças, os descuidos e a boa fé dos incautos, n'uma palavra, caçando ao homem, na terrivel idea fixa de se locupletar. Nenhum preguista de Lisboa sublimou ainda em tão funestas percentagens, como o *propiatairo,* ao mez e ao anno, a nobilissima sciencia de garrotar o proximo, mediante o escripto de divida recheado de clausu-

las esmagadoras. Serpentes de Lacoonte, os seus processos d'agio enroscam-se nos membros da pobre familia camponia, p'ra lhe sugarem até á ultima gotta d'alento.

Muitos cavaram a terra, rapazes, e attingida a fortunasinha ambicionada, votaram ao desprezo os companheiros de labuta, fazendo por immobilisar-se n'uma casta superior á do seu berço. Desde esse dia desenvolveram qualidades d'uzura e sordidez que já tinham começado a mostrar em cavadores.

Conhecedores de todas as manhas do jornaleiro, das suas horas lassas, das suas desfalencias, salvam-se d'ellas inventando estratagemas para trazer vigiados constantemente os pobres diabos que lhes mourejam nas terras, a fim de lhes sugarem todos os esforços do braço, á sombra do ar protector com que parecem acobertar a sua desapiedada avareza. Para elles o mundo não passa d'um circulo de boccas famintas, viradas contra a geira de terra que lhes custou tanto a adquirir. Acima e abaixo não vêem senão ladrões. É ladrão o compadre, ladrão o padrinho de cazamento, o prior, o escrivão de fazenda, o cabo de policia e o medico — ladrões os ministros, ladrões os deputados, ladrões os militares — e o sogro que lhes não morre depressinha, e uma parenta velha que lhes não deixa, e o ricaço que lhes não deu de fôro a terra que elles trouxeram cubiçada.

Por traz da mais inoffensiva palestra, eil-os que sondam, com a sua perspicacia de malandros,

a occulta artimanha com que o interlocutor pretenderá extirpar-lhes da bolsa uma gorgeta. Não conhecem o riso limpido d'uns labios desinteressados e amigos, nem a amisade que ingenuamente se offerece, como uma alma lucida de rapariga, sem reservas nem calculos. Os mesmos filhos são para a sua indole safada de fonas, como um instrumento de lucro que elles sustentam n'uma secreta esperança de negocio, e que mais tarde explorarão, como costumam especular com tudo o mais. Este egoismo, pathologico como o do papá Grandet, aguça em gumes d'alfange, por todas as arestas, a ferocidade natural do *propiatairo*, cuja unica ambição é possuir, mandar!

Seu odio contra os ricos é talvez mais torvo ainda do que a surda má vontade que já tinham mostrado aos inferiores. D'esta maneira, collocado entre duas classes que o detestam, o *propiatairo* vinga-se calcando nos que lhe ficam por baixo, e pondo ratoeiras debaixo dos pés dos que lhe ficam por cima. É elle que nos annos de vinho barato, vae pelas vindimas lançar á uva um preço caro, porque usufrua o encanto d'assistir ás percas dos grandes compradores. Elle quem no tempo das cavas incita o jornaleiro ás jornas excessivas, tendo primeiro cavado as suas vinhas; e ainda elle que nas tabernas, chupando o cigarro, com um cynismo vesgo se compraz em destruir a reputação dos ricos homens da terra, incitando a canalha a arrancar-lhe de noite as plantações, a entrar-lhe

c'os rebanhos nas cearas, e a deitar fogo ao trigo arroleirado por essas courellas afóra. Este miseravel ignorante que ninguem consulta, e toda a gente, receia, é o invisivel gnomo das patifarias aldeãs, o homemsinho das birras, das invejas, das perversidades, das calumnias, o terrivel pulha gelatinoso que mesmo fugindo, morde, e que sob uma hypocrisia de Bazilio vive no odio, como n'uma atmosphera propicia, com a cegueira despotica do mando, que elle exerce, em podendo, no sentido peor que lhe é possivel!

7 d'Agosto.—Os typos e a paysagem

Cinco horas, seis horas. O sino toca á missa, e duas beatas de capote vem ao sacrificio, com seus passinhos tropegos, uma por cada porta, cozendo os vultos vagos ás muralhas pardacentas do sanctuario. A ultima nevoa fugiu dos montes, e um ventosinho em lufadas, fresco ainda, traz de longe perfumes seccos de restolhos. Só a luz deslumbra d'intensa, ao longo das casinholas brancas, estonteadoramente brancas, de cujas beiras vae fugindo a esguia orla de sombra em que as andorinhas chilreavam. Uma carreta que passa, carregada de cortiça, muda a conversa das baiucas para outros assumptos vastos de riqueza. Na loja do

Patana discutem-se as pancadas que o Rocha deu na mulher, com um bordão de marmeleiro, quatro mil reis que o Zé Francisco perdeu á roleta na jogatina da Rosa, e «os dois engeitadinhos d'essa noite...»

A estas palavras ha pelas boccas um riso muito chasqueado de tosses: cada par d'olhos faz o circuito da baiuca, a perscrutar em qual d'esses focinhos tisnados possa haver laivos de paternidade recente. Mais ou menos teem todos contas no cartorio. E em tom faceto as represalias começam!

Tocado pelas vermelhidões do brasido, a figura do ferreiro destaca-se no fundo da forja, como uma evocação genesiaca, entre uma fuligem lugubre de tormenta. Pensarieis no titan Tubalcaim do conto de Nerval, quando das suas forjas ao centro da terra, apparece a Adoniram estarrecido de assombro.

O folle arqueja, resfolga, tem paragens asphixicas: e nas faullas que irrompem da bigorna, se o malhador descarrega o martello contra o bloco de ferro escandecido, parece que o destino vae contando, em rubras gottas, todas as infamias d'aquelles secretos miseraveis.

A praça não fica longe da forja. É um quadrilatero de velhos cazarões, irregulares de janellas, irregulares de telhados, cheio de nichos, arcos, frestas, rotulas, gradarias, com a pedra das cimalhas muito brunida pelos annos, e butareos de granito toucando os vertices dos cunhaes atra-

vessados d'escudos. Todas aquellas carcaças de palacios, antiga residencia de familias historicas, conservam o carrancudo aspecto das epocas sanguinarias, e em cada porta a ferida dos trabucos que alta noite, soccando as soleiras com a ferraria das coronhas, mandavam abrir á ordem d'el-rei. No fundo da praça, por cima d'uma arcaria baixa e primitiva, que se esboroa e amosenda, ha uns paços do concelho do seculo XVII, remendados de cimento por todos os rasgões da muralha, e em cuja frente dez janellas profilam a rigidez da sua lugubre architectura, e n'uma torrella d'ogiva um velho sino parece guardar na sua attitude ainda attonita, reminiscencias d'algum rebate miguelino.

10 d'Agosto, 8 da manhã.—Os VELHOS

Está completo a essa hora *debaixo dos arcos*, o clubsinho d'invalidos que vive á parte, gloria e monumento da villa, uma existencia de recordações puritanas e gloriosas heroicidades. Depois d'almoço, a barba ainda luzente da tarraçada de sopas, engulida, cada velhito vem de casa, arrastando a lazeira dos annos, té á palestra da tia Rita *debaixo dos arços*, uma vendedeira de farinha centenaria, que já mulher, dizem, provára os horrores das invasões napoleonicas.

A loja é uma cova lobrega d'abobada, encafuada na sombra antiga da arcaria. Por cima da porta, um nicho de pedra guarda no fundo um crucifixo, e dia e noite uma lanterna illumina a imagem tosca, que é no dizer das beatas, tribunal de suprema instancia para o bom exito das bruxarias cazeiras da villoria.

Além da velha são tres os cavaqueadores quotidianos da locanda; um capitão-mór, um frade bernardo, e um bravo do Mindello. Entre o veterano e o capitão, guerra de morte! São altercações formidaveis, que começam á segunda, e vão té sabbado, rolando as suas inauditas violencias, proseguindo na semana seguinte, chegando ao fim do mez, indo até ao fim do anno, e inaugurando o Natal novo com um capitulo inedito de reprezalias, como esses longos romances que o editor distribue ás cadernetas.

Duas unicas vezes, durante meio seculo, estiveram d'accordo, os dois tonantes—e d'ambas ellas o frade ia espichando, taes abominações aquelles mastins lhe encorreram sobre o habito—Deus sabe se arrependidos de não terem vendido melhor as baixellas roubadas aos conventos! O primeiro a chegar é sempre o capitão. Duzentos passos além, na rua ao lado, já se lhe ouvia a grossa voz praguejando contra a canzoada, e a ponta ferrea da bengala marcando nas pedras um tremulo d'espavorir a ronda e o regedor. Logo em seguida o padre vinha, ossoso e humilde, trajan-

do uma especie de casacão côr de parede, muito parecido com os seus antigos trajos de mosteiraes.

Alguma coisa d'idealmente candido transparece na miseria simples da sua compostura, que é a d'um Justo abençoando a vida nas proprias torturas dos seus algozes, e nos alvoroços da sua delicadeza, cujos pudores iam além de quanto podesse haver de susceptivel na organisação d'uma mulher.

Ao toparem-se os quatro, nos encadeirados d'azinho da locanda, as primeiras palavras que trocam são vagas, monosyllabicas, monotonas. A vida actual em muito pouco preoccupa a confraria veneravel de phantamas, ultimas, ultimas evocações d'uma epoca supulta ha muito na ignorancia dos novos. Podem esses invalidos, como introito ás suas altercações favoritas, tocar d'acaso, cerimoniosamente, com a ponta dos labios, os assumptos que entreteem d'ordinario as linguarices da villa, perguntar pelas debulhas, dar a sua feição sobre a riqueza das vindimas, fazer o prognostico da azeitona, ou ir condemnando a licença dos costumes, atravez a fertilidade mercenaria das barrigas. Mas é sempre uma palestra pallida, desentretida, pingada de silencios e bocejos, e dizendo bem que não interressa nada aos circumstantes. Subitamente, por uma transição bem preparada, o capitão bate com o cacetinho nos lagedos, empurra o escabello mais para as profundas do portal cheio de sombra, sacca picado de den-

tro d'uma tabaqueira de lata, declarando em tom peremptorio que os netos dos *sete mil e quinhentos* não deitaram virtudes de fazer muito orgulho ao puritanismo choco dos avós. E accentua *puritanismo*, o malicioso, com uma carcachada de ironia!

Lá estava á espera da deixa, o veterano, que ergue o antebraço de madeira, armado d'uma ganchorra no punho, com o cavo gesto de Moysés partindo a lei sobre a montanha. Então a sarabanda começa: os argumentos fuzilam n'uma chuva torrencial de perdigotos; e estrondeam fundo as imprecações de bocca em bocca, com o fragor de duas naus despedaçando a carcaça nos desesperos da abordagem. A tosse do frade quasi podia passar por adhesão aos fallaciosos desplantes do capitão-mór. E é o que faz pular no seu escabello o veterano. Por um instante ainda os dois se encaram. Os olhos do frade são como um brasido que se extingue nas cinzas: póde soprar-se, a incandescencia não chega. E o *mindeleiro* impando orgulhos de recruta:—quando nós cercavamos o Porto, o imperador e eu, seu frade borra!... percebe?

Com a pitada de simonte interdicta nos dedos, o religioso empallidece, arrependido já d'aquelle pigarro envenenado d'incontroversias partidarias. Mas a tia Rita desvia a conversa, por um manejo ductil de *coquette*, trazendo a bandejasinha dos figos e a garrafa bojuda do vinho branco.

Logo as physionomias se alegram. Palmas ba-

tidas, cumprimentos. O capitão tira o tricorne. O veterano faz continencia ao religioso, com a ganchorra postiça do antebraço.

E a vendedeira abanando a cabecita desplumada d'esqueleto, de chofre os acalma nos seus odios, como a imagem d'essa antiga patria, que ella vira crucificada ás rapinancias do estrangeiro. Sob a evocação das suas reminiscencias, os outros calam-se, emquanto ella repete nas mesmas palavras, sempre como do primeiro dia, ha oitenta annos, a historia d'esse regimento francez que entrou na aldeia; e os soldados violavam mulheres aos cantos das ruas, cortavam a cabeça dos velhos com a folha das espadas, abriam á machadada as portas das igrejas, deitando fogo aos palacios, e esfuracando á baioneta os ventres dos tonneis, para de bruços, sobre os regatos vermelhos das adegas, saciarem a sua sede horrivel de vagabundos. D'aquellas narrativas vem um cheiro de gaveta, a alfazema e a coisa morta, atravez do qual o espirito recua, por librar-se ao Olympo das legendas napoleonicas, tão repassadas d'infamia e magestade. Cada qual mastiga os figos com o resto das gengivas desmobiladas; e nos olhos que se alongam, como ramagens de salgueiro, sobre a lagoa morta do passado, lê-se uma saudade unanime da existencia percorrida, que nenhuma esperança, já agora, será capaz d'attenuar.

15 d'Agosto, 9 horas da manhã

Um grande sol, claro e cadente, alaga a praça em jubilos africanos, e a sua cataracta de fogo dá uma vibratilidade dolorosa ás coisas que nos circumdam, uma vida allucinada a cada simples funcção da nossa vida. Sob uma tal incandescencia, que dirieis uma tripla essencia de tortura, vehiculada em fulgurantes zoeiras d'arco-iris, adeus tranquillas sensações, ideias serenas, exactidões religiosas de sentidos, indoles mansas e amoraveis, almas translucidas e benignos ideaes de felicidade! Cada raio d'este sol é uma pata de demonio agitando nos craneos todas as sortes d'impulsões desencontradas, todas as monomanias mephistophelicas e bizarras. Razão porque sahem d'aqui tantos artistas, tantos relassos, tantos pulhas e tantos doidos. Na vivacidade macabra d'estes gestos presente-se já a Andaluzia um poucochinho, terra d'amores e assassinatos, em que é tão grato á consciencia engulir uma hostia, como seduzir uma mulher, como furar uma barriga. Pupillas vivas, inquietadoras, traiçoeiras, erraticas, cruzando os seus fogos d'arte, n'uma incandescencia de paixões vulcanisadas. E nas cabeças ambições, e nas prosapias soberba, que as inconstancias do caracter, felizmente prohibem d'attingir conclusões definitivas.

Soam nove horas no sino da torrella ogival, cheia de frestas, o velho sino que parece lembrar-se

e ter saudades do seu ultimo rebate miguelino. Já as respirações sobem de rythmo, presentindo o terrivel accesso de calma do meio dia. Trinta graus dentro de casa,—uf! uf!—o que quer dizer quarenta e cinco nos malhadouros das eiras. Uma lassidão nos começa a invadir os membros humidos, e zoidos d'enxame zigzagueam, crepitam, ao redor dos nossos ouvidos. O vento que sopra é como o halito d'um forno crepitando d'estalidos subitos, que lembram os gritos de dôr da terra ulcerada por milhões de causticos. A reverberação das caliças produz terriveis e instantaneas cegueiras, dôres tetanicas no fundo dos olhos; e como brazas, as pedras da rua fazem ganir os cães e as creancitas sem sapatos. De roda das casas nenhum filete de sombra estende a sua fita d'abrigo aos transeuntes; apenas nos portaes esboroentos e nos patamares de seteiras tenebrosas, adormecidos em silencios sonoros de mosteiro, a temperatura conserva ainda umas frescuras de crypta, esternutatorias, bolorentas, aonde os cães vão refastelar-se, deleitados.

Entretanto o anil do céo vae-se mudando para uma côr de zinco, opaca e dura, e ha sobre os montes poeiras cinzentas que dir-se-hiam peneiradas d'alto, pelos fumos d'uma cratera. D'arvore a arvore, o ruido das cigarras ensurdece quem no escuta, desesperado, triturador, como se a luz tomasse voz para exprimir as sedes da natureza, exhausta e semilouca.

Por baixo d'uma parreira, n'um pateo, ouve-se cantar a vóz d'uma mulher. Cada madraço deixa a palestra das baiucas, e vae p'ra casa refastelar o corpanzil nos deleitosos ripansos da sésta. O folle do Patana está calado. Calam-se os pregões e o ferrador. E da minha janella eu contemplo ao longe, por cima d'uma confusão de telhados, a torre do relogio, vetusta, d'uma soberba côr caliginosa em cuja lanterna o sino conta as horas d'aquella escruciadora calma alemtejana.

As vindimas

Setembro.

Agosto passa. É o mez de sazão dos grandes fructos, em que as debulhas terminam, os pecegos turgecem, abeberam os figos, e emfim se decide a abundancia ou a escassez das nossas vindimas.

Benigno de calmas, e com um ar de primavera monotona que nem justifica sequer as villegiaturas ruidosas dos ricaços, por essas quintas, praias de banhos, e estações d'aguas, o verão este anno como que participa em incongruencias, da consciencia dos nossos homens publicos, que ora se abrazam de coleras, ora enregelam d'indifferença, conforme a hora em que a mesma questão desce a envurmal-os.

Entretanto Lisboa está deserta: os theatros ás moscas; uma banda marcial guinchando no coreto da avenida, todas as noites, á obtusidade esthetica dos guardas, unicos frequentadores nostalgicos do concerto; as ruas falhas de transeuntes;

as tabacarias desertas de freguezes; e de roda das praças, sob as arvores poeirosas, raros, cada vez mais raros os lisboetas, a quem o governo paga, comparsas d'opera, para darem ao estrangeiro a illusão de que isto seja uma capital das mais febricitantes.

A escutarmos os prognosticos dos sabios, parece que Agosto vae desforrar-se em poucos dias, quanto a ardencias, das benignidades pachorrentas do seu collega Julho: e uma nostalgia de campo acode ao espirito de quem, como eu, tem cá dentro, sob os involucros postiços d'um pensador e d'um *artigoleiro*, a alma candida, contemplativa, simploria, d'um aldeão tresviado á cultura dos seus campos, e d'um lavrador captivo, que a todos os instantes suspira pela rabicha do arado.

Agosto passa. É o momento das feiras e das romarias. Os ultimos calcadouros de trigo devem estar-se a debulhar por aquellas herdades do Alemtejo, sob o céu caustico, esfumado, em cujo azul de chumbo paira a voracidade sinistra dos milhafres e dos griffos, de roda ás anafadas gallinhas dos casaes.

Ahi vem agora em plena exhuberancia as verduras brunidas da paizagem vinhateira, cujos metallicos pampanos ascendem por cima d'arvoredos e valados, na esthesia dos seus viços bravios, pendendo os cachos ingurgitados de succos, cuja diversa tintura já começou d'accentuar-se. Lebres,

corvos, codornizes, pardaes, tudo agora se abate sobre a vinha esbagoada em topasios, amethistas, rubis. Fome, coitados!

Por ahi quasi de todo seccos, os pastos. Nem um grão que debicar nas courellas apenas cobertas de restolho; e o sol que os abraza, e deslumbra, e mata de sêde, faisca nas pedras, e põe mordentes brilhos na caliça branca das casarias.

Oh! quem me dera ser um camponez, como que uma emanação da paizagem que o meu olhar abraça d'aqui, e bem forte, bem novo, bem fulvo, recolhendo ao anoitecer dos mattos com o meu feixe de lenha á cabeça, a carreta do vindimador chiando por algum corrego pittoresco, e um cordeiro que balasse adeante, na linha dos antigos deuses foragidos, a elegia violeta do morrer do sol! E de roda de mim, por cima de mim, ouvindo as tristes gottinhas d'agua cahir, com o seu *ting-ling* de fonte amoravel, no coração dos musgos romanescos...—Evohé, padre Baccho!

Dentro em pouco chegarão as vindimas, festa d'abundancia n'esses logarejos pobres, em que os terrenos delgados não parecem felizes para qualquer outra cultura.

Emquanto o Meio-dia e o Sul colhem e pisam a pés de homem, os cachos rubidos e opados, no lagar aonde o mosto ferve, como n'um mysterio dyonisiaco, ao Norte, pelas encostas do Douro, so-

branceiras ao rio, já se não offerece como outr'ora o espectaculo da verdura hilariando em varios tons esmeraldinos, e os exquisitos recortes das parras, dando a illusão de pequenas faianças d'esmalte maravilhoso.

Toda essa cultura panoramica da vinha, deitada aos hombros de montes risonhamente accidentados; toda essa cultura expirou, subito ferida nas exhuberancias da seiva: e em cada inverno as tristes populaças pedem esmola, lastimando a saudade dos dias fartos!

Não terão de correr bastos annos, quem sabe? sem que o terrivel insecto desça as cordilheiras, atravesse os rios com pontes invisiveis, e jorrando nos valles do Alemtejo vinhateiro, vá lançar terror e morte num dos mais opulentos trechos de cultura d'aquellas ricas provincias de lá baixo. Gozar portanto os ultimos espectaculos d'esta singular e caprichosa magica das vindimas, estrepitosa, doida, lesta, animada—como se ruidos de fanfarras, choques de cymbalos, rufos de tamborins, gargalhadas de bacchantes, estrupidas de centauros, viessem ajuntar as suas expansões, os seus brados, os seus choques, ás cantigas ardentes e aos idyllios de vindimadores com vindimadoras.

Atravez a bruma das edades, vão os meus olhos sonhando, em ridentissimas miragens, a pompa das vindimas no mundo velho, que os prosaïsmos da vida egoista exautoraram das suas galas mythologicas.

É a cepa, transfigurada num deus adolescente, arico d'origem, com a cabeça cheia de diabos azues, caprichoso e hysterico, que pelo enthusiasmo das festas inspira o theatro ao mundo antigo; deus fugaz, inexplicavel de genio, amoroso, faiscante, risonho, sanguinario, terrivel, que ora se disfarça nas efflorescencias do symbolo, ora faz boiar á flôr da realidade, o seu divino corpo d'ephebo, perfumado e nu. É elle o ultimo gentilhomem do Olympo que deixa a India, sua mãe patria, para entrar na Grecia embalado nos braços de Sileno, o velho frascario que lhe incute os segredos convulsivantes do morto, e as voluptuosidades rubras das vindimas. Desde então, ensaiam represental-o, por um fetchismo intencional, n'uns esboços d'esculptura, d'onde a imaginação grega virá a arrancar noções para as futuras e extraordinarias metamorphoses do deus.

Aos juvenis amores que por entre as vinhas passeiam as primeiras emoções do idyllio, escandecidos de sol, enlaçados, e com o olhar absorto no desejo, elle apparece nas nodosidades das cepas que de acaso pareçam modelar alguma mascara de cara galhofeira, com a sua grande barba de pampanos, e as vides que ascendem, scintillando nos seus vernizes circulantes, e que rolam n'uma especie de anceio tumultuoso, são como os braços do deus, abertos para abençoar os noivos que passam, estreitando-lhes as cintas afim de melhor lhes condensar o prazer. Não ouvem?

Já lhe levantam estatuas, e poetas anonymos lhe tecem genealogias bizarras, aonde as allusivas transparencias da fabula deixam recompôr um pathetico culto á natureza.

Elle é o filho de Semelé, terra vegetal, fecundada por Zeus, deus do ar, d'onde escorrem as chuvas da primavera, sendo a terra abrazada em seguida pelos fogos do estio. Porém seria imperfeito, roubado á acção maturativa dos grandes orvalhos do outomno: e eis que chegam para amamental-o e fortalecel-o, as Hyades pluviosas, brancas filhas do Oceano, com os seus peitos gottejantes.

Já a creança assim robustecida, vem mostrar-se em marmore nos baixos relêvos dos templos, correr nos atalhos tepidos da Hellade, sob latadas dithyrambicas, n'um carro de panteras negras, entre satyros com pés de cabra, musicas rusticas de frautas, e juventudes que esbanjam virgindade nos amplexos selvagens do vinho—todos os vortilhões emfim do sangue que formilha vitalidades irresistiveis! Desde então, as vindimas tornam-se a doida kermesse dos paizes do sol, tudo dansa, tudo canta, tudo ri!

O amor é um divino poema enquadrado nas paizagens violentas da vinha: e para o lêr é necessario ser novo, estar forte, e beber. Baccho faz-se agora o riso do lar, a flamma do holocausto, a vida intima do corpo, a energia dos musculos, a faisca do genio, a escadencia do sangue—turbi-

lhão que explue n'esse vasto movimento impulsional, e nas palavras deixa titubiamentos sublimes, e exacerba todos os ardores, e incende todas as coleras, e esgarça ao vento todos os raciocinios e todas as tristezas. Eil-o ahi de taça alta, feita d'um concavo de casca d'arvore corôado de parras, os olhos borrachos, expremendo o sumo dos cachos olorantes, com a sua tenra figura d'Apollino radioso, amollecida n'uma delicadeza de linhas morbidas ainda de juventude, em cujo botão parece dormir, nymphea alba, a graça viril do futuro adolescente—e as roscas de carne sobram-lhe nas curvas dos pequeninos membros relaxados de vinho.

A sua edade caminha e progride, e aperfeiçoam-se em parallelo os mysterios do culto que o paiz das estatuas lhe volta. Esta divindade imberbe e infantilmente amorosa como um primeiro periodo d'ebriedade, não pede em começo mais do que pequeninas festas campestres, sem grandes pompas rituaes, sem ruidos, nem cortejos de cidades, nem marchas de guerreiros semi-nus, entoando o *poean*, nas cadencias do passo gymnastico. É um deus rustico, que na epocha das vindimas, quando as abelhas zumbindo se abatem d'entorno ás videiras vergadas de fructos, se faz passear em effigie tosca, ao de redor das vinhas, n'uma padiola levada por vindimadores.

Um escravo conduz adeante um vaso engrinaldado de parras, em que referve o primeiro vinho do anno. Outro, após elle, traz um cesto de figos; em volta escorregam valsando os pares abandonados — e logo uma virgem ergue acima das cabeças o *phallus* sagrado, symbolo da fecundidade.

Nada encantador como esta procissão pagã, glorificadora das grandes forças misteriosas da terra, e congratulando pelo amor os espiritos sinceros do povo. Ainda agora as nossas vindimas parecem guardar reminiscencias d'estes primitivos cortejos, cheios de cantigas, volitando em danças rudes, e cuja gracilidade plastica dir-se-hia attinente a divinisar as culturas sacras dos vedonhos.

Nos mais antigos vasos gregos, a pintura retrata esta forma inicial das bacchanaes, com o seu cortejo animado, desfilando ao clangor dos Evohés, entre corôas de parras e tyrsos.

Uma pedra achada em Ostia, diz Paulo de S. Victor nas *Deux Masques*, representa Baccho já homem, com um leque de barba feito de quatro azas d'abelhas, e a risonha bocca entreaberta, como um cortiço aos enxames. Não é ainda o deus terrivel que se vae abalançar á conquista do mundo, egualando por suas estranhas metamorphoses as aventuras do Vichnou hindustanico, mas um companheiro alegre, um borracho benevolo e dedicado, um deus bom rapaz, que nos faz esquecer na sua hilaridade, todas as horas más que a vida tem.

Breve, mui breve todavia, essa phase de *non-*

chalance olympica se apagará, desde que se lhe faça impetuoso o sangue nas veias, e lhe refervam lá dentro os ardores da edade, e lhe retumbem explosões de paixão dentro do peito.

Já elle começa a exigir sardanapalicos amores aos seios alvinitentes, que apenas um calmo arfar santifica; já elle encanta e perturba as ligeiras cabeças loiras, com os penetrantes vapores que exhala.

Um riso baba-lhe dos beiços, e escancara-lhe as fauces, bestialisado n'uma especie de sensualidade ululante.

Ha crispaturas na sua face barbuda e grosseira —e as cordoveias do pescoço entusmecem-lhe n'um preambulo de colera phrenetica, e d'embriaguez furiosa, que aspira, com a venta tigrina, o sangue dos assassinatos.

Já aos seus gritos os espinhaços das pantheras negras do seu carro se arqueiam e corcovam, nos espasmos que o fumo do sangue desperta; e o cortejo se mescla e engrossa de figuras nada tranquillisadoras. Ás harmonias da marcha cadenciada, succedem-se hesitações nos grupos, fumaradas d'orgia que avança pedindo cruezas á carne, vortilhões de monstros luctando entre o lampejo metallico das flexas! Os beijos furtados uivam d'appetites convulsos. Entre a furia dos mugidos bacchicos, á luz dos fachos, sob as ramagens dos loureiros, dos cyprestes e dos plátanos, rodilhões de personagens galopam, em ex-

tranhas promiscuidades, cantando nas penumbras do bosque, de redor do carro do deus. E tudo se anima e transfigura com elle!

Já os satyros advem por esquadrões, e os troncos da floresta rasgam os seus ventres centenarios, para deixar sahir as dryades, desgrenhadas e loucas, com insectos d'oiro em constellação sobre os cabellos verdes.

Mil e mil abstracções symbolisadoras das fecundas seivas da natureza, tomaram corpo, engrossando a turba, e desfilam por extranhas familias, elle egipans, centauros, silenos ventrudos como guardiões, esboços de creaturas, caprichos d'animalidade, monstros creados com retalhos de todos os seres, meio homens, meio cabras, meio serpentes, meio genios... — grandes larvas exoticas do humus terreno, que muitas forças tivessem fecundado ao mesmo tempo!

Eis que a orgia attinge paroxismos tragicos, e espadanando nos valles, começa por assolar os tranquillos campos, como um diluvio de bufalos selvagens. É quando a festa debandou em catastrophe, e dos peitos golfa a podridão das vinganças!

Como no sacrificio da missa, transfez-se o vinho em sangue nas taças dos sacerdotes, e vivo ainda, n'uma agonia muda, lá vae manchar as máscaras de gesso das bacchantes, e as suas tuni-

cas fendidas d'alto a baixo, sobre os seios abocanhados.

O furor do vinho leva á morte as primeiras victimas: é o deus que reclama sacrificios! E o mundo inteiro se apavora d'esta terrivel colera sanguinaria — as arvores que supplicam clemencia, com os seus braços d'escravos vergastados; passaros tresnoitados que fogem, ramo em ramo; e as aguas dos regatos, enrubescidas de sangue d'innocente. Evohé! São as bacchantes que debandam contra os massiços da folhagem, a estrangular nos seus antros os leõesinhos de mama! Satyros que asphyxiam as nymphas, com seu amor de bestas féras! Touros decepados, cuja agonia guarda a religiosa tristeza d'um cantico. Evohé! Evohé — e de todas essas carnes que agonisam, e contrahidas mugem, jorra um sangue generoso, em fumaradas, que se espalha e circula, regando a terra commovida por hecatombe tamanha.

Tal é a evolução mythologica de Baccho: psychologia do vinho, esmaltada n'um quadro allegorico, que eu vejo e revejo nas suas maravilhosas contramarchas, com os olhos absortos de Canova contemplando os frisos do Parthenon.

Os pobres

O anno novo entrava por um dia de vento e d'aguaceiros. Céo pardo, terra transida, e nas arvores e nos cazaes a desolação da miseria erguendo os braços. Entre Vidigueira e Pedrogão ha um caminho que vae travez charnecas, sem abrigos nem pontes, claro e ondulante sobre o dorso das terras, e que quanto mais se percorre, mais infindavel parece, o negregado!

Na margem não ha âzinheiras nem abrigos. De verão o sol calcina-lhe os saibros, reverberando cegueiras ao olhar de quem no fita. D'inverno, as enxurradas sulcam-no de barrancos, descarnam-lhe os pedregulhos das barreiras, e vê-se de roda o campo triste, cheio d'estevaes e matto curto, onde nem sequer palpitam azas.

Ora, ao desprender da noite, um mendigo deixára a Vidigueira lentamente, depois de ter pedido esmola pelo povo, e de sacóla ao hombro e descalço, não tendo mais que fazer n'aquelle

burgo estranho, onde até os cães lhe arremetiam, perguntára numa ponta da rua, rente ao campo, a uns camponezes que recolhiam bebedos, cantando, onde é que poderia ir dar aquella estrada.

— A Pedrogão, amigo. É terra farta. Quer p'ra lá ir?

O homem pareceu consultar o olhar dos seus interlocutores.

— Eu sei! fez elle humildemente. É longe?

— Longe, não digo... e o segundo dos bebedos apontou para uns outeiros, dizendo:

— Em vocemecê chegando á ermida, já póde vêr, da outra banda da ladeira a casaria.

O pobre então, depois que lhes deu as santas noites, metteu-se ao caminho, com o bordão dianteiro, como quem busca piso seguro no cascalho. Para traz, na villa rumorejante ainda das frescastas do dia santo, Trindades badalavam; a noite vinha, lobrega e cinzenta, e na pouca luz do ar, apenas dois candieiros de petroleo chagavam de vivo a corrugação cinzenta das ruellas.

Elle, voltando-se, ainda ouviu no ar a injuria do bebedo, que lá na ponta da rua, á porta d'uma venda, lhe gritava:

— Oh filho d'aquella realissima bebeda, moinante! Em lá chegando, não te esqueças d'ir cear com Barzabú...

E a torrentes a chuva, o vento a esbofetear as arvores, silvando, e gemidos tristes exhalados de tudo, como se a natureza, mendiga eterna, esti-

vesse sendo espancada injustamente. O pobre diabo vae, caminho fóra, sem atinar co'a ermida nem vêr montes. Leva o chapeu de travez, a manta rota, á guiza de dalmatica, e parece que regula o passo pelo bater do bordão no saibro espapaçado, e que entregou ao *Bemdicto* que vae rezando, a mercê de lhe deparar valhacouto onde dormir.

Queixas da vida não sabe. Reacções colericas, deliu-as no invectivar inutil d'outras noites. E como do passado nada lhe vem que saiba a felicidade, as mais crueis miserias lhe pareceram sempre coisas naturaes.

De feito, a sua retentiva não é capaz de registrar, por quanto faça, outras scenas a mais que desconfortos, humilhações, penurias, fomes... A mãe parira-o sobre as palhas d'um telheiro, á volta d'uma feira, e fôra deixal-o á entrada do burgo, perto da fonte, onde umas rapariguitas o acharam depois, roxo de frio. No cazebre do hortejo onde o crearam, tudo sabia aos amargores d'uma pobreza quasi tragica, a mãe cheia de filhos, pae bebedo, pancadas, zangas, e ao de redor nada mais do que farrapos e immundicies.

Vida d'acaso, antes da sua mão poder agarrar as saias da madrasta, outras enclavinhadas mãos ferozes, de verdadeiros filhos, lá contravem ciumentas a expulsal-o. E como se lembra dos tratos, das palavradas crueis contra a viciosa origem do seu corpo, do quinhão das refeições, o ultimo sem-

pre, sempre o peor e o mais minguado, e como aborrece ainda agora a lembrança d'esses irmãos e d'esse pae cobrindo de chascos cynicos o geratorio eventual que o concebera! Inda não homem, calcam-no já mysantropias e cerrações d'intelligencia inexplicaveis: apraz-lhe a vida errante, as longas absorpções no seio das hervas, emborcado nas veigas, á margem dos barrancos, dormir no campo, ir ás empreitadas longinquas pelo tempo das cávas e das ceifas, migrar, errar, viver d'acaso, e nas albergarias das herdades, a quando chuva, dormir sobre a cortiça dos poiaes, com'os maltezes. Assim passa insensivelmente de rapaz de mandados a guardador de rebanho, de fedelho da monda a cavador d'enxada, entrementes que o arcabouço lhe avulta em ossaturas de pobre mal comido. É um d'esses typos d'expulso a que as raças regressam, como anojadas da copula bestial que lhes deu causa, monstros da fauna humana, que a natureza recalca em soffrimento, envilecendo-os de proposito, na edade em que a fórma animal, transcorrendo da adolescencia extréme, á puberdade, reveste em todos os seres linhas de força, e musculaturas de nobre estatuaria. Só no corpo d'elle a adolescencia quasi que tem stygmas servis, cyphoses de trabalho nos ossos longos, incurvações nas pernas, a espinha giba, os braços bambaleantes, e taes espessamentos de pelle, rugosidades, lannugens, que dirieis um orangotango domestico, prognatha horrivel, barbi-raro nos beiços, hirsuto,

torvo, mas em cuja fronte baixa luzissem duas lampadas christãs nos olhos tristes.

Dest'arte a solidão guardára n'elle, intacta, a primitiva indole sem laivos de cultura, e como vivera sempre á margem, inviolado na sua fealdade suja de monstro, esta mysantropia o defendeu do amor como d'um sentido superfluo, adormecendo-lhe o sexo, como se elle fôra um bicho para que não houvesse na natureza ser complementar.

Noites errantes, madrugadas no pallustre arrosal em cujos limos verdes o valador mergulha até á cinta—calmas nas eiras, no calcinante meio-dia das debulhas, quando as arvores succubem na fornalha solar que musga as proprias rochas—lavoiras nos atasqueiros dos baixios, já as alveolas de Janeiro saltitam pelos regos fumegantes, taçalhando os bichitos dos torrões—caso vos recordaes, dizei, de o vêr fainando entre a matrulla dos ganapães que todos os annos migra das aldeias ratinhas, para as grandes herdades do Alemtejo? Elle é esse casmurro humilde de quem mangam sem piedade estranhos e visinhos, crivando-o de semrazões qual mais sardonica, sobre a miseria das roupas, os rasgões da camisa, e a sordidez de ganhar sem dispender. É o que mette o garfo ultimo na malga, ás tres comidas, é o que soffre as montarias pelo tamanho das presas que manduca, e o

que ficando sempre com fome, todavia ganhou reputação de garganeiro.

Por onde quer que vá, já o conhecem: trabalha como um burro e não ha ninguem que lhe não chame preguiçoso; faz os misteres humilhantes da companha, dar agua aos ranchos, varrer o esterco dos curraes, levar as burras á cavallagem dos rocins, e isto não impede que todos citem a sua soberba, e alardeem do seu resmungo ás ordens dos manageiros e dos feitores.

Uma tristeza alvar alonga-lhe ainda mais os prognatismos barbosos da queixada, tem olhos doces, de cão expulso, mal empregados, tão longe! —mas não obstante a sua mansidão passiva, desinteressa: as raparigas receiam, não sei porque, d'esse gorilla casto, uma cilada; os homens no fundo inquietam-se dos monosyllabos com que elle responde cerce ás assuadas; e ha um mau-estar de roda d'elle, que é tudo, asco, receio, desprezo, como se n'essa desprezivel pilha humana, tanta força physica perdida fosse ao mesmo tempo um insulto ás leis da graça, e uma anomalia ás leis do movimento.

O que o desconsola mais é nos bailaricos recusarem-no as moças para chuleiro, e nas danças de roda deslisarem-lhe os pares pelos andrajos, com um receio de piolhos, insultante. Pelas adiafas da ceifa, ou em Fevereiro, quando se acaba na lagariça a mastuga da azeitona, se o lavrador é bizarro, mata-se na herdade um chibato barbão para

ensopado, vem raparigas da aldeia e *montes* perto, e é um dia de festa entre a «cambada». Logo pela manhã, mastro no pateo, com festivas verduras de medronheiro, mentrastes, flôres do monte; depois, na cosinha, o brazido d'azinho e vides seccas, as panellas, de roda, escachoando, os arrôzes d'ôlha gordos de toucinho, as orelheiras com couve e grãos durazios, e ao centro do lumareu, na plena chamma das vides, que dois ou tres renovam, o enorme tácho onde a badana guiza, fedendo os seus fartuns de matto, entre batatas, pilhas de cebolla, montes de salsa hortense e colorau. Ai, n'esse dia é o ratinho o rei da herdade, porque findou a empreitada, o lavrador está satisfeito: e as almas fundem-se n'um enternecimento de separação mui cordeal, entrescutam-se os signos do futuro — quem voltará pr'o anno, quem terá *brazilado,* ou quem terá morrido?

Emfim, coração lesto! o que ha-de ser, será... — e os velludosos olhos da rapaziada beirã luzem com essa vaga doçura do vinho unido á pena, quando sentados ainda de roda do almoço, ouvem no terreiro o adufe das moças alemtejanas que os concitam...

O rouxinol quando bébe,
Na fonte d'agua corrente,
Tira pennas com que escreve,
Cartas ao amor ausente...

De rustilhada, vá de desencasquear focinho e mãos no lavadouro apar da fonte, de pôr a vestia nova, e de trocar os tamancos por sapatos. N'um abrir e fechar d'olhos, eil-os promptos, com as guitarras zoando, os chapeus para a nuca, os beiços rubros e os olhos amorosos.

A, I — oh ai!
Na fonte d'agua corrente.

e a estrupida das sólas bate compasso á melopêa lenta das cantigas; de roda do mastro vão os pares deslizando n'um requebro de rins, caricioso, os adufes soluçam...

Só o meu monstro não tem vestia nova, nem sapatos de vitella. De vez em quando, diz-lhe o manageiro, á bruta: — cá está o lambão a pensar na morte da bezerra. Eh, meu preguiça, olha o ensopado que esturra! E elle, de cabeça curvada, vae mecher. Ninguem o quer, os moços da lavoira arremedam-lhe insultantemente a gallegagem da pronuncia, está para alli sentado n'uma pedra (alguns cuidam-no bebedo) com a camisa rota, o coração errante, e cada vez mais feio, e cada vez mais corcovado — vinte annos no lombo, e nem uma cachopa que lhe diga do rancho «anda bailar».

E é assim que envelhece e se inutilisa, lambendo os pés de todos, e obrigado pela reclusão a considerar-se toda a vida um ser nefando. De não ter familia nem casa, resulta ser para elle o mundo

um immenso erradouro, onde o seu papel é defender-se dos virotões que lhe arremessam. Noção de lar e presbyterio, amisades d'infancia e folguedos de rapaz, a nenhuma d'estas monotonas memorias, que são o passado de todos, este infeliz poderia prender uma saudade. E é por isso que a chuva d'essa noite o não trespassa, que o vento o não regela, e que os apupos dos bebedos e as correrias dos cães lhe deixam o espirito impassivel, como a repetição d'um caso familiar.

Essa noite hostil dizia o pobre, em sua resignação de besta soffredora:

—Bemdicta seja a chuva que faz celeiros na terra, bemdicto seja o vento que varre do ar as febres e as doenças, bemdicto seja Deus que castiga o mau, e dá agazalho aos pobres nas pedreiras!

Lá adeante o bordão com gesto tremulo, a sacóla pingando, baldada a invocação—pois ninguem escuta, Deus foi-se embóra, a devastação senhorea-se dos campos, e uma furia de mal sopra na terra, a ponto que elle emfim pára, cégo das trevas, tateando aos dois lados, já sem saber por onde a estrada segue, porque as valetas ao lado extravasaram, o terreno amosenda, e a exurrada leva no seu roldão, saibro e cascalho. Medo. De que? Ha só o homem que o tenha, e elle era um animal bravio das selvas. Mas é que verdadeiramente

a sua fadiga é infinita, uma fadiga secular, ancestral, com ancias de regresso aos vegetaes que não precisam de caminhar para viver. Oh, como a tormenta lhe lança, pelas mil boccas do céo do ar, das cachoeiras profundas, das arvores chicoteadas, das catapultas do monte dispartindo penedos sobre os valles, provocações a que se aventure mais n'aquella diabolica d'elementos. O vento falla-lhe: primeiro um som de seda rasgada, sibilante, que vae por extensões kilometricas, escarneando nas ramas, té encontrar barulhos novos: após rumores cávos, d'aguas fervendo, estalos de troncos, troar da solidão martyrisada enchendo a noite e a natureza de blasphemias! Todas aquellas vozes espantam-no, e o pobre de pé, sob as bategas de chuva, parece perguntar o que pretende d'elle a tempestade. Emfim, deixa o caminho, aos tropogalhopos resvala, como póde, por uma barreira coberta d'estevaes e de trovisco; depois no montado, sentindo na cara as bofetadas do piorno, adevinha no som de furia grave que por cima rabuja, grandes braços immoveis de sobreiros. Ahi começa a tropeçar nas raizes, a ir de focinho aos troncos dos colossos — e por entre a treva cahotica nem um vislumbre de guia!—quando subitamente, ao largo, julgou vêr bruxulear o quer que fosse.

Outro qualquer, perscrutando n'esse deserto o ponto pyrilampico, restaria indeciso, tomando-o por uma allucinação da vista encadeada, tão rapido elle fôra, e tão unido o negrume das espessuras do

montado. Mas o mendigo tinha esse olhar notividente dos animaes a monte, capaz de destrinçar na treva, fios de cabello, e facil lhe foi guiar-se até ao sitio provavel em que luciolára o bruxuleio.

Foi-se avisinhando manso e manso, aos saltos por barrancos, a afocinhar por deladoiros d'agua represa, só com um desejo agora, alapar-se n'um concavo tranquillo, onde dormir de borco, como os lobos da serra ao fim de monteados. E em pouco tempo os seus passos faziam-se mais lestos, pegou de caminhar cozido á terra, té que a pupilla de carnivoro lhe distinguiu no labyrintho da noite, um grande cubo, esburacado nas faces, pocilga de marrãs, ovil de rêzes, albelgaria de malta ou quer que fosse... Fez então dous ou tres giros, circumtornando o cazarelho, sempre a auscultar-lhe os haustos do interior, e rapido viu que uma das paredes faltava, havendo na opposta um portal aberto sobre a noite, e por cima restos de ripado e telha vã, livrando da chuva o espaço intermediario. Inda ficou a perscrutar o silencio do casebre, sustando a respiração com mil cautellas: mas nada bolia, um halito morno, d'estrumeira podre, baforejava de dentro; e elle enfiou a cabeça pelo carbonoso concavo da tóca, circumvagou o olhar de gato bravo — vio sob cinzas, a um canto, esfriarem agulhetas de braza, já sem reverbero vital, d'algum magusto de pastores deixado ficar, ao fim do dia... E penetrando na casa, dava as santas noites, tartamudeando, n'um receio de mendigo, a Ave-Ma-

ria, e ás palpadas do bordão foi-se acocorar perto das cinzas, donde radiavam ainda agazalhantes báfos de calor. Um apasiguamento vinha-lhe á miseria, uma fadiga fundente, misturada de ternura, por se lhe ter deparado sitio enxuto. E toca a tirar o pão para a ceata, a fazer da sacóla travesseiro, e a pendurar emfim a manta no cajado, porque de manhã podesse envergal-a secca, novamente. Oh que aguaceiro d'inverno, Santo Antonio! Que ventania furiosa! pensa o triste, já descuidoso de si, todo occupado a lastimar quem lá por fóra patina a noite inhospita. E como o pão de rála lhe sabe, e como o agazalha doce o cazarelho, e a vagabunda penuria subito se lhe alcandóra em perspectivas de fartura! Ligeira, tepida, uma sensação de bem estar calenta-lhe os martyrios, correndo o ventre, derramando-se-lhe pelos canaes de veias e d'arterias, enchendo-lhe braços e pernas d'uma energia nova e muscular. E é essa sensação que reverte, por um prodigio de bondade, a alegria do paria em misericordia — misericordia por todos os soffrimentos alheios, perdão para todas as injurias soffridas — e d'esse instante, eis o pobretão senhor do mundo, eil-o redemptor, transfigurado, amigo dos cães que lhe ladram, dos paes que o engeitaram, dos camaradas que o escarnecem, dos bebedos que lhe chamaram bebedo, dos ricos que o fizeram zurzir por seus lacaios...

N'isto, uma vóz:

«*Salve Rainha, mãe de misericordia...*» Jesus! se fosse alma penada! E subterranea, esparsa, entrè uns assomos cávos de bruxedo (valha-me Deus! valha-me Deus!)—assim a modos longe, mas parecendo vir d'alli pegado ás cinzas do brazido, d'uns poucos de sitios do chão ao mesmo tempo... E ouvia-a mais dizer: «*Bemdicta sois, entrè as mulheres...*» com um grande intervallo sepulchral entre as duas partes da oração. Já o pollegar lhe fazia na testa, na bocca, sobre o peito, os tres signais da cruz da caballa christã, preservativos do démo, e o coração lhe soava d'uma d'estas curiosidades de sobrenatural, que são o bello horrivel da superstição camponia em cáta d'aventesmas, quando n'uma aberta do vento julgou ouvir o rálo da respiração broncheal d'alguem que alli pertinho amadornára. Pôz-se a escutar, sentiu um bafejo lento, com dous ou tres soluços curtos no hausto, um gemido em cada expiração: e de repente, na sombra, o quer que fosse d'afflictivo, que se resolvia por alguma palavra desatada dos rozarios do sonho, mas dita pr'a dentro, e cheia d'evocações sepulchraes que estarreciam. Gente pacifica dormindo, em todo o caso. Ai, respirava! Quando nitidamente a mesma vóz disse «José».

O nome d'elle. Porque será que lhe palpita o coração d'envaidecido? E como um tanganho de esteva eil-o começa a mecher vagarosamente as cinzas quentes. Mas as ultimas brazas tinham-se apa-

gado, e elle continuava a circumtornar com o tanganho o unico ponto rubro do cinzeiro, e emquanto as cinzas mechia, d'um brazeiro talvez que outro gozara, a memoria a seu turno lhe ia agitando tambem circularmente, as recordações da mocidade, não por sequencias nitidas, actos d'evocação methodica, mas aos dispersos, sem nexo, como bocados d'uma historia rasgada muito tempo já depois d'escripta.

«...d'uma occasião, na feira franca, a primeira vez que se sentira homem, uma cigana tinha-o convidado a dormir, n'uns cazarões; mas não apparecera, ao fim d'uma noite inteira d'aguardal-a! Outra, em Alvito, déra com elle n'um barranco d'aguas ferreas, e incitara-o; pegando de zombaria a quando o viu prestes a dar-se».

«Depois, mais tarde, a sua grande paixão pela filha do manageiro da Casa Branca, que todos os rapazes da malta requestavam, trigueira d'olhos verdes, e que afinal fugiu com um prior...»

Vá d'agitar as cinzas do brazido, cinzas d'idyllios mortos, desejos insaciados, alma sósinha a aguardar toda a vida, a alma irmã! Não, não sabereis dizer porque motivos lhe palpita o coração d'envaidecido, e porque uma ternura intensa o deliquesce, quando novamente a mysteriosa vóz regouga a oração. Este alvoroço de resto não é novo, porém reminiscencia talvez d'emoções analogas d'outras epochas da vida, que lhe fazem desconfiar que não esteja longe uma mulher. E a re-

cordar-se dos seus trinta annos de vida vagabunda (noite sinistra, açaima os teus latidos!) do seu rolar no enxurro humano, escarnecido pela fealdade de macaco, enrodilhado pelo desprezo geral da sua força (ventos, não lhe acordeis o placido aconchego!); e do amor nem trago que dessedental-o á beira da procreação universal, de que elle em toda a vida não fôra mais do que a resignada testemunha! Trinta vezes d'ahi lhe accorda dentro a resurreição do instincto masculo, essa reprezalia da natureza brutal exigindo cevar-se entre mugidos —a sombra confidente, o sitio impune—quando outras tantas uma lassidão de monstro batido, feita de chacotas antigas e d'atrophias parciaes do orgulho genésico, rapido lhe trava a audacia d'um assalto á femea indefesa. E eil-o acorrentado mais á sua bisonheria nativa, como um cenobita hysterico, á proporção que o almiscar da femea lassa, d'alli tão perto o nevrosthisa. Ronca-lhe no peito uma furia de sexo escachoante, n'um só minuto galgando, subito, a distancia que vae do rapazinho tibio, ao macho feito: mas impossivel decidir-se! o espectro da deformidade physica paralysa-o, susta-lhe a audacia um vago horror de que o repillam: e fica-se alli, d'olhos perdidos, alagado em delirio, e entre elle e ella deitado o demonio do escarneo, preservando os dous vagabundos da lascivia...

Accorda sem saber onde está, com a bocca a escaldar de saibos typhicos, n'um cahos de treva,

que o regelo trespassa, lado a lado. Umas poucas de vezes quer reencontrar as ideias entre que fôra perdendo a noção da realidade, reconhecer-se, palpar-se, dizer «ah sim, sou eu!», mas por um singular retrocesso, é como se fosse outro mui differente; pensa e não é a sua cabeça, agita-se e não é o seu corpo, e aquelle mesmo juvenescimento tem uma causa de suggestão diabolica que o alarma, quando subitamente elle adivinha na sombra o enredamento de fios que a femea tece á roda d'elle, agora desperta, e de tentada arvorando-se, por uma inversão de correntes animicas sutilimas, em tentadora. Esse enredamento fia no ar como um casulo de crapula, absorvente, que o circumda todo e que o prende, e o esfuria, e d'agulhas lubricas o criva—que trepa por elle e o estrangula, acelerando-lhe a vida, como um licor de morte allucinante. Já sob o imperio das raivas de multiplicação que radiam d'ella, o descalção se arrasta, de braços estendidos, á procura do centro hysterogeno de peccado, emquanto da outra banda a femea se debate n'um desespero semelhante ao que lhe dá. Andam assim nas trevas procurando-se, de rastos como cobras, lacerando os farrapos, os torsos na espiral do mesmo adusto anceio; e afinal acham-se, o contacto das suas carnes dá na sombra uma crepitação d'escamas d'immundicie, quando alfim elle, subito liberto, pelas impunidades da treva, das suas preoccupações de hediondez, ala sobre ella o monstruoso corpo de colosso, que phos-

phoreja e stria, como um mastodonte cioso, os grandes musculos. E as unhas rasgam-lhe os rins, para craval-a em si com furias de chacal. Cavas, oppressas, ouvem-se as respirações suflar bestialidade, e d'ambos os dois as sedes são vorázes, e o resfolego das duas machinas irmana-se, rimando os urros e soffreguidões das suas virgindades envelhecidas a pontapés, sob os desdens carnaes de toda a raça humana.

Assim estrebucham a noite n'uma orgia spasmodica, luxuria e danação, que faz das suas nupcias, bacchanaes. Até que saciados, antes que a manhã dealbe o céo luctuoso, cada qual deixa o cazebre por sua porta, sobraçando a sacóla sem voltar a cabeça, calado, indifferente, estranho ao outro, e não tendo podido mesmo fixar-lhe, na escuridão profunda, o vulto incerto. Já longe páram, separa-os o deserto, e ambos põem o ouvido á escuta, a vêr se o outro o segue. Por fim come-os a treva, nunca mais se encontraram, nem ao dia seguinte teriam já meios de reconhecer-se.

...tal como duas anonymas forças, que incidentes n'um ponto do espaço, produzem pelo choque um certo effeito, proseguindo na róta logo, sem mais lembrança da conflagração que acabam de causar.

Amores de Sevilhano

A convalescença de Maria da Piedade pareceu emfim annunciar-se quando a familia fallou em fazel-a sahir do recolhimento aonde se estava acabando a educação da pobre toutinegra. Todo o inverno ella andara triste, pallida e tão abstracta, tão alheia, que para despertal-a era preciso gritar-lhe, repreende-la com palavras, que mesmo brandas lhe punham rosas nas faces, e tremores nervosos nas mãos.

Oh! que differença, que differença ella agora fazia da educanda viva e impetuosa d'outros tempos, quando entre os quatorze annos e os quinze, a sua endiabrada alegria reboava nas frias salas do recolhimento, como um vento de primavera enfuziando no seio d'uma floresta secca, vibrante ainda dos trilos e aromas das pradarias primeiro atravessadas. As madres, já quasi velhas, e nostalgicas d'aquella vida crespuscular na casa de Deus, posto arreganhassem contra Maria, a cada maré

de jovialidade, os seus sagazes oculos de preceptoras, comtudo achavam sempre no fundo do seu compassivo coração, para a educanda, algum resquicio da ternura que não tinham podido dar a filhos seus: e Maria da Piedade era a alma cantante do recolhimento, o motivo de todas as desordens e todas as diversões, a roseira de todo o anno que rejuvenescia as velhas e tornava a clausura ligeira para as novas.

Mas n'aquelle inverno, subitamente, uma romantica acordára no radioso involucro da toutinegra, e a viveza das suas pupillas quebrára-se em contemplativas tristezas, que nem livros, nem santos, nem jogos, nem bordados, conseguiam sacudir um só momento.

Ia Piedade a entrar nos dezoito annos: um sêr nubente espreguiçava-se agora dentro d'ella, coincidindo com certas transformações de corpo e de caracter. Crescera muito, as mãos haviam-se-lhe tornado mais longas e diaphanas: nas quebraturas da cinta havia ondulantes muzicas de plastica; e as inspirações do seio eram mais fundas, suspirosas, anciadas quasi, como se na ossatura das costellas lhe pezassem os dois meios limões turgidos da virgem que vai fazer um sacrificio em ser mulher.

A praia para onde a levaram, era um recanto d'areias e de penhascos, brancos, vermelhos, par-

dos, mosqueados, de cujas sinuosidades a vista bebia os vastos céos, lá nos confins do mundo engastados com o semi-circulo das aguas do oceano, por uma ourella d'oiro e cochonilha. Insulas de rocha, com abruptas fórmas de castellos, mas-morras, columnatas, immergiam de perfil, graves, roidas, dentre o vortilhão das ondas verde-claras; e no meio dos gritos dos goelanos e gaivotas, emquanto os sorrisos da luz iam beijando por placas, a epiderme das aguas corrugosas, passavam á vela os barcos de pesca, finos como libelludos, lá longe, na esfumaçada grizalha das primeiras nevoas de Setembro.

Uma elegante colonia de gente convivida, rica, armoriada, com impeccaveis estheticas de gosto e *toilette,* viera installar-se na praia, essa estação. O banho era um pretexto apenas para a exhibição de saudes florescentes, e habitos de sociedade, em que transparecia uma ponta de *cabotinagem,* n'uma affusão de gosto cultivado. Porque aquella enseada humilde, *descoberta* esse anno, e povoada por uma roda familiar de mulheres intelligentes e homens de sport e de finança, constituia ella só a estancia mais deliciosa da terra, livre como estava dos calções de malha dos burguezes, e dos dominós de baeta das mulherzinhas toscas de provincia.

Pela manhã, emquanto as tendas de lona, ornadas de flammulas, baixavam os seus tendaes de listras té á areia, e os primeiros rapazes saltavam

para os escaleres, colados em fatos de gymnastas, os braços nús, os collarinhos de marujo abertos sobre as espadoas d'athleta, boinas azues amarfanhadas nos cabellos... um pequenino salão improvisava-se na areia, com o tapete estendido n'algum recanto dos rochedos, ao abrigo dos ventos sudoeste, cadeiras da ilha com baldaquinos bordados a ponto de tapeçaria, e toda a desordem das maletas abertas, dos frascos de cognac e dos copos de leite esquecidos sobre as pequenas mezas de jardim, dos casacos e capas abandonadas ao acaso, e dos tamboretes em X, a dois e dois, aqui e além, como acabando o dialogo das pessoas que os largavam.

Á entrada n'este cyclo de gente um pouco estrangeirada, com liberdades de lingua, d'attitude e convivencia—addidos d'embaixada fallando em Brightan e dizendo *yes,* com os olhos d'azulejo e barbas côr de milho... velhas condessas desencadeando furores hereditarios contra a Republica Franceza... antigos *dandies,* preoccupados d'antigos nós de gravatas, tendo passado a mocidade na *terrasse* dos cafés da Europa inteira... meninas loiras absorvidas na leitura de Shelley e Swinbourne, entre preceptoras allemãs de caracoes, e primos de monoculo...—á entrada n'este cyclo de gente, Maria da Piedade sentira-se um tanto constrangida, e por alguns dias teve saudades das madres que lá tinham ficado no recolhimento, chorando pela sua querida toutinegra.

A anemia do convento revelava-se agora n'ella por uma especie de lassidão geral que lhe tornava indifferentes as partidas de prazeres das outras raparigas. E a melancholia do mar, como a do claustro, murmura e dolente, vaporisando-se em indefinidos sonhos deslaçados, a melancholia do mar absorvia-lhe a ideia a toda a hora, traduzindo no confuso vae-vem das suas marés e rofegos d'ondas, as balbuciações e pudores da sua alma, creança e mulher, que ainda mal conhece e já deseja, e toda ella se debate no sobresalto das intimas vozes que a concitam para os festins do amor, tão deliciosamente aspirados, n'esses primeiros entretens de sociedade.

Entre os rapazes da praia havia um, Pacco Ximenez, que era o animal de luxo das mulheres, essa estação: ainda a bem dizer uma creança, mais novo talvez que a Piedade, e todo elle respirando a frescura d'uma flôr exotica de raça, educada em atmospheras de luxo, como um principe herdeiro, garoto e doidivanas, que se afizésse a vêr curvar toda a gente aos seus caprichos. Viera alli passar as ferias grandes, com um grande trem de malas ricas, um perceptor cheio de respeito, escanhoado e solemne como um bispo, e não sei quantos lacaios impassiveis, que lhe chamavam senhor conde a toda a hora. Pacco era vivo, com uma d'estas caras picantes de Sevi-

lha, de narizito no ar, tinta cigana, profundos olhos, e um appetite de dentes que lhe tornavam o riso n'uma symphonia de notas peroladas. Na desinvoltura dos gestos, na rapida explosão da sua loquella castelhana, e na galhardia altiva da figura, elle trahia as opulencias d'um typo d'excepção, em cujo sangue parecem congraçar-se as selecções mais nobres d'uma casta, com as perfeições d'uma civilisação, as mais supremas.

Viera alli ter com a velha condessa de H., antiga embaixatriz na corte de Madrid, que o tratava por tu, affectando com elle severidade d'avó, por cima d'uma certa affeição passional de mulher, que até certo ponto attenuavam as vehemencias d'aquella sympathia, physica talvez de mais, pelo rapaz.

Logo no primeiro dia da chegada, Pacco Ximenez foi a alma da praia, pela verbosa alegria da sua infantilidade, as suas ingenuas audacias, e os relampagos de vida animal, serena e forte, que lhe atravessavam as fibrilhas das iris andaluzas. As mulheres gostavam de trazel-o nas saias, como um cão de pello luxuoso. Pacco era alvo d'uma quantidade de primeiros amores de todas as pequenas, mas vingava-se tratando-as a todas como irmãs, sem se deixar tocar no fundo do peito, pela sombra qualquer d'uma emoção.

A uma certa hora do banho, quando as madrugadoras se estavam já vestindo, e as retardatarias entravam n'agua, com gritos friorentos, o

pequeno salão da areia quasi ficava deserto. Apenas algumas velhas senhoras folheavam sob guardasoes escarlates, os jornaes da manhã, e dois ou tres chefes de familia passeavam na praia, vigiando as bichas de pequerruchos descalços, quasi nús, que brincavam na areia sob grandes chapeus de palha, que os assemelhavam de longe a desconformes cogumellos.

Ora, foi n'uma d'essas horas sózinhas, que Maria da Piedade viu Pacco approximar-se. Tempos havia que o rapazola a olhava com a comiseração dos seus grandes olhos sérios, vendo-a sempre anichada no fundo d'um *fauteuil* de baldaquino, vestida de claro, os cabellos envoltos n'uma gaze, olhando o mar n'uma tristeza d'enferma, gracil e romantica.

Elle alegrou-se: vinha de escuro, um fato colado, o capiró no braço, e uma gravata de seda branca, com ferraduras de saphiras no frouxo nó corrido á marinheira. Informou-se então da saude d'ella, tomou assento ao lado, n'um tamborete em X, muito baixinho, e de pernas cruzadas, a voz familiar, o riso esparso, fallou-lhe n'uma doença que tivera, ia em tres annos, por se aborrecer de morte nas escolas. Sempre tinha sido um relasso nos estudos, a enclausura matava-o; rir, viver á solta, eis o seu forte! — Lá em Sevilha... nunca foi a Sevilha señorita?

— Nunca, disse ella.

— É uma terra de má reputação, por esse

mundo. Imagina-se que os homens só sabem tocar guitarra e dar facadas; que as mulheres só teem paixões excepcionaes; e que o sol que amadurece as laranjas e o moscatel das encostas, faz rebentar nas cabeças vulcões de loucura extraordinarios.

—Chega a parecer uma terra abominavel... que entretanto deve ser encantadora.

—Tudo isto são coisas para pintar nos leques que os forasteiros de lá trazem, ao irem vêr as festas da Semana Santa, ou tomar *azucarillos* nas barracas da feira de Setembro. Assim, o leque, que é um dos prestigios da hespanhola, vae-nos desacreditando o paiz ao mesmo tempo.—E olhando-lhe as mãos vasias:—É por isso talvez, señorita, que nunca traz o leque que lhe dei...

Houve um rubor fugaz na face d'ella.

—Deixei-o em casa. O tempo está começando a resfriar. Além de que, o homem dos paradoxos estragou-me o seu brinde, garatujando-lhe no panno o quer que fosse.

—Coisa profunda?

—Não sei. O amor... toda a mulher é perfida como a onda... communhão das almas... e *tutiquanti*... A sua mania mais grave é achar que me assemelho á grande esphinge.

—Oh! Oh! mas é que eu vou já d'aqui contar-lhe tudo.

—Oh! não se atreva... De mais, que era des-

persuadil-o do conceito profundo em que se tem.

—Na minha terra esfaqueavam-n'o. Quer que lhe armemos uma cilada, señorita? Um dos meus homens cursou o assassinato nas sierras de Guadalupe. Trar-lhe-hei esta noite a cabeça d'elle, n'um prato.

—Em termos que se mudaram as scenas, e é o senhor quem faz de Salomé.

—Já adivinhei que gosta d'elle.

—Coitado! disse ella n'um tom de comiseração muito dolente.

E a conversa cahiu. Pouco depois:

—Ha esta tarde uma burricada a Santo Estevão, señorita. Quer ir té lá?

—Não. Estou doente.

—Prometto-lhe ser um burriqueiro admiravel. O caminho da ermida é detestavel. Mas eu terei cuidado em bem guial-a.

—Solicitudes suas... nem o tempo lhe chega para cercar d'attenções as mais senhoras. Aquella francezita sobretudo...

—Promette-me que vae.

—Não posso ir!

—Eu desejava entretanto que lá fosse. Sabe que o altar do Santo é praticado em rocha viva? e a rocha tem uma fenda, que mergulha no chão, e se prolonga, dizem, té uma caverna onde está encantada uma feiticeira, que mesmo enclausurada, vacticina.

—Desconfio que ella conserve intacta a virtude, depois das consultas que o senhor lhe terá feito.

—Iremos pois juntos ao altar de Santo Estevão, já se vê, a occultas de todos... e eu perguntarei então á feiticeira qual o motivo secreto d'essa sua constante abstração. Imagine, señorita, que a feiticeira respondia! exclamou elle fitando-a muito nas pupillas, e me ensinava os remedios de curar-lh'a.

—Mas se eu não estou doente.

—Disse-me ainda ha pouco que estava... e se o prognostico da velha coincidir c'o meu prognostico...

—O que succede? perguntou ella, parando de sorrir.

Já Pacco Ximenez se havia levantado.

—Succede que a mamã terá de vir a Portugal.

—Isto é de mais!

—A Santo Estevão, señorita?

—Se não chover, disse Maria. Se não chover!

A verdade é que nunca estivera um dia promettedor de menos chuva.

Ás tres da tarde, quando a primeira brisa do mar começou a frisar de manso a cabellugem dos pinhaes, uma alegre romagem sahia dos *chalets* e castellorios d'ardozia adormecidos ao fundo da en-

seada. A ermida do santo ficava d'ali uns tres kilometros, no mais abrupto pincaro da piçarra, lá de longe mostrando aos navegantes as suas caiadas paredes, que destacavam no vertice da penedia, como a lanterna d'um zimborio de cathedral. Com os caminhos dificeis, caracolando entre barrocas e penhascos, impossivel fazer de carro a ascensão: e a burricada ia trepando os contrafortes da montanha, a pequenos passos cautelosos, com pictorescos de estofos e perfis decorativos—aqui duas senhoras em cadeirinha, com guarda-soes e tules nos olhos, ou em jumentos levados á redea por pescadores familiares—tres velhos mais além, tateando o cascalho das escaleiras do basalto, com as pontas dos bordões ferrados—e tropeis de rapazes, emfim, subindo a encosta a cavallo, n'uma gritaria intencional, que enchia de susto as amazonas mais impressionaveis, e ia açulando a alegria das outras, em gargalhadas que o echo ia dizendo de pedregulho em pedregulho.

A cada lanço de escadaria vencido, alargava o panorama as suas riquezas de paizagem, n'um campo de visão infinito e esplendoroso, cheio de caracter, de luz, de vida, e de grandeza: e desdobravam-se os principios de rochedos, erriçando de castellos feudaes o litoral, espargiam-se em leque as enseadas, areias, dunas, fózes de rios, esquadrilhas de barcaças: e entre os massiços dos pinheiros, das hortas e das vinhas, cantavam po-

voações, rusticas e humildes... e os campanarios fiampavam no ar sonoridades, e das aguas do mar, etherisadas em gradações de perola, imperceptiveis, apesar do socego, vinha um constante rumor de coleras latentes, inexgotaveis nostalgias, maguas secretas, angustias rancorosas... uma vaga maior rompia ás vezes do incomensuravel sorvedouro, como um braço de naufrago em que restasse vida para o esboço d'um ultimo protesto... e lividas espumas subito afloravam os labios d'essa vaga, como no accesso de colera d'uma garganta que tivesse enrouquecido ao formular da ultima imprecação!

Baixava o sol, amarellecendo d'ouro os verdes do arvoredo: uma olympica paz vinha descendo do mysterio dos céos, pela escada dos sonhos de Jacob: e elles subiam n'uma alegre romagem de patuscos, bem comidos, solidos e violentos, sentindo naquella altura como que uma explosão de goso hilariante, d'impulso terno, um desejo de se abraçarem e fazerem *toasts* a todas as cousas do universo, immobilisadas ou vivas que ellas fossem. Emfim, o guia deu signal do alto d'um penhasco: todos bateram as palmas, e de repente ao fundo d'um adro de pedras esponjosas, a capellinha appareceu, no meio de dois grandes cyprestes ponteagudos.

Toca a esventrar os cabazes das victualhas que alli vem para a merenda. As raparigas assertoam á pressa os aventaes, tiram os chapeus, estendem

a toalha. Todos offerecem ao mesmo tempo os seus serviços. Este desembrulhou um enormissimo fardo de sandwiches, saccarolha aquell'outro as garraforias do vinho generoso... Uns partem o melão e os ananazes; em pratos da China, a *galantine* offerece as suas rodelas cinzentas e aromaticas, o salame apinha-se em fatias rutilantes, ha montes de perdizes frias, em travessas pintadas de crysanthemas de purpura e carpas prateadas... e um tumulto, um movimento de vózes e de gestos, um charivari de cantigas e risotas... Pacco Ximenez já fez postar nas catacumbas da ermida um dos creados, co'a bocca colada á fenda historica do altar, e a resposta prestes, para a grande scena d'invocação á feiticeira.

Quando depois de haverem admirado o panorama, os forasteiros se acocoraram de roda da toalha, Maria da Piedade por um lado, Pacco por outro, eil-os enfiam, pé ante pé, no sanctuario. Ella está pallida, tremula e convulsa, Pacco Ximenez escusa de curvar-se para lhe ouvir pulsar em tumulto o coração.

—Feiticeira encantada celestial pelo poder de Santo Estevam! Eu sou Pacco Ximenez, hespanhol de Sevilha, e devoto de teu amo... Por isso te ordeno, me digas qual a razão porque Maria da Piedade anda tão triste.

—A causa és tu, gritou a voz.

—Attenta no que dizes, feiticeira. Sou eu, porque?

E a vóz, lentamente:

—Maria da Piedade está doidamente enamorada de ti.

Com uma reviravolta de flôr que se despenha ao chão, cortada do arbusto onde nascida, a pobre pequena, tremula e confusa, lhe pendeu a cabeça sobre o hombro.

—A feiticeira mente, não é verdade señorita?

Ella escondeu a face, e chorava, mas com a cabeça disse que a feiticeira não mentia.

Ao tornar aos *chalets*, Piedade hesitava em interrogar as suas emoções d'aquella tarde, as primeiras reaes a que a sua phantasia colara as pennas d'uma aza, azul e oiro, e côr de rosa. Des'que vira Pacco ella dissera: deliciosa deverá ser a existencia, pelo braço d'um maridinho tão idealmente alegre e gentilhomem! E Pacco acabava de lhe mostrar, estouvadamente, era certo, o rastilho d'amor que começara a chamuscal-o. Essa noite foi para a pobre um poemeto cheio d'imagens puras, inéditas rimas, e perturbadoras vózes nupciaes. Ficou té tarde nos terraços da casa: era uma noite de lua, nevoenta e romantica, cheia de sonoridades e anceios mysteriosos. Todo o oceano dir-se-hia um lago côr de perola, rasgado ao centro por luaceiros de prata, em tremulinas. O volume das aguas decrescia, com a maré baixa, descobrindo a dentuça dos cachopos, e attenuados, mansissimos, os murmurios da onda faziam conversas amorosas, onde apenas se ouvia o nome

d'ella e o de Pacco, seguidos de risadinhas peroladas.

Mas então, nos *chalets,* uma flauta deu os primeiros compassos do ultimo acto do *Hamlet,* os violinos accordaram, muito lentos, em rumorejos d'agua que deslisa, e a vóz d'uma mulher, triste e magoada, disse a canção sueca que Ambroise Thomaz põe na bocca d'Ophelia semi-louca, quando os rumores do rio soluçam de tristeza, cahida a noite, entre as sombras dos canaviaes e nenuphares...

Assim começou aquelle romance de praia, rosa e lilaz como uma aguarella de paiz polar, attenuada porém nos tons, como a impressão d'uma coisa longinqua, decorrida em regiões de sonho e de ballada. N'esse idyllio adoravel de creanças, a que os habitantes da praia assistiam sorrindo, com um enternecimento vago e litterario, Pacco era a nota vehemente e arrebatada, Maria da Piedade o raio de lua, involucrando na sua argentea poeira, como n'uma tunica astral, o que de mais transcendente exista no feminino eterno da mulher. Desde pela manhã até á noite, viram as senhoras Pacco ao lado d'ella falando-lhe de manso, os olhos baixos, um livro esquecido entre os joelhos, e pelas horas da calma, nos terraços da casa, em face ao mar, emquanto os mais jogavam, riam, faziam muzica, deitavam papagaios, os dois n'um

mundo á parte, sósinhos no meio da alegria d'entorno, perdiam-se em interminaveis confidencias, banalidades ditas entre aromas de nupcias e petalas de sorrisos, coisas profundas e sem nexo no entretanto — porque não era em palavras que a conversa entrava nos espiritos, senão por transcorrencias de fluidos affectivos, extravazados d'alma para alma, e que hypnotisavam os dois, suggerindo-lhes a ilusão de se estarem banhando no mesmo rio d'indescriptiveis amavios.

Pouco a pouco elle se fora esquivando ás expansões da sua jovialidade andaluza, de proposito espicaçada pelos antigos camaradas, meninas e rapazes, no intuito de cerceal-o á monotonia d'aquella adoração. Pacco deixava-se raptar, com a sua bonhomia de cãosinho animado mas logo vinha, que apesar d'elle, aquella magia do idyllio era mais forte, e forçoso lh'era embebedar-se nas serenas doçuras que ella lhe offerecia.

Já o outono vinha, com o frio das tardes nevoentas, e a melancholia dos platanos deixando cahir as folhas amarellas, que a ventania arremessa, atravez as ruas dos parques, contra os vestibulos claros dos *chalets*. Grandes cegonhas brancas passavam o mar, para as bandas do Sul, perto do estreito japonizando o ar de vôos pesados, e os goelanos vinham em revoadas, prenuncios de tormenta, começar os seus ninhos nas seteiras da rocha, enchendo o céo de guinchos estridentes.

Aquillo lembrou de repente a hora da partida.

As aulas iam abrir, forçoso era que Pacco voltasse ao seu paiz. E Maria da Piedade, apesar de toda a sua ventura, não sei porque, continuava a definhar-se, uma sombra na face, as olheiras bistradas, e aquelles grandes calafrios á hora do sol posto... A mão que ella dava a beijar, era sempre lassa e sempre fria: um abandono de corça quebrava-lhe as linhas da figura em morbidezas fatigadas: e ás vezes, nos olhos que punha ao chão, depois de ter falado, havia uma pintura de horror tão subitanea, desmaios tão bruscos, que dir-se-hia agitar-se n'ella o presagio d'algum desastre irreparavel.

Emfim, n'uma manhã, depois d'almoço, Pacco Ximenez foi-se embora. Toda a gente da praia fôra acompanhal-o á carruagem: e elle, recobrando outra vez a vivacidade, dir-se-hia partir com soffreguidão d'aquelle pallido ser que o envolvia em não sei que lucto prematuro. Que as eternas juras d'amor ficavam feitas! quando findasse o curso, casariam: todos os annos Pacco jurára vir a Portugal, e escrever-lhe todos os dias um grange relatorio da sua vida e estados d'alma.

Ella escutava-o, mais que nunca, esse dia, distrahida. Quinze dias depois a povoação de *chalets* era deserta, os platanos sem folhas, toda a praia coberta de limugens e varechs; e sempre na rocha faziam ninho os goelanos, enchendo o céo de gritos estridentes. Pacco Ximenez?...

Escusado dizer que nunca mais voltou. Maria

definhava-se. E tisica, á effloração das primeiras rosas, quando do espirito lhe restava apenas um cicio de halito na bocca, alguem a ouvia ainda recordar-se... *amores de sevilhano, vivos n'um dia, mortos n'um anno*... e já morta, os seus olhos coagulavam surprezas tristes, na viuvez d'aquelle immenso amor.

O Filho

Cinco e meia da tarde.

A corneta do guarda-agulhas soou ao longe, annunciando o comboyo que vinha de Lisboa.

Na gare, o chefe da estação já estava a postos, com os massos de guias na mão, o bonnet do uniforme na cabeça; e para a direita e para a esquerda, barafustando conforme o seu costume, dava uma ordem ao factor que ia passando, interrogava o pharoleiro ácerca da illuminação das salas d'espera, ou conferia á pressa a grande nota da expedição de mercadorias a embarcar. E o surdo ruido do trem, gradual, poderosissimo, cada vez mais crescente, e que parecia vir ululando da guella d'um subterraneo profundo, o surdo ruido avolomou-se, decompoz-se, foi-se definindo em outros ruidos mais dispersos... jogos de valvulas da machina, bruscos vomitos de fumarada na chaminé, e *trac-tracs* da ferragem, que faziam estribilho á grande estrupida das ro-

das no coleamento escorregadio dos *rails*. Toda aquella tarde, uma velha estivera acocorada no chão da sala commum, vestida de negro, com os cabellos brancos sobre os olhos, o chaile esfiado pela cabeça, uma taleiguita de estopa no regaço... Tinha chegado essa manhã da Vacariça; era uma velha pequena, chata de cara, amarellenta, lesta, e descalça de pé e perna, como em geral andam as mulheres pobres da Bairrada. Ninguem reparava n'ella, por certo, e quasi era certo que tambem ella não houvesse reparado em ninguem.

Da Vacariça ao entroncamento da Beira, em Pampilhosa, vai uma travessia talvez de legua e meia. Logo de manhãsinha ella viera, a pobre velha, por esses corregos verdes dos pinhaes, que a urze borda, e o feto grosso do matto, e a gilbarbeira espinhosa, n'aquelle tempo, em Dezembro, toda bordada de bagas escarlates. Ao approximar-se da estação, gritou-lhe o guarda brutalmente que se desviasse da linha: ella estacara medrosa, a taleiga d'estopa no quadril, cahido o chaile, e sob o chapéo de feltro chato, o seu lenço negro de viuva, enrolado até á bocca, como um toucado tunesino. E titubiante, ás recuadellas nos *rails*, a pobre mulher acenava para o guarda, a lhe explicar que era de fóra, não sabia: e que trazia no sacco o farnelsinho p'r'o filho — porque o tiosinho não sabe? o filho d'ella devia chegar no comboyo de Lisboa...

Ahi se desenruga essa pobre cara de martyr,

essa boa cara ressequida e côr de cera, que desde viuva perdeu o riso, emmurchecendo e mirrando na solidão d'um casebre, c'o a esperança porém no dia em que o rapaz, tornado do Brazil, lhe fizesse passar sem fome os derradeiros poentes da velhice. Misera e descalça, em setenta annos de labuta, ai pobre velha! conhecêra a fome, o abandono, a viuvez e o egoismo: e vae em trinta annos sem marido, sem protecções, nem parentes...—Ah! mas o tiosinho não sabe? O filho d'ella devia chegar no comboyo de Lisboa!

Na estação correu os olhos banda a banda, pelas salas d'espera, pelas gares, nos armazens, nos *fourgons,* pela cantina, perguntando se estaría por lá um rapazote a modos encorpado, barba nenhuma, uma cicatriz no queixo, d'um carbunculo... o filho d'ella; porque o tiosinho não sabe! o filho d'ella devia chegar no comboyo de Lisboa.

Alguns nem a escutavam. Outros passageiros sorriam-se da sua papalva ingenuidade. E o mais bondoso era um soldado em transferencia, do 23 para o Bussaco, parvo e sósinho, que havia chegado de Coimbra, e na Pampilhosa aguardava o trem da noite, para a Beira, que o desembarcasse no Luzo. Esse era um pobre tarimbeiro, um cavador roubado ás bouças patrias, e que ao vêr a velha, coitado, se recordava talvez de sua mãe. Ouviu-lhe tudo, o pobre diabo, a historia d'um porco que morrera á velha antes da Paschoa, o filho no Brazil vae em dez annos, cartas saudo-

sas, infelicidades, doenças... e agora, não tendo feito fortuna, o filho torna para convalescer um pouco em Vacariça.

O soldado porém não sabe dizer se o filho da velha chegou, ou não chegou. Dá-lhe o pão duro da sua sacóla de linho — ella recusa, Deus lh'o pague! — e vão ambos indagar se o colono doente chegaria... um rapazola a modos encorpado, barba nenhuma, com uma cicatriz no queixo, d'um carbunculo... Lentamente os dois passeiam pela gare, mettendo as cabeças ávidas pelas portas entreabertas: a velha tremula e lacrimosa, sentindo o seu coração reverdecer n'essa amargurada ausencia de dez annos, durante os quaes a sua oração todos os dias intercede ao Santo Christo do Bussaco, pelos que mourejam lá longe em terra estranha, e acaso possam voltar um dia, reconduzidos á paz do logarejo em que nasceram. Mas todas as physionomias lhe são estranhas!

Na sala d'espera da terceira classe, entre bagagens e cobertores de lã, dormem aos montes, rabuzanos que vão trabalhar para o Alemtejo, os varapaus de castanho atravessados, os tamancos ao lado, os pés descalços, e um cheiro a lobo que se evola das suas saragoças montanhezas. Nostalgicamente, alguns tasquinham um pão de milho horrivel, com sardinhas assadas entre as pedras.

E os mais novos, quinze annos, dezeseis, dezoito annos, todos alegres d'aquella primeira migração ás sementeiras de lá baixo, esses não páram, examinando tudo pelos cantos, espantados, deslumbrados, fulvos e bonitos como bezerrinhos de mama; e eil-os estacam deante dos relogios, dos apparelhos do telegrapho, a sala do restaurante cheia de flôres, os chalets de hospedagem, e os pequenos jardins dos empregados da estação... Dois ou tres arranham nas bandurras fados chorosos, melodias locaes d'uma tristeza penetrante, em cujos balanços, gemidos, estribilhos, se acorda o murmurio dolente das azenhas, vozes da serra, risotas da romagem, balidos do pulvilhal que entra no ovil, todas as indefinidas virgindades d'essa sagrada terra da Beira, nucleo de força, e ainda agora a mais impolluta ara da familia portugueza.

Nenhum vestigio do moço elles descobrem, e a velha resolve-se a aguardar o trem da tarde.

—A que horas virá? pergunta ella para um factor que vae passando.

—Mas virá quem?

—O meu filho. Porque o tiosinho não sabe...

—Eu não senhor. De onde vem elle?

—Vem do Brazil, saiba o senhor.

—Trem de Lisboa, ás cinco e meia.

—É ámanhã, Jesus Maria!

—Ás cinco e meia d'esta tarde... d'esta tarde! mulher de Deus!

—Hade perdoar. A gente é uma pobre de Christo... Muito obrigada!

—Ás cinco e meia, diz o soldado. Tem vocemecê d'esperar inda quatro horas.

E a pobre velha suspira! Emmaranhados, os cabellos cahem-lhe ainda mais por sobre os olhos, e dir-se-hia vai estando mais pequena, tanto a fadiga da marcha a acocora, e o sobresalto lhe emacia aquellas suas carnes dessoradas. De roda, a paysagem de Dezembro enche-os de bruma. É um d'aquelles dias pardacentos, enormes, tristes, sem horizonte, o céo mui baixo, que até os passaros detestam, e nevoeiros, dentro de cuja fumarada todas as fórmas se alargam e attenuam. Dos eucaliptus da via escorre uma aguasinha turba e languinhenta, lama d'argilla e pó de carvão, lugubre e infame, como um symbolo do tédio d'essa tarde.

Ao longe, em cinza escuro, n'um fundo de cerraceiro mais lavado, perfilam-se as columnatas do pinhal, em gradações diffusas, delicadas, como um desenho a carvão sobre que alguem tivesse sacudido um lenço d'assoar. Os verdes do centeio mal avelludam a terra com a hesitante pellugem das suas folhas transidas de geada, a vinha secca, dormente, na hibernagem das plantas outoniças, emmaranha pela terra as suas varas, lassas da vindima, mezes antes: e em turbilhões funereos, gralhas se abatem por cima das lavoiras, rotando na nevoa fusca, como papeis

queimados á procura de jantar nos humus do salão gradado de fresco, ou debandando em espiraes pr'o arvoredo, quando algum homem passa, que ellas apupam, diabolicas comadres, com as suas ladainhas roucas de pressagios.

Deú uma hora. O soldado tira do bornal o pão de milho, queijo de cabra, e bacalhau cozido n'uma marmita velha de folha.

—Vá de jantar! diz elle alegremente.

Á palavra jantar, os dorminhocos levantam a cabeça, os rapazolas vem aos seus farneis, todos se apressam a sacar dos alforges alguma bucha com que enchugar a fome que os cocéga. Longe da gare, meia duzia tratou já d'acender lume para as sopas, um outro corre á cantina a comprar vinho... e os tamancos soam, as palavras crepitam, cascalham os *xx*, e a pronuncia beirã veste de graças uma lingua cortada de termos antiquados, fina e poetica, que se nos afiguraria cinge a idéa c'os pittorescos estofos da montanha.

—Vá tiasinha! diz o soldado.

A velha recusa-se: não tem vontade. Ella trazia alli farnel para o seu filho... Quando elle chegar, cearão juntos... Um rapazelho a modos encorpado, barba nenhuma, e uma cicatriz... Foi-se ha dez annos!

—Em dez annos o moço hade estar muito mudado.

Ella surpresa: mudado! O filho d'ella mudado!

Affizera-se a ideal-o tal qual elle partira, de manta ás costas, olhos azues, gorro nos olhos, os sapatos na ponta d'um bordão... Vinte e tres annos, solteiro: um mocetão da altura da Cruz Alta.

Era o seu filho! Logo ao chegar ao Brazil teve fortuna, uma tanoaria dera-lhe trabalho... depois, o desejo do ganho levara-o para o interior, e desde então foram as cartas rareando; era lá longe, o clima mau, muito trabalho... E em vez de palavras d'esperança, reveladoras dos progressos da fortuna, eram lamentações á mãe por todos os paquetes, pedidos de rezas para que Nosso Senhor lhe conservasse a saude, grandes saudades da Vacariça, tristezas...

Nenhum d'aquelles homens a escutava, cada qual tasquinhando a brôa d'olhos baixos, o rabo de sardinha assada á altura do faro, o mavalhóz aberto nos joelhos.

O proprio soldado mudara de feição: o seu enternecimento agora era o bacalhau no fundo da marmita, com seu fio d'azeite aperitivo, um dente d'alho...

— Vai uma golada, tiasinha?

Ella fallava sempre, por uma necessidade impulsiva de se ouvir e ter presente o filho na memoria, o seu rico filho que ia chegar d'alli a pouco, para ajudal-a na vida.

— Ah! Deus o traga melhor, pobre rapaz!

— E com um taleigo de soberanos bem pesado.

— Pouco ou muito elle trouxesse, tudo é riqueza, disse a velha, para quem não tem senão a noite e o dia.

Uma campainha electrica retine: ella levanta-se.

— É o comboyo!

Riem os moços todos: comboyo? Isso hade ser cedo, tiasinha.

Duas horas, tres, quatro, cinco horas. Lá desce a noite, as gralhas debandaram, cada vez o tom dos céos é mais luctuoso, e lenta, diaphana, a luz do ar já mal contorna as fórmas hesitantes.

O Bussaco sumiu-se, foram tragados na bruma os pinheiraes, e a *chula* que os rabuzanos, depois de comer, sapateavam, tambem a *chula* se extingue, ao som das bandurras fatigadas, ultimo adeus do montanhez aos cazarelhos beirões que vai deixar.

Emfim as luzes acendem-se na estação, as lanternas dos guardas avançam sobre a linha, bruxuleam na bruma os pharóes das quatro vias, e uma após outra, as cornetas dos guarda-agulhas dão signal dos comboyos estarem á vista. Primeiro é o da Beira, que ao longe silva entre os pinhaes do Valdoeiro; seguidamente silva o da Figueira; depois Lisboa, e por ultimo o ex-

presso do Porto fuzila na nevoa os seus olhos de boi, vermelho e branco.

N'um instante as duas gares atulham-se de gente, malas, bonnets de viagem, sujeitos d'oculos, — as portas batem, rolam carros de mão com mercadorias, e sob as luzes dos wagons, vultos agitam-se, trocando os ultimos adeuzes, vozes gargalham, as mezas dos *restaurants* debruam-se de famintos — e no tresbordo das malas e das gentes, os passageiros acotovelam-se, o *plaid* ao hombro, saccos na mão, bilhetes nos chapéos...

A velha vira chegar os carros de Lisboa, ir afrouxando o impulso da machina, abrirem-se as portas de repente...

Ella entretanto, cada vez mais pequena, azougadita, e sentindo renascer-lhe a alma na alegria d'esse filho restituido aos seus abraços, ella corria ao encontro d'uns e d'outros, confundia o seu vulto entre a gentana, soffria os tropeções dos indifferentes, pedindo informações, chamando o filho, e revisando as caras uma a uma.

Nas terceiras classes era uma confusão medonha de vozeios, risos, guitarras, os que sahiam, os que entravam, o homem da agua, o homem dos pasteis, os revisores; e d'esse filho, nem uma só feição reconhecida, nem um brado sequer, uma noticia!

Mas a sua alegria é intraduzivel, inexplicavel, — elle por força deve ter chegado, elle adorava-a, deve lembrar-se então da sua pobre velha, deve

alli estar, tomando á pressa os saccos de viagem, dizendo adeus á pressa aos companheiros... e assim doente, sob a frialdade da noite, permitta Deus não vá cair de cama!

— Eh, tia Rosa!

Affirma-se no homem que lhe passou a mão no chaile roto.

— Sou o Clemente, vim do Brazil hontem á tarde... Eh, pobre velha, aqui me tem outra vez nas nossas terras!

Clemente ria, com o chapéo de côco á Zamparina, um grilhão de ricasso no collete.

— Ninguem me espera, vou d'aqui dar um alegrão á minha gente.

— Mas o meu filho? diz ella. Onde está o rapaz que me não vem fallar?

Clemente cala-se.

— Venha d'ahi comer alguma coisa.

— Onde está elle? pergunta a velha alvoroçada. Que escusa de mercar comida na cantina, e você venha tambem... trago-lhes aqui a ceia n'este sacco. E ella procura — onde se metteu agora o diacho do rapaz?...

Clemente hesita, e pallido, sinistro, elle atirou o chapéo mais sobre os olhos. Aquelle silencio, a principio a velha não no entende. Encara-o um momento, os olhos fixos, pendente o labio...

— Mas o meu filho? O meu filho?

Então o homem correu-lhe os dois braços á roda do pescoço, olha-a um instante, apenas um instante.

— O seu José, tia Rosa, o seu José... morreu na viagem.

Nem um grito d'espanto, um queixume, uma lagrima, nem sequer um unico suspiro. Aconchega mais o chaile sobre os hombros, baixa a cabeça tremula e gelada, e pequenina, acocorando-se mais por entre o tumulto d'aquella gente alegre, eil-a caminha a cambalear como uma bebeda.

Deixa a estação, as luzes, as arvores, entra na nevoa humida da noite, e os seus passos deslizam sem ruido — cahiu-lhe o sacco do farnel da ponte abaixo, ella não sente, ella não ouve, avança! avança!

No Valdoeiro, já longe, ouve-se silvar a machina da Beira. Descalça ella caminha n'aquelle chão passado da humidade — é possivel que o chaile tenha escorregado, e a cabeça lhe esteja descoberta — ella não sente, ella não ouve, avança! avança! Já o trem abalou da estação, por sobre o aterro, e a terra treme, como domada sob a correria horrisona do monstro.

Elle approxima-se. Vêem-se os olhos da machina luzindo lateraes, como os dos peixes e os dos grandes saurios; e o faúlhar da machina sobre a via, e o pennacho de fumo, que a labareda doira, como uma crina de cavallo damnado e formidando. Elle approxima-se, e a sua carreira dir-

se-hia, tocada d'uma estantanea furia de vingança, quando de subito, na curva do caminho, desenrola o corpo d'annelado, feito de wagons de ferro que se chocam, phosphorejam, zumbem, fumando, bramindo n'um hausto de relampago que atravessa a noite lobrega das mattas. É n'este instante que a velha vai passando: ella não sente, ella não houve, avança! avança! E a maquina chama-a a si subitamente, dá-lhe um encontrão pr'a dentro do caminho, ennovelou-a bem nas saias de viuva, e sem trepidar fal-a n'um bolo, passa-lhe por cima, e continua a correr á desfilada.

Viu-se um dos pés da mulher escrever na terra o quer que fosse, protesto, supplica, epitaphio... E ao outro dia, quando os trabalhadores foram levar o corpo ao cemiterio, o cura da Pampilhosa recusou-se a enterral-o em sagrado, sob pretexto da velha ter morrido sem confissão!

A taça do rei de Thule

O rei de Thule era velho, e sobre velho, enfermiço e triste. Sentindo avisinhar-se a morte, distribuiu pelos filhos as suas terras e riquezas. E ficou sósinho e pobre n'um antigo roqueiro castello — o mar batia por baixo, minando cavernas e invadindo as masmorras: d'entorno aos cataventos das torres, gritavam as aves do temporal, e por salas d'armas e corredores, ainda a deshoras resoavam as passadas d'uma côrte dispersa aos quatro ventos, vendo o rei sem territorio. O tropego monarcha, chamando as forças que lhe restavam, vestiu-se dos seus vestidos de gala, coroou elle mesmo os velhos longos cabellos com a sua corôa de ferro, e arrancando do seio uma taça preciosa, disse ao pagem lhe vasasse um velho vinho do Rheno. Triste é dizer a magua que o rei exprimia ante essa taça que a amante lhe dera, á volta de montear, a primeira vez que os dois tinham fallado a sós. E o rei, que então era mimoso adolescente, curvado sobre o palafrem

da amante, jurára nunca profanar a taça em brindes libertinos, nos festins do seu castello roqueiro.

O pagem deitou-lhe vinho, ao largo era já noite no mar — elle, erguendo o braço tremulo, bebeu vagarosamente, e havia nos seus olhos cançados, como no seio d'uma gruta marinha, ossadas d'antigas e abrasadoras paixões.

Mas em balde o licôr lhe circulava nos pergaminhos do corpo, á mira d'incender-lhe reminiscencias da mocidade.

E atirou a taça ao mar, do varandim rendilhado, porque ninguem mais, bebendo por ella, viesse a conhecer os segredos d'aquelle amor de ballada, feito de suspiros e raios de lua, perfumes de laranjeira, e baques de coração espesinhado.

A taça oscilou ligeiramente nas aguas, fez umas reviravoltas antes de seguir mar em fóra, como uma gondola deserta que procura o gondoleiro.

E o rei considerava em voz triste — quem mesmo velho poderá guardar-te dia e noite, taça d'amor por onde os meus labios beberam os vinhos generosos, por essas noites perladas dos echos das serenadas, dos perfumes festivaes das rosas, e da embriaguez dos profundos amores?... Abandonaram-me os meus cavalleiros e não me queixo, fugiram-me os cortezãos e estou tranquillo: só a ideia de te deixar me atormenta, pois

tu guardas inteira e palpitante a historia do meu coração.

Aos pés do rei estava deitado um cão d'agua de magnifica estatura, sereno, manso, e tão forte, que dirieis o athleta repousando depois do circo, n'uma postura de força e magestade. E o rei mandou ao cão seguisse na esteira da taça d'oiro, dia, noite, por todos os tempos, por todos os mares, costejando os continentes, porque ella não fosse a tocar por essas praias, e bordejando nos golfos, porque a não surprehendessem as redes astutas dos pescadores. O cão agitava tristemente a sua grande cauda emplumachada de negro e branco, ao ouvir taes vozes d'apartamento, e lambendo as mãos tremulas do seu senhor.

E latindo manso, atirou-se á agua d'um pulo — a taça ia já longe — e foi nadando atraz d'ella, o austero animal.

De quando em quando, ferido d'alguma cruel saudade pelo monarcha, voltava a cabeça, hesitando; mas obediente, como ultimo vassallo, proseguia outra vez em pôz da taça d'oiro preciosa.

Assim andaram longo tempo atravez dos mares, vogando no veio febril das correntes, no vagabundear d'uma peregrinagem que não obedecia a rumo certo. Por vezes, se a taça parecia querer chegar-se á terra, exhausta de só vêr mar e ceu, o velho cão dir-se-ia ferido por ciumes convulsivos. E latia ás aves vindas para sorver-lhe no concavo alguma lagrima das nevoas matinaes, ou de-

fendia aos peixes gorgolejarem-lhe á volta, n'um cabriolar d'estudantes em ferias.

Bordejaram alfim n'um pictoresco paiz de colinas suaves, com areias d'oiro nas praias, estatuas de deuses tríumphantes, e templos de brancas columnatas. Os homens fallavam uma lingua cheia de musicas, e tinham gestos calmos de grandes personagens.

O ar era perfumado de madresilvas, e o ceu, como uma tenda de nomadas, muito azul por cima das cupulas, palpitava ás brisas bemfazejas. Por essas vertentes cobertas de relva, e descendo ao mar por declives serenos, as pastoras guardavam seus rebanhos, tocando avena por sob as ramas das carvalheiras, e o *ting-ling* das fontes, fugindo entre os braços dos musgos e trevos cheirosos, ia rimando ao ouvido das rochas commovidas, o bello *intermezzo* bucolico das plantas e das flores.

E o cão viu aquella cordealidade rustica, em que tudo se identificava e cingia de peito a peito. Porque os sons das frautas campestres pareciam antes vozes de lyrios amorosos, e de rasteiros *não me esqueças*, pedindo protecção ás arvores colossaes dos grandes bosques, e quem applicasse o ouvido sentiria bater ao mesmo tempo os corações de todos aquelles poetas; lyrios, cordeiros, pastores, pastoras e rosaes.

Uma pastora inda creança viu aquelle cão todo arquejante da travessia em que vinha. Soffria fome talvez! Ella foi buscar pão ao bornal de pelles que deixára pendurado n'um espinheiro, partiu pedaços, e atirou-os ao mar. O cão ergueu a cabeça, seduzido por tanta piedade, em pastora assim morena e captivante. E ia comendo, entanto que a taça balanceava os segredos do rei, como essas flores de lothus que as raparigas indianas deitam no Ganges, a vêr se terão fortuna ao noivar. A pastora desceu á praia, chamando o animal de mais de perto.

O cão do rebanho morrera-lhe, e tresmalhavam de campo em campo as suas ovelhas sem guarda. Então os dois afagaram-se, foram amigos sem reservas. Esquecido da jura, como o castello do rei ia já longe, o cão pisou terra, decidido a passar os seus ultimos dias no tranquillo rebanho da pastora. Mas bem depressa a ladina, seguindo os olhos inquietos do cão, descobriu á tona d'agua, a famosa taça lavrada de baixos relevos antigos, e desejou chamar-lhe sua. Como porém?

Foi uma surda lucta entre o cão, que queria levar para longe a taça mysteriosa do rei, afundal-a, destruil-a, e a taça, que resistindo ás violencias do cão, teimosa fluctuava, como se estivera cheia d'alguma divina ambrozia. Por desviar as attenções do animal, ia a pastora entretecendo os seus mais finos ardis d'ambiciosa; e o cão sem arredar pé da praia, latindo n'um phrenesi, vá de

mirar inquieto as labutas da maré que ia trazendo e levando a taça, n'uns vaivens de mulher ociosa que procura distrahir-se.

Uma noite chegou elle bem fatigado ao curral seguindo o rebanho, e porque ia estando velho de corpo, deixou-se tomar d'uma invencivel madorna sobre a cama de feno das ovelhas. Acocorada a um canto, a zagala manhosa deixou-o adormecer bem fundo. Quando foi tempo, ella deixou o curral com extremas cautelas, descalça, e com a estamenha da saia por cima dos cabellos.

Uma phosphorencia convulsiva parecia dilatar os peitos do oceano, que respirava alto, batendo a cauda nas areias, como uma grande fera contente.

Ella arregaçou a saia, entrando n'agua de manso, toda arrepiada de frio. E com uma delicadeza enternecida, tomou a taça nas suas mãos mimosas de trigueira.

Alli ficou toda a noite, interdicta, a pobre zagala, sentindo-se invadir d'uma tristeza, que antes jámais viera pousar nas arborencias do seu ingenuo coração. Teve sede, sede amarga de febre, e bebeu machinalmente as gotas de vinho que o rei de Thule tinha deixado no fundo da taça maravilhosa. Desde esse instante pareceu-lhe se turbava a vida simples que vivera... não mais guiaria rebanhos pelas encostas cheias de grutas sa-

gradas, threnos de fontes, e flores de mil aromas e petalas.

O seu coração desencadeou tempestades, e como rainha expulsa, ella ia por esses campos, tresvairada, bradando por suppostos vassallos que lhe houvessem fugido. Ao amanhecer entrava nas aldeias, fallando uma linguagem que ninguem antes ouvira. Dizia ser rainha em Thule, e andar buscando o esposo que se perdera na montaria. O seu rei devia estar perto, que se ouviam d'alli fanfarras de caça, e podera seguir no ar os falcões dos seus pagens.

Mas vae que os pastores vendo-a tão bella, cahidas as tranças nos hombros, choravam-lhe o juizo perdido.

Iam acordando os bosques ao echo das suas queixas amorosas, e por valles, montanhas, promontorios e rochedos, seguiam-na devagar as ovelhas brancas, extenuadas mas fieis, na esperança de com a ternura dos seus balidos, arrancarem esse pobre espirito ás phantasmagorias do encantamento. Em balde porém vão ellas seguindo a pobre louca! Que se o rei de Thule atirou ao mar a taça do varandim rendilhado, foi para que ninguem mais, bebendo por ella, viesse a conhecer os segredos d'aquelle amor de ballada, feito de suspiros e raios de lua, perfumes de laranjeira, e baques de coração espesinhado.

O cancro

Ao segundo entreacto, eu já nem podia conter a impaciencia, tanto a belleza d'ella me exasperava com o seu esplendor de pureza indefinivel, e aquelles modos de se abandonar sphingicamente aos olhares da sala, suspensa toda na rara distincção da sua pessoa. De feito, nunca um perfil de mulher me dera melhor o banho electrico do estasi ajoelhando implorativamente aos pés do amor, e estendendo os pulsos, balbuciante, á servidão incondicional do terrivel deus. Em toda essa juventude de garça e corça branca, um exotismo de linhas dava-lhe a *allure* inconfundivel d'um sêr de febre e d'excepção, deslisando entre rythmos divinos, todo feito de sonho e folhas de magnolia; e todavia glacido como a morte, e vago e insexual como uma apparição.

Grande e intangivel, parecendo marchar n'um perpetuo tremulo de violino, essa creatura era o typo d'essas colantes sereias, d'essas hystericas

dormentes, cuja vontade se apaga sob passividades exteriores, emquanto a essencia perturbadora da sua alma envenena de roda, como as flores de certas tuberosas, a desprevenida emoção dos que a contemplam.

Da sua historia, tudo ou quasi tudo era mysterio. Nascera d'uma familia das ilhas, de que ella era, diziam, a ultima vergontea, e cujo vetusto palacio ha muitos annos estava profanado pela installação d'uma fabrica de cerveja. Orphã aos vinte annos, sem parentes, com uma educação intransigente de homem casto, e uma estudiosa altivez de princeza pobre, descera ao continente com uns destroços d'opulencia familiar, e um velho aio de cabellos veneraveis, gestos de prelado, que por toda a parte a seguia como um cão.

A principio, os que a viam passar sósinha, os olhos altos, com severos vestidos que a moldavam n'uma impassibilidade morta d'estatua, tomando-lhe o isolamento como estratagema de seducção vulgar, muitas e muitas vezes tentaram interessal-a n'um duo de *flirtation* com direitura aos resvaladios do vicio, que ella evitava, já se vê, com alguma d'aquellas palavras marmoreas, ditas sem amargura nem pena, e destinadas a pôr na cova d'esses mediocres amores, seu epitaphio. Depois, como parecia insensivel, oh absolutamente insensivel! ás solicitações da libertinagem, e não desmentia, por onde quer que fosse,

as suas grandes linhas austeras, começou no seu rastro a serie de paixonetas romanticas de todos esses que em Lisboa trazem o coração com escriptos, e andam a offerecel-o como uma caixa d'esmolas, á philantropia das mulheres formosas que se aborrecem. O estado d'esposa era porém tão fastidioso a essa mulher, como o de amante; e fechando cada vez mais a sua vida, apagando cada vez mais a sua belleza por traz d'uns monasticos estofos de spleenetica rica, ella dava ideia assim d'um d'estes sonhos de pedra, esculpturaes e inuteis, que se vêem nos perystillos de certos edificios, ou sobre o mausoleo triumphal de certos grandes mortos.

Em Lisboa porém, tão acostumado se está a prender ao pescoço de tudo uma coleira d'escandalo, que a isempção da condessa começou a occupar d'um certo modo as attenções, e como sob um clima tão torpido e um ceu tão suggestivo, a castidade é uma coisa problematica—até na morte—logo a maledicencia começou a vêr n'aquella sphinge que fugia aos homens, a cariatide d'alguma d'essas sacerdotizas lesbicas, d'um desses divinos monstros, de cujos estancamentos Catulle Mendés e Maiseroy tem escripto a biblia do amor extravagante.

A primeira mão recusada foi a do visconde de S., neto de reis, senhor da mais vasta fortuna

territorial do Alemtejo, o qual vendo-a n'um baile, uma noite, vestida de negro, loira e immortal como uma deusa, a si mesmo jurára não pertencer a outra mulher. Começaram d'alli logo negociações habilidosas, por banda da duqueza, mãe do rapaz, e tentativas d'intimidade, armadilhas d'estima, propositos d'approximação emfim, ardilosamente provocados n'um intuito de nupcias que todos foram em vão, porquanto a bella mysteriosa parecia dosear a expansibilidade na medida de nem ao de leve deixar vêr uma pontinha da sua alma glacida e miserrima.

Discreta e séria, com uma aurora de pallidez que se não podia chamar melancholia, eram da sua bocca sempre a ultima palavra da conversa e a ultima faiscação da galantaria. Era instruida até onde as mulheres de raça podem sel-o sem se confundir co'as preceptoras, e feminina até onde lh'o permittia um sexo que só exigia do amor, platonismos alados, e dedicações cavalheirosas.

Quanto ao visconde, a par d'um completissimo gentleman, era uma estampa magnifica de rapaz. Tinha todas as seducções que dá um berço egregio, sublimadas por todas as graças que veem d'uma opulencia intelligente, e da saude adestrada em toda a sorte de sportismo. A sua paixão garantiria portanto a uma mulher vaidades satisfeitas, paraizos e jubilos de fascinar a mais formosa e exigente imperatriz.

Porque foi então que ella, parecendo aceitar esse amor com enternecimento, desappareceu de Portugal na manhã do dia em que deviam assignar-se as escripturas?...

Voltou depois, na primavera seguinte, já os lilazes floriam nas moutas dos jardins. Bella sem duvida, bella de morte, e pallida e tão loira, com o seu ar de Juno adormecida, que era vêl-a passar, fechar os olhos, e ficar-se para sempre escravisado ao desassocego d'aquella adoração.

De todas as aventuras que teve, das paixões dolorosas que incitou, escusado é contal-as por detalhe, sabido como, chegado o momento de dar-se, subito inutilisava a obra que fizera, e partia, partia sempre, mercê d'uma obsessão inexplicavel, e sem um rastro deixar sequer por onde seguil-a, nem uma palavra a cujo murmurio prender sombra d'esperança.

Essa noite de theatro, marcou com uma barra d'espanto o meu destino, desarvorando-me, como um barco em naufragio, para todas as coisas praticas e lucidas da existencia. Por toda a parte agora o meu devorante vicio era seguil-a, recompôr o seu sêr complexo, quintessenciar o seu espirito extravagante.

O fatalismo da sua lenda havia irritado a minha curiosidade, o seu mysterio allucinara-me; e começou a roer-me o peito uma violenta impul-

são de a possuir! Esta ideia brutal, que a princio me perseguiu com intercadencias de repulsa, pouco a pouco robusteceu-a uma sede asperrima de esforço: era como se eu fosse o gerente de todos os odios por ella provocados, na sua altiva marcha, atravez das paixões um instante favorecidas e logo desdenhadas, e como se na minha alma, a par do furioso amor que pede carne, todas as viboras do despeito buscassem morder-lhe as pomas turgidas, enroscar-se-lhe na honra, e puil-a, com um implacavel virus de perversidade e de deboche.

Uma noite d'Abril, depois d'alguns meses de pesquizas, planos, ardis, já farto de vêr por toda a parte inutilisarem-se-me as combinações mais engenhosas para encontral-a face a face, uma noite atrevi-me a transpôr os muros da sua residencia, a ir aguardar n'um caramanchel de flores, a hora propicia de a surprehender sósinha no seu quarto, e lhe explicar sem veus a miseravel sede d'amor que me roia. A casa era n'um bairro longe, sem transeuntes nem commercio; nas ruas amplas, d'um aristocratico silencio d'alta vida, logo ao anoitecer quedavam-se as fachadas, a policia sumia-se, e nos macissos dos jardins, ao fundo dos parques, sombras benignas, mysterios de folhas, murmurios de cascatas, elanguesciam o ar com mornas somnolencias, convidando o bairro aos socegos do estudo, e ás reclusões da vida de familia.

Aguardei que tudo ao deredor adormecesse, e certo dos habitos da casa, do pequenissimo numero de creados, do isolamento da camara da condessa, ao rez do chão, n'uma torrella sequestrada quasi ao edificio, apenas a uma hora soou, desci do esconderijo, e pé ante pé, comecei a colear por entre as arvores, té chegar rente ás janellas da sua alcova.

Uma d'essas janellas fôra aberta, havia luz e, dentro, atravez d'um store de renda branca, eu pude vêr como n'uma nuvem, toda a encantadora desordem d'um sanctuario de vestal aborrecida, symphonias de seda lilaz nas armações muraes, pequenos moveis de formas serpentinas, espelhos antigos, com uma agua verde na luzerna dos seus metaes quasi hypnoticos... e de repente os tubos d'um orgão exhalaram na madrugada um threno vago, inacessivel, divino, meio religioso e meio lubrico, que a voz d'ella sublinhou, arrastando lamentos desesperados...

Umas poucas de vezes, tendo já as unhas fincadas no rebordo de pedra da janella, umas poucas de vezes detive o pulo, para me exprobrar acerbamente o assalto infame, e a cobardia d'assim ir surprehender a deshoras a reclusão virginal d'essa mulher.

No fim de contas, em que differia a minha acção da d'um larapio? Que ia eu exigir d'uma creatura que nem sequer me sabia o nome?

Uma apathia manietava agora a minha reso-

lução, emquanto o orgão continuava a preludiar os seus versiculos, meio religiosos, meio lubricos, sob um zimbro de lagrimas lustraes. Quanto tempo passou? cuido que muito. As flores de balsamina e lilaz inebriavam, e na profundeza das arvores o murmurio das fontes dava graça, entrelaçando as confidencias com beijos, e evolando da paz da noite, revoadas de vida phantasmatica.

E eu estava alli perplexo, como influenciado pela photosphera enervante da sua alma — da sua alma que eu sentia envolver-me como um fluido, substituir-se ao meu sêr traiçoeiramente, fazer de mim o mesmo automato infeliz, o mesmo eunucho bebedo, o mesmo tropego cão, sem dentes nem latidos, em que ella havia transformado os outros desgraçados. Já me decidia a tornar á arvore que me facultara a entrada no parque quando o orgão parou, e um vulto veio encostar a cabeça á humbreira da janella.

Uma lassidão dolorosa parecia elanguescel-a, murchar-lhe ainda mais as tintas pallidas, deixando vêr por sob o marmore da face, como que a tortura d'essa virgindade impruductiva. Perante esse phantasma então, que parecia enviar doloras ás estrellas, outra vez eu senti a minha velha paixão reclamar posse, exigir que eu lhe esmagasse os labios nos meus labios, e transvertesse o vulcão do meu sangue, na glacidez extatica do d'ella. E comecei a perder a noção dos contornos do seu vulto, a sentir galgar por mim uma raiva

adusta de carnivoro, latejavam-me as fontes, via moscas de fogo atravessarem-me deante dos olhos, perdi a cabeça, perdi a vergonha, perdi a razão...

E como um lobo, atirei-me, houve um tumulto, e em dois segundos rolávamos ambos na alcatifa... Eu tinha-a cingido toda d'encontro ao meu tronco, e torturava-a, amordaçando-a, rasgando-a, emquanto ella se debatia com gemidos de rola, aconchegando ao peito os ultimos estofos — que eu despedacei por fim n'um grito de triumpho, um grito estridulo, um grito indefinivel!... é que essa estatua de carne, maravilha suprema de belleza, é que essa mulher ideal e branca como um lirio, tinha no seio uma ulcera cancerosa, de malignidade hereditaria, de que sua mãe já morrera, e que lhe fazia da belleza um fructo podre, cadaverisando-lhe a vida lentamente, entre as paixões e as festas, n'um pavoroso inferno d'agonia.

Conto do Natal

Ha-de passar talvez das onze horas. A noite afinal pôz-se serena, não bóle vento, as solidões escutam...—é como se a terra inteira estivesse á espreita d'ouvir tocar o sino para a missa. Pela estrada que passa entre Villa de Frades e Vidigueira, vem descendo uma velha arrumada ao seu bordão de pobresinha. O rastejo dos passos dirme-hia porventura a edade d'ella: o luaceiro entanto, nuverinhado em céo de bruma, apenas deixa aperceber a silhueta curvada para a terra, com um pedaço de manta sobre os hombros, o sacco ás costas, e as canellas sem meias, entrapadas em ligaduras repellentes. Ao pé da ponte a mulher pára. Por detraz d'aquelles choupos, lá em baixo, á beira rio, havia n'outro tempo um forno de tijollo, agora pelo inverno abandonado. Ella adeanta-se, procura... E estrada passa d'alto, ladeada d'acacias e eucalyptos. E de redor, nos plainos baixos, as escavações do barro espapam-se

nas aguas da cheia, em lugubres lameiros, cujo hervaçum dá residencia a uma colonia rouca de sapos.

A velha estende o bordão para a barreira, procurando vereda n'um chão firme, em cujo barro os seus pobres sapatos rotos não mergulhem.

Mau grado o embrutecimento da edade, o frio, a fome, e o desejo d'amosendar para alli, no forno de tijollo, longe das apupadas dos cães e dos rapazes, uma nostalgia poetica ergue-lhe a vista, e então recorda-se, e quer circumvagar os seus cançados olhos para o largo. É uma esqueletica paizagem de dezembro, nua e cançada, quando já a natureza se alquebra toda em desalentos, e os troncos das arvores parece que estrebucham, como os famintos de Londres, n'uma bebedeira d'odio, truculenta. No primeiro plano ha terras de vinha, olivaes muito negros, e colinas redondas com moinhos. Para as bandas da Vidigueira risca a neblina um traço negro, que deve ser a torre do relogio — depois, á direita, uma mancha de cal, o cemiterio. Lentamente, á medida que o raio de visão se prolonga no horisonte, os outeiros complicam-se, as fórmas perdem sua delineação traço por traço, e toda a cordilheira dir-se-hia pintada n'uma successão de pannos de theatro, a cinza claro, e gradações mais e mais desvanecidas.

Oh que socego! Uma divina essencia, abstracta, etherea, vem oscular as urzes e as levadas.

Do seio das negridões, de quando em quando, brotam suspeitas de fórmas vagabundas, a branco cinza: esboços de sonhos, almas erraticas que debandam, noitibós que se acolhem, friorentos na noite, ás pedras das ruinas... Vem um accorde triste dos cardos seccos d'á margem dos alquêves, dos pilriteiros sem folhas, e dos zambujos frugaes das ribanceiras. E as aguas do ribeiro troam nas pedras, por entre as cannas e os choupos, cujas varas se esfalripam nos ares, tisicas e brancas, com um ou outro corvo por folhagem.

Da outra banda são semicirculos de terras e valados, com feixos altos em silhueta no tom madreperola da lua, e alternativas de negro e zonas claras, que dir-se-hiam feitas num desenho a carvão, com lapis prateado.

Todas aquellas brancuras vem do extremo horisonte aos olhos da mendiga, por suspeitas, desagregadas das fórmas, abstrahidas do resto da paizagem, e todas poderiam interpretar-se como effeitos de neve, de luar, d'agua dormente, tanto a neblina enche de phantasmagorias a noite, e presta uma alma incoherente áquella scenographia de ballada.

Ha porém no sopé d'aquelles montes um ponto que a velha anciosamente procura. É o pequenino convento de capuchos que alveja da banda de Villa de Frades, derrocado, entre oliveiras. Lá

corre o muro da cerca, té se perder n'um grupo de cyprestes. N'aquella cerca, já depois de profanado o conventinho, era antigamente o cemiterio: um cemiteriosinho d'aldeia, com malmequeres e figueiras bravas, craneos á solta, e nenhuma cruz ou mausoleu commemorando a jazida de qualquer. Alli repousam os parentes e amigos da pedinte, paes e irmãos, filhos e netos: só ella, errante de povo em povo, sem um affecto que a proteja, sem uma bocca amiga que a console, vae pelo mundo a mendigar de porta em porta!

Vinte e dois annos passaram depois que ella abalou da sua terra, e quatro ou cinco vezes lhe succedeu passar alli como estrangeira, com os olhos no chão, corrida de vergonha, vendo a igreja aberta e tendo medo d'entrar, passando ao rez-véz das casas ricas, e arreceando-se de pedir esmola á creadagem: e depois ao toque das trindades, noite fechada, detendo-se a escutar de longe os conhecidos rumores do logarejo. Oh, essa chafranafra da volta do trabalho, com guizadas de mulas tintinando, estrupidas de carros desferrados, e a boas noites trocadas, os cavadores cantando em côro pelos caminhos, a crepitação da lenha nas lareiras — e depois no boccal das fontes, o mulherio que pousa os cantaros, e entre risotas commenta as picarescas historias da semana!

É quando n'uma melancholia doce o dia morre, e grandes nuvens esmagam no poente as verme-

lhidões crepusculares. É quando uma exhalação envolve as cupulas das arvores, e das terras molhadas, claridades ephemeras phosphorejam, e uma voz corre e suspira á flôr das hervas.

Pois acabou-se, acabou-se! E a triste da mulher desce a barreira, aggredida por tudo, as recordações, a noite, o frio, a fome... Não, não repousará entre os demais, no pobre cemiterio da sua aldeia, em que avoejam corujas e francelhos: a casa onde nasceu foi demolida: arrancaram a vinha que o marido plantára, ha cincoenta annos, com solicitudes de bom cultivador: e ninguem na villa já se recorda da Josepha, da viuva do Pratas, mãe d'uma filha bonita que anda agora nas feiras, de cigarro, e passa o inverno em braços de soldados, n'uma viella infame d'Estremoz. Ao cercar-se do forno, uma claridade viva a surprehende. O alpendre ficava do outro lado, n'uma descahida brusca do monticulo, e alli está gente, ha fallas de homem... — ai pobre velha! aonde ha-de ella ir passar a noite áquella hora?

Por um momento ainda ella faz um passo para costear o forno, e ir pedir agasalho á fogueira de quem quer se acoite no telheiro. Mas logo em seguida reflecte. Que qualidade de gente será? Recebel-a-hão com caridade? Um vago terror se apossa dos seus membros: pé ante pé busca afastar-se... Mas como tem as pernas e os braços regelados! Um torpor lhe paralysa os movimentos, anestesia-lhe os dedos, e peza-lhe nas palpe-

bras com somnolencias de chumbo. Nos campos paira um socego terrivel e perverso, em cuja abobada se respondem os latidos dos cães, pelas malhadas. A geada branquea o alquêve das courellas, queima os favaes. E a claridade no alpendre é cada vez mais confortante, milhares de faúlhas sobem pelos ares, na fumarada da lenha humida d'oliveira, que estala e arde em flammasinhas rapidas e alegres. Ella então cede, resolvida a entrar na zona illuminada, e a pedir agasalho aos forasteiros que anteciparam.

Chegára quasi á bocca do telheiro, occulta ainda por traz d'um grupo d'arvores, perto do rio — quando de repente esturge um grito largo, começado em surdina, e saccudido depois em phreneticas uivadas, com uma expressão de soffrer dilacerante.

Ao primeiro berro, um homem que estava accorado por deante da fogueira, salta de golpe, e fica um instante seccado, á escuta da noite, bebendo os rumores do largo, emquanto desenrola a cinta da cintura. Aquelle berro, a velha conhece-o, é horrivel e terno, angustioso e deliciado, e toda a mulher que o solte, principia esposa e acaba mãe.

Havia pois no alpendre uma parturiente a reclamar os seus cuidados. O desejo da velha era correr, mas do seu canto de sombra a pobre he-

sita, vendo o homem girar pelo telheiro a passos furiosos, ir, voltar, acachapar-se instantes sobre o vulto que bole lá no fundo do alpendre, em estremeções afflictos: e enfim, jurar, bramar, ordenar-lhe silencio, prometter-lhe pancada, exasperado cada vez mais, por aquella algazarra que póde deitar tudo a perder.

Ha um momento em que elles cuidam ouvir um murmurio de rodas, afastado, talvez uma sege que passa, levando alguem á missa de Natal. Aqui a raiva do homem não conhece limites, e eil-o corre á mulher de punho armado, prestes a dar-lhe, caso prosiga o berreiro escandaloso. Vem com effeito na estrada uma berlinda, com guizadas nas mulas, e vermelhidões de lanternas entre as arvores. E o homem precipita-se, enclavinha os pollegares assassinos sobre a garganta da mulher.

—Calas-te ou morres!

E a sua voz surda, pequena, sacudida, humilde quasi, vem explosindo e crescendo, té bravejar n'um rouquejo de colera exhaustinada—Cala-te diabo! Cala-te, estafermo!

A mãe, coitada, mal póde estrangular os urros que a expulsão lhe arranca, em dôres medonhas, como se trinta mãos brutaes lhe estivessem arrancando as visceras, ligamento a ligamento. Já a berlinda passa, ao trote rapido das suas quatro mulas espanholas... um ou outro corvo solta nas faias o seu grasnido estremunhado, e outra vez a

paizagem fica muda, entre as brumas e as sombras, o fragor da ribeira, e a uivada dos cães pelos curraes. É esse o instante da mendiga fazer um passo, abandonando o circulo da sombra, prestes a dar-se, toda cheia de celestes compaixões por essa misera mulher que a desgraça forçou a vir parir n'uma ruina, sem ao menos ter a aquental-a, como a Virgem, o halito da vacca e da jumenta, e as solicitudes ideaes do carpinteiro.

Mas tudo aquillo é rapido e fugace. Os gritos da mulher tinham cessado: lento e sinistro, o homem voltára a acocorar-se perto da fogueira, com uma expressão de camponio perverso, meia animal, meia humana, onde o brilho dos olhos punha uma sagacidade extraordinaria. Elle despira a jaqueta, tem as mangas da camisola arregaçadas, as mãos sujas de sangue...

— É rapariga ou rapaz? disse a mulher.

Elle estivera algum tempo a ligar-lhe co'a cinta o ventre dolorido: não retrucou. Dera na torre da Vidigueira a meia noite, e em Villa de Frades logo começou a tocar para a missa do gallo. O cerraceiro morrera pelos campos, e as cumiadas do céo, azues e vastas, refulgiam d'estrellas e luar. Mas nem por isso a paizagem tinha ficado cristallina. Coisas opacas brotavam dos terrenos, fórmas dormentes, que pareciam vaguear nas ouviellas molles dos farejaes.

Perto, nos choupos, havia gestos d'angustia e imploração; sahiam vozes da agua, preguiçosas e

mysticas como threnos, e certas troncagens tinham expressões humanas na noite, que perturbavam de morte o arregaçado.

Outra vez então aquelle homem se ergueu com modos lentos, veio escutar. Os sapos tinham-se afinal calado nos algares, pairavam no socego as azas aphonas dos mochos dando espiraes de roda ao forno de tijollo. E mau grado o frio, aquella noite de Natal vinha suave, com poucas côres mas delicadas, e cambiantes de céo, que o vento uma apóz outra, transmontava.

— Dá-me a creança, disse a mulher... Quero-lhe dar mama, não me morra de frio a pobresinha!

Elle tinha nas mãos o pequeno ensanguentado, que vagia de frio, conjugando os beicitos n'uma sucção d'instincto, que devera ter feito sorrir d'enternecido um outro pae. E sahiu do telheiro, o pequeno pendente da manapola, o cenho torvo, o ar faccinoroso.

A velha, vendo, estendera-lhe os braços do seu canto: e elle vagueou assim por qui, por lem, entre os troncos das faias e os silvados, atascado na lama, mas sem poder estar quieto em parte alguma, e como se pela marcha desse vasante ao phrenesi mental que o devorava.

Havia á beira d'agua um pedregulho. Elle deteve-se. Instantaneamente a sua cara envelhecera, leques de rugas radiavam-lhe dos cantos das palpebras, sobre a pelle da testa e da faceira, e a li-

vida bocca, agora secca, supplice quasi, tinha sombras d'angustia ás commissuras, e convulsivos tremores nos beiços desbotados.

Mais uma vez lançou a vista ao de redor, n'uma suspeita atróz de o estarem vendo, e ergueu o braço, com o pequeno seguro pelos pés, como um coelho... Porém a luz do luar incommodava-o.

Tornara para traz, desalentado, furibundo comsigo, e resmungando alto imprecações. Mas veio-lhe de repente uma veneta, e bruscamente, com um resfolegar de bezerro, escavacou o pequeno contra a rocha A pancada dera na pedra um som de melancia podre, esborrachada em surdina, bassa e tungente. Foi um momento, aquillo, e todas as coisas voltaram ao extasi hibernal de instantes antes.

O homem ainda esteve curvado um pouco de tempo, sobre os atasqueiros glacidos do rio — uma solemnidade pairava ao fundo do espaço — té que afinal sahiu das hervas, com o cadaver suspenso pelos pés, todo sangrento, um cadaversinho d'infante recemnascido, roliço e roxo, cuja boquinha ria d'innocencia, e cuja alma devera estar-se incorporando áquella hora no cortejo d'eleitos, que todos os annos vem, com o menino Deus, refazer na crença dos simples, a suavissima lenda do Natal.

A princesinha das rosas

Vê lá como é bom dormir n'uma barca de pesca, ao clarão da lua cheia, que deixou cahir sobre as aguas o seu leque de palhetas lampejantes. Embalde a fria princeza das noites estende o braço para apanhar das ondas o leque que lhe foje, cada vez, cada vez mais para além...

Sobre a areia branca, ainda ha pouco cantavam manso os pescadores, e as creanças nuas faziam, na orla das ondas, rolões de golphinhos que sahissem d'espumas. Mas as cabanas adormeceram, esvaiu-se o fumo das toscas chaminés, e cada vez o leque vai fugindo mais por essas aguas afóra.

Lá nos confins do mundo, onde se acaba o pavimento dos mares e começam as arcarias do céo, ouvi dizer que está cahido ha muitos annos um pedaço da abobada celeste, e por alli entram as almas das creancinhas mortas, ao colo dos seus anjos da guarda. Nosso Senhor, fatigado de

conversar em latim com os prophetas, vem vêr por essa fenda da abobada, as alegrias do mundo; e quando nos sente felizes, se os trigos são fartos e as redes vem cheias de peixe, fica tão contente, o bom velho! D'uma vez, um delphim de França, que morreu pequenino, vendo á entrada dos céos aquelle velhote curvado, a rir para elle, de manso, poz-lhe a mãosinha na bocca, para que o velhote a beijasse. Chalreando com a sua vózita de cherubim: *hei-de fazer-te duque!*

Pelo mais intimo da noite, quando as cabanas dormem, uma vida extranha, impalpavel, errante, phosphoreja das coizas inanimadas durante o dia. Certas fórmas inertes, brutaes, immobilisadas, parecem palpitar d'uma alma que desabrocha, como a floração exotica do cactus, aos halitos humidos da ante-manhã. Tudo vibra a complicada funcção d'uma vida, sente, respira, cresce, sabe amar e reflectir. Cada floresta e cada prado, como uma grande cidade, forja e obedece a suas leis, tem interesses reciprocos, disputas, casamentos, batalhas e mortes, e revolta-se, aclama os seus reis, precipita os tyrannos, corôa os poetas, exalta os martyres, castiga os apostatas, applaude os tribunos—porque tambem uma eloquencia jorra pelos labios de certas flôres. Esta alma exhalada toma differentes expressões, magnetisa-nos e circumda-nos.

Os anões são, dizem, espiritos que brotam a essa hora dos rochedos, como os elfos das arvores, e as *nixes* das claras aguas das ribeiras. Sobre as tranquillas ondas, dansando ao clarão da lua, veem-se as fórmas diaphanas d'essas virgens aquaticas, que subiram das grutas azues que ha no fundo marinho, a respirar o halito das estrellas, e a saccudir dos cabellos d'algas, as perolas que os mergulhadores acham depois dentro de cascas d'ostra, como em escrinios esculptados. São raparigas que morrem no seu dia de noivado, antes de se sentarem, coroadas de rosas, á meza do festim de nupcias, e em cujos labios o noivo não chegou a depôr o beijo da fecundidade. Assim inflammadas em desejos, que mergulham no seu peito como as raizes d'um cypreste, pallidas como o alabastro dos sepulchros, e mais puras ainda que a alba das madrugadas, ellas foram para a cova vestidas de noivas, e a cova as repelliu, vendo-as abrazadas d'amor, para que as purificasse a agua limpida da corrente. Nas suas mortas nucas enroscam-se as tranças gotejantes. Pelas tunicas descingidas, brancuras d'espaduas parecem offerecer-se. E tentam os seios, de crespos, como pomos que nunca fossem mordidos.

Por manha ellas coseram uns aos outros os seus veus de virgens desposadas, e com elles fazem os nevoeiros do rio, a vêr se os barcos se perdem, e algum pescador vigoroso e bello lhes

cae na rede, afim de o sugarem com os seus beijos lethargicos de vampiros.

Dos hombros lhes nasceram azas, longas como as dos insectos velozes d'agua, tão leves e musicas, como vibrem ao vento, que mais parecem preludios de harpa os fugitivos sons que acompanham, volitando, as suas danças cheias de morbideza. Os pés, de sempre viverem n'agua, vão-se fazendo pouco a pouco em barbatanas. E ondulantes como cobras, eil-as enlaçam os corpos aos pares, por sobre as enrugações friorentas da onda, cingindo-se pelas cintas, e tendo as azas a prumo, como ligeiros alfanges. Outras, sentadas nos rochedos baixos, penteam os verdes cabellos marinhos. Muitas saccodem a plumagem das tunicas, chapinando a agua com o donaire de cysnes. E ha nos seus perfis esmaiados, uma graça immovel que faz pensar em flôres convalescentes, inclinando sobre a haste as brancas corollas virginaes!

Embalde, embalde porém ellas fluctuam, buscando noivo para os seus palacios submarinos, forrados de lichen, e com mobilias de malakite e coral. O seu amor de sombras faz tremer os pescadores no alto mar; encontral-as seria morrer de pavor!

Quanto mais a noite avança, mais ellas parecem tomadas d'inquietação, e hesitam, tornam a vir, partem de novo enlaçadas, ou parecem ficar reflectindo onde encaminhar seus passos.

Mas vae que um pescador adormeceu na barca, sonhando que o mar lhe fallava baixo, rolando as suas espumas...

E o pobre estendia os braços, dormindo: vínham bandos de *nixes* debruçar-se-lhe na barca, alvas e fluctuantes como as nevoas que o vento rasga nos cabeços dos montes, delicadas, ligeiras, para o coroarem d'algas. E uma d'essas era a rainha, tão bella que mais parecia divina, tão nova que antes se diria creança, com tranças côr das areias enxutas, e olhos verdes, cuja penetração ia atravez dos mais cerrados nevoeiros. Só de a mirar o pescador entontecia, e tanto lhe quiz que começou de entristecer e não cantar ao sahir pr'o seu trabalho.—Que tem elle? Que não tem? Nenhum sabia dizer a razão d'aquella magua repentina. E todas as noites o pobre adormecia, e vinha a rainha sorrir-lhe. Mas era estender os braços, escorregava-se ella por entre as demais, té que impellida pelo chapinhar das barbatanas, a barca ia golfo em fóra, caminho d'uma gruta selvatica, tenebrosa, sem fundo, ouriçada de dentuças crueis, onde bramia o mar nos temporaes, e se dizia ser a bocca do inferno, por onde sahia o demonio, fóra de horas. Já lentamente ia a madrugada descerrando uma cortina de noite, entrementes que o pescador sentia o mar erguer a voz, e espumas de raiva á bocca do

antro por onde o turbilhão de sombras regressava aos abysmos, lasso de marchar na noite, sem destino. N'aquelle ponto sempre o pescador despertava... iam desapparecendo as ultimas fimbrias de tunicas, e a rainha era a derradeira a transpor os boqueirões da gruta, tanto amor lhe nascera no peito, que parecia dizer ao pescador:

—Vem commigo ao meu palacio d'estalactites côr de saphira, onde são colossaes os diamantes, de portico em portico ha rosarios de perolas, e os leitos são conchas mais finas que as azas das borboletas e as petalas das rosas. Nas minhas estufas abrem-se as puras flores da belleza, sensitivas côr de luar do norte, de cujos estames gottejam esmeraldas; aloes e fetos de perfumes exoticos: e os cysnes cantam toda a vida em lagos d'ambar liquido, sereias e carpas d'oiro fazem cortejo de roda da minha gondola tirada por polvos de grandes tentaculos, e passarás em cortejo pelos canaes da minha capital, babylonia submersa, de que ainda hoje os pescadores vêem os zimborios, soterrados ao meio do golfo, estando o céo puro e as aguas serenas. Guiar-te adormecido á entrada da gruta, eis o que eu posso fazer. Mas só despertado e por tua vontade, poderás transpôr as primeiras arcarias. Não te assustem os vôos circulares dos morcegos verdes, com cabeças d'anão e oculos de metal sobre o nariz; não respondas á interrogação muda das sphinges de bronze, que por aquellas lugubres avenidas agitam a cauda

ameaçadoramente; nem queiras saber dos cães de tres cabeças, que arreganham a dentuça sobre quem ouza penetrar o sombrio claustro que leva aos meus dominios. Oh! não hesites, meu amor! Abandona a tua velha barca e os farrapos que te vestem, e a rede que mal te dá para comer, e as cabanas e a terra onde serás toda a vida um pobretão de quem ninguem faz caso. Já rompe a manhã e as estrellas se apagam. Deixa o calido sangue dos teus labios na frialdade morta dos meus! Dá-me a tua mão, que ainda é tempo, e acclamar-te-hão rei por todo o fundo d'esses mares.

Porém elle vacillava, com medo. Seguil-a-hia? Transpôr a caverna era medonho! — e scismando na fascinação d'aquellas fallas, vinha lentamente a golpes de remo, perscrutando ainda no fundo das aguas a flexa dos zimborios da capital sepulta no diluvio.

Dormia o golfo n'uma phosphorecencia incorporea, que lhe subia do fundo; brancuras incertas de corucheus, arcos triumphaes, terrados, estatuas, mausoleus, pareciam immobilisar-se na translucidez cerulea das camadas mais fundas, entanto que a voz da ondina se difundia no murmurio das ondas, semelhante á musica d'uma frauta entre os suspiros do arvoredo.

Andaram assim noites e noites, as redes não traziam peixe, o convivio dos ranchos era-lhe fatigante, e ia apodrecendo o colmo da cabana, sem que elle o renovasse... Uma vez, pelo alto escuro, deixou-se prender do encantamento: de manhã encontrou-se a barca sósinha, como um esquife violado, caminho do oceano... e referindo o caso os velhos do mar persignavam-se. Dizem que nasceu uma creança da união do pescador mal-a ondina. O pae era christão; não consentiu Deus que a pequenina vivesse a vida monstruosa dos paes, nos palacios da babylonia submersa.

Quando a ronda das origens aquaticas tinham subido a divagar nas orlas do golfo, o pescador deitou a filha n'uma cesta bem calafetada com resina. E á bocca da gruta, lançou o berço ás aguas. E o berço foi vogando até ás regiões da primavera, eterna, luminosa, onde as almas dos lyrios vão pousar-se em revoadas sobre as elegias dos poetas, e se cazam os colibris co'as açucenas e as cabeças loiras se inclinam na suavidade do mesmo idyllio entresonhado. Assim aportou o berço ao principado das rosas, e o principe que se banhava mais a princesa, ambos tristes de não serem fecundos, apenas lhe trouxeram a creança, adoptaram-na por filha, fazendo-a jurar successora ao throno do seu pequenino paiz — tão pequeno, que as lavadeiras batendo roupa nos tanques de palacio, iam estendel-a, por não chegar o campo, sobre as fortificações de rosas da fronteira. Foi

crescendo a pequenina, crescendo; de longes terras vieram sabios instruil-a nos segredos do saber humano, terras, céos, astros, noites, plantas, aguas e nuvens. E açafatas de mil côres e paizes lhe ensinaram a bordar maravilhosas tapeçarias, em seda e oiro, para as capellas dos mosteiros e cathedraes; outras lhe faziam tocar no orgão symphonias de grande uncção religiosa, que erguiam a alma para o azul da bemaventurança; e outras ainda a habilitavam a talhar gibões de côrte e anagoas de brocado; emquanto miniaturistas toscanos lhe iam dizendo a maneira d'illuminar a brilhante colorido os livros de Horas, nobiliarios, missaes, com toda a casta de figuras, grinaldas de flores e castellos, nas orlas do pergaminho assetinado.

E já mulher, as fallas da princesa eram de musica, os olhos côr de lothus, e cabellos loiros tão grandes, que se os desatava cahiam-lhe pelas costas, rolando ao chão em espiraes mimosas como a seda, e mais olorantes que a verbena e que o jasmim. Porém esta maravilhosa figura parece um crystal de neve, onde jámais tivesse batido coração. Os seus olhos eram pallidos e vagos como os das estatuas: cerrada sempre, a bocca não tinha esses instinctivos fremitos que são como beijos latentes em labios virginaes — e havia nos seus meneios tal dolencia, regularidade e reserva, que logo faziam evocar, vendo-a assim muda, a sua origem d'espectro e de *nixe*. No principado das rosas iam-se os reis fazendo velhos.

Embalde os velhos provocam justas, saraus, e outros certamens, com o fim de chamarem aos seus estados todos os bellos principes e gentishomens da cercania. Elles corriam, arvoravam as côres da princesa, pondo o nome d'ella por divisa, nos escudos, mas cada um, depois de a vêr se retrahia, minado do estranho frio que o seu divino corpo irradiava, frio inexplicavel, profundo, intimo que todas as paixões ia gelando, todos os enthusiasmos abatendo, e sem escolher esposo a princesa! e um a um, cada qual partia sem voltar a cabeça, receoso por haver tocado aquella soberba estatua de mausoleu.

Embalde os reis meditavam na reserva da princesa, pois desconhecendo-lhe o nascimento, referiam aquella tristura á magia d'algum espirito adverso.

Chamaram-se os medicos e sabios do principado, os eremitas das montanhas, e os velhos monges contempladores que viviam por essas cavernas, á beira do mar, para elles dizerem d'onde provinha tanta frialdade de sangue na herdeira do throno, e aquella brancura attonita de phantasma, que tamanho alvoroço fazia nos corações adolescentes, vindos por desposal-a. Mas ninguem conseguia definir o mysterio: iam-se uns, vinham outros, os mais afamados, os mais venerandos, os mais velhos... E a sphinge de marmore branco, avára do seu mysterio, errava nas galerias do paço, coroada dos jasmins que tinha Ophelia vo-

gando na corrente, em meio dos adormecidos juncaes.

Muito, muito havia que ella adoecera de saudade pelo mundo fabuloso em que primeiro vagira. Era de noite, nos fluctuantes poemas da sombra, quando essas confusas reminiscencias lhe pousavam na ideia, em flocos translucidos, evaporadas talvez do promiscuo sangue que tinha herdado. E uma fatalidade impellia-a para o lago, e dos varandins do palacio, ella ouvia os murmurios complexos das ondas, á flor das quaes pareciam divagar as almas do Dante, extaticas sob a fria lua, entre os rumores de todas as sortes de queixumes, ironias, lendas, e psalmos de naufragio. Ella a principio não podera recompor no turbilhão de manchas pallidas, que subia da agua, algum perfil ou fórma de coisa realizada na terra. Eram vapores escorregando sem ruido, molles ondulações, galopadas, e monstros, gigantes, mil desconformes braços brandindo ameaça...

Mas lentamente a vista foi-se-lhe acostumando a lêr n'aquelle phantastico cyclorama, como n'uma biblia jerogliphada n'alguma edade primeva... e dos confusos nevoeiros sahiram braços, cabeças, gargantas, torsos, cuja nudez entonteceria um sonhador. Cada fórma destroncou-se do tumulto geral, viveu do movimento proprio, soube distinguir-se entre as demais. E eil-as enlaçadas ao luar

n'uma ronda que se esgarça pelas arestas da rocha: ou esvoaçando sobre os ventres lividos da vaga, inda mais parecem multiplicar as suas figuras e pares.

Captiva por aquella phantasmagoria do lago, a princesa desceu á praia uma noite... o luar vinha nascendo...—diz que uma barca atracára ás escadarias do caes, negra barca de mudos barqueiros, anões com hombros de titans, cujos olhos phosphorejavam por baixo de chapeus feitos de grandes cogumellos.

Mas a princesa, a princesa?

Diz que pelas velhas estradas trotam mensageiros anciosos, creanças n'aquelle tempo, hoje velhos de mil annos, que vão perguntando aos viandantes se a viram passar alli. Quanta maior certeza elles teem de não achar quem procuram, tanto mais freneticos precipitam os vôos seus cavallos esqueletos.

—De certo! De certo! Cada vez o argenteo leque da fria princesa das noites, vai fugindo mais por essas aguas afóra. Na fóz do rio, os fogos dos barcos picam o mar d'estrelinhas vermelhas. Sonora como um beijo, a ribeira banha de manso, para lá do golfo, os muros dos terraços, onde os aloes alongam as suas lanças de ferro branco, onde ha tufos de peonias gigantescas, e os bosques d'eloendro, myrthos, loureiros e pam-

panos, abrem parasoes murmurantes onde as pombas se agazalham.

É noite. Illuminadas do fundo com clarões de mil tochas, as aguas attingem no lago uma transparencia inaudita, e no enredamento da floresta marinha, surge lá baixo a branca cidade submersa. É noite. Revestido com vestes de prelado, Satanaz, esse Baccho da bruxaria gothica, celebra missa nos altares da profanada abbadia, lá bem no fundo das aguas d'esmeralda. Entanto que a ondina geme no orgão aquelle grave preludio, fugitivo e languido, que exprime os ardores da sua alma inviolada, e se diffunde no murmurio das ondas, como uma musica de frauta entre os suspiros do arvoredo.

Divorciada

Pequenina, redondinha, com vivacidades d'andaluza e olhos garços de judia, toda a gente vae chamar-lhe leviana, vendo-a só por essas ruas a saltitar d'asfalto em asfalto, com ligeiresas de corças, ou parando systhematicamente ás *vitrines* das lojas e confeitarias.

Já um folhetinista a celebrou n'um trecho opiparo sobre as praias, com os epithetos mais *tintamarrescos* do vocabulario. A civilisação das cidades creou um genero de belleza singular, feito de feições arrebitadas, curvas estereis, e labios que destinjem lamentosamente na porcelana das chicaras, ao primeiro golo de chá. Esta belleza *nouveautè,* belleza artigo de modas, arrebicada, transitoria com os gostos da estação, obtida com cremes, signaes, e mechas de cabellos frizados, belleza que os rapazes não querem nas noivas, e os brazileiros gastos põem em condição ás amantes — esta belleza convencionou-se para diminuir o numero das feias, sem todavia alar-

gar o cyclo das formosas. Não seduz, mas tambem não enoja. Tolera-se como um producto d'arte canalha, contemporaneo do asfalto, dos pantheons adornados a columnatas de gesso, fingindo marmores de côres, dos reposteiros de chita reproduzindo desenhos das tapeçarias da grande epocha, dos moveis fingidos, e mais exteriores ostentosos que servem a dar o ar, mas sem deixarem na vida a nota de um conforto sincero e discreto.

Ella não era positivamente uma d'estas preciosas espartilhadas pela *Damien*. Oh, não! Vi-a resistir á grande prova: sair do banho como entrara, magnifica, palpitante, radiando frescuras loiras de nimpha, sem olheiras, pelles de gallinha, ou faltas de cabello na nuca. E dizia-me um velho entendedor — são de lei, as mulheres cuja belleza resiste ao banho.

Bertha, nome de castellã, pois não é? Ella o mais raro sentimento da graça, as mãos uma maravilha de finura e esquisitice; depois, em se decotando... que eu poucas vezes a vi decotada, poucas. Porque razão me accommette este sinistro proposito, de que uma mulher bella é sempre involucro d'algum peccado mortal? Se me dizem: é formosa — eu accrescento logo: culpada!

Suetonio escrevia talvez isto das bellas patricias romanas de decadencia.

Bertha tem todavia a historia mais planta d'estufa que eu conheço. Aos quinze walsou com o Jorge, na Figueira, uma estação de banhos.— Jorge, o que está secretario do ministro, o *bem conhecido Jorge.*

Oh, lá isso, talento!

Versos em todos os jornaes de Coimbra, sua pontasinha de philosopho, ainda que um tanto utopista em guitarra — foi sempre o seu defeito, utopista como burro. A luneta fumada vae-lhe porém fazendo o estro tenebroso. Agora canta os hospitaes, os esqueletos, os cavadores; diz muito mal dos burguezes, quer a Comuna, e tráz joelheiras de flanella. De resto, bem feito, maravilhosamente penteado, epiderme de principe, e a barba mais sedosa de Santa Izabel.

Por conseguinte amaram-se. Jorge era tão terno, tão submisso, tão branco! A imaginação que elle expendia a repintar o seu amor, e uma gravidade molle de carneiro estufado, captivaram muito Bertha, cuja indole ia de molde ás sentimentalidades que resvalam, durante o namoro, entre a volupia e a dyspepsia.

Se alguma coisa em Jorge desagradava a Bertha, eram talvez as borbulhagens que elle tinha em certos dias, no queixo, sobre as fontes, á volta do nariz — um nariz arcabouçado em rocha tarpeia, desmedido e fero, cujo modelo recusára

sempre ao gesso dos museus de raridades. Porém que nobre fronte bosselada, luzidia, radiante, elle tinha, com arborencias de veinolas que iam perder-se entre os cabellos, serpenteando, como caminhos de cabras!

Nem um só pello na cara, que a Providencia por poupar-lhe a cutis, se obrigára a fazer-lhe nascer o bigode na profundeza das ventas, e a lhe brotar as suissas de dentro dos ouvidos: bigode encurvado caudaloso sobre o labio, suissas cahindo espinhosamente ao longo da queixada.

—*Que guapito!...*

E casaram.

Omitto a cerimonia do templo, exhibições de *toilettes*, episodios de boda, camelias esfolhadas pelas alcatifas, as maravilhas da *corbeille*, o tom das nucas, e as coruscações dos braceletes e dos carachás, pois que isso deve estar nos jornaes de então. As tres da noite, elles ficaram sós. Por conselhos da mamã, Bertha tremia um pouco. Oh, o pudor ha-de ser sempre o grande artificio das noivas! Jorge entrara na alcova primeiro, e deante do espelho desfazia a sua tira branca, depunha os anneis, preparando um leve desalinho romantico nos cabellos.

Conhecia um pouco as noites de nupcias pelos contos de Lafontaine, cuja ironia gauleza se diverte em erguer a camisa aos problemas mais

pudicos, justamente nos seus mais delicados paroxismos. — E ia despindo a casaca. Depois, quasi commovido, foi em bicos de pés ao toucador, onde Bertha amuara na penumbra languida, toda palpitante de receio pelo que se ia passar. Então elle trouxe-a, com extremas cautellas, fallando baixo palavras escandecidas, com juras de dedicações nunca sonhadas, e impellia-a pela cintura.

— Vês tu, meu amor, faz tanto frio, por esse mundo!

Erravam na alcova restos de perfumes castos, halitos virginaes de rosas brancas e botões de larangeira.

Jorge, num embevecimento, fitava-a; e a noiva tudo era prolongar deliciosamente os seus momentos de donzella, e ir desfolhando entre preguiças fingidas, as ultimas floritas symbolicas de larangeira. Então começou entre os dois a vermelha lucta, coriscando mysterios de vida fecunda, deliciosa, dolorosa, inexplicavel, que põe como um fruto mordente na *corbeille* de rosas do noivado. Elles cingiam-se n'um desalinho inda surprezo, constrangidos, dialogando monosyllabos vagos...

Mas o peor da passagem... (dizia um vate) foi Bertha fugir de casa n'essa mesma noite, quasi nua n'um roupão de rendas, bella d'endoidecer o Papa, e furiosa por atirar-se ao primeiro homem que viesse, tal nojo sentia agora d'aquelle

inerme esposo, que filiava o bigode nas ventas, e fazia jorrar as suissas dos ouvidos.

Em quatro annos a sua belleza robusteceu-se, e como diz Valmiki dos seus quarenta mil versos, tornou-se n'um maravilhoso oceano de todas as perolas. Tem hoje vinte e tres, e o espirito mosqueado d'abelhas causticas, que lhe põem aos pés, servilmente rendida, uma nobre côrte feita com rapazes de todas as cathegorias. Nas horas vagas escreve, o que me approxima da sua intimidade um quasi nada. Tem por exemplo a pretensão de ser Delfim de Girardin no cyclo dos seus amigos litterarios, meia duzia d'eleitos, alguns imberbes ainda, todos vivazes, ricos, perfeitamente distinctos, aos quaes offerece com a mais perfeita graça mundana, a chavena de chá d'esses cavacos pictorescos em detalhes, cheios de constellações e conceitos, nervosos, disparando flexas d'oiro, vestindo quasi sempre á ligeira, que fazem o secreto fogo da vida intelligente, e não figuram nas secções dos jornaes, nem teem que vêr com as hombreiras das tabacarias.

Andamos agora collaborando um volume pequenino, um delicioso volume de cabellos loiros, condensação dos beijos, mãos dadas, e suavissimos sonhos que tivemos: por fórma que não é estranheza acharem-nos ás vezes na intimidade mais conjugal d'este mundo.

O que n'ella mais me irrita é a ortographia. Tres *rr* em *serra* appellido, para o distinguir de

serra instrumento cortante, e *serra* elevação de terreno! Porém o peor vem a ser a divina esculptura, mimosa e branca, da mão que escreve tamanhos barbarismos! — Fallamos de Jorge algumas vezes.

—Porque emfim, minha querida, sendo um rapaz amavel, poeta, perfeitamente correcto de maneiras, probo d'espirito e são de corpo, não posso comprehender uma separação assim brusca...

Ella hesita sempre n'este ponto, phrenetica e confusa.

— Jorge, Jorge... balbucia.

— Afinal sejamos francos: era um bonito rapaz!

— Sim, não digo...

— Intelligente.

— Quasi.

— Apto para marido d'uma mulher nova e captivante. E ella d'encolher os hombros, interdicta.

— Ora vamos. Era doente?

— Peor, exclama ella com palavras rapidas, erguendo-se para sahir, n'um turbilhão de cólera. — Peor! — e á porta, voltando a cabeça, n'um desprezo feroz:

— Não se lavava, ahi está.

O anão

Desde então, Carrasquinho entrou a ser o grande homem da aldeia de Sant'Anna. D'elle se dizia com ar finorio:

— Aquillo tem o diabo n'alma!

Nunca se chegou a averiguar se tinha effectivamente o diabo n'alma; mas um domingo, já pelas eiras, padre Manoel apregoou-o á missa, com uma de Portel, a Rosa, então servindo na herdade da Balsa. Carrasquinho, que fizera os vinte e cinco, era pequenino de corpo, muito pequeno mesmo; tão pequeno que estando ao sol, n'um olho de couve, veio uma vacca e metteu-os a ambos no bucho. Primeiro que o tirassem da vacca, um trabalho medonho, e todas as raparigas da aldeia tinham vindo offerecer-se para o lavar dos enxovalhos da viagem. Anno após anno elle se fôra tornando homem, pela barba, e pelo vozeirão que lhe sahia da guela, ronronando — mas cada vez mais pequeno, o Carrasquinho!

Uma tarde, estava o amo na sala recebendo

uns magnatas de Vil'Alva, Carrasquinho que entra. E em tão má hora se approxima d'um chapéo de pello, deixado n'uma cadeira, que ao ir debruçar-se a fazer *oh!* pelo chapéo—zás! foi de cabeça ao fundo da copa, e agora vereis quem m'o tira lá de dentro! Mas bom rapaz, possante, activo, fura-vidas e loquaz como poucos maltezes de Sant'Anna. Nas herdades estimavam-no, porque nas festas, palavra, em elle se pondo a dançar o fandango, escangalhava-se tudo com festa. Cheio d'instinctos pictorescos, jámais elle quizera despir os trajos de cabreiro que vira no avô e mais no pae: calção de terciopello azul-mar, chapéo bragão de tres borlas, polainas de couro crú, grandes ceifões de pelle de borrego... E por arma, cajado maior que um tronco de castanheiro!

Caçador não havia como aquelle, posto que a tal queda no chapéo de pello, o tornasse desconfiado, já pela tarde. E não querem vêr? o grão de milho soffria a paixão das mulheres encorpadas, naturalmente na esperança de por ellas vir a ter filhos visiveis a olho nú.

A Rosa, vamos com Deus! era um cavallão da mais desmedida estatura. A mãe trouxera-a vinte e sete mezes no ventre, e tinha-a parido durante seis dias, conforme a versão aldeã mais repetida. Mas bem empregada demora, que estava alli moça de carnes abençoadas, ella espantadiça que nem uma novilha de má raça: e os olhos, pae do céo! cortavam n'uma pessoa até ao coração.

D'esta vez o maganão promettia segurar-se, escaldado como fôra na historia do chapéo. Nunca mais tomou sol em olhos de couve. Entrou a poupar o cadaver; pudera não!

Se as vaccas sahiam ao repasto, por essas sesmarias afóra, furtava-lhes as voltas — quanto a chapéos de pello, fugia d'elles como das mais profundas cisternas. Para dar caça aos ninhos de perdizes, cortava os descampados ás escarranchas na burra.

— Oh grande diabo! diziam-lhe, pois tu não vês que assim afuguentas os perdigotos?

E elle, com profunda filaucia:

— Alarves? Mais vêem quatro olhos que dois.

E sobre o deserto dorso da jumenta, nem fazia sombra no chão.

A seara d'este anno não envergonhava a terra que a produzia. Ia haver azeitona como a agua de pedra. A burra mesmo pariu seu burrico, todo jocundo. Nada pois se oppunha ao casamento.

Casaram! Sant'Anna ainda não pôde esquecer a bôda. Na aldeia vai-se a gente casar com um capote de panno ás costas, quer façam céos de fogo, quer granise a chuvada de Janeiro.

Carrasquinho não tinha capa, vá de pedil-a emprestada por essas casas! Mas patarreco como era, que diabo de capa lhe dariam, que não arrastasse pelas ladeiras da aldêa, no trajecto para o

matrimonio? Agora vereis as fases! Que *um homem* não case por falta de noiva... Mas por falta de capa, era vergonha! Ninguem tinha traste ao sabor do Carrasquino. E o grão de milho, exasperado, tudo era dizer com profusão de gestos sacudidos:

— Qual é o diabo ruim que não tem duas capas, uma maior e outra mais pequena? Elle nem a pequena tinha: razão da sua intolerancia sobre o guarda-roupa dos demais.

Possuia o cura uma d'estas rechonchudas pequenitas, que elles recebem sempre por caridade, e instalam na residencia sob o pseudonymo tenro d'afilhadas. Muito amiga de bonecas, a osgasinha! — e o cura então mandava-lhe fazer pela ama umas madamas de trapo, com saias bufantes, grilhões de canotilho ao pescoço, lenços de seda na cabeça...

— Algumas tão asseadas, dizia a Rosa, que se podiam trazer em procissão por essas ruas, depois de bentas.

Pois a maior tinha capa. Isto salvou Carrasquinho, que assim pôde levar á igreja, sobre os hombros, a capa da boneca. Ui, que casorio mais guapo! Agora vereis carneiros esfolados para o *ensopado*, gallinhas em alguidares d'arroz ao forno, e uma cabidella, senhores, que até na Balsa acharam superfina! Ao banquete, o noivo ficou junto da noiva, sobre um cestão de verga das vindimas, afim de poder chegar com a bocca até á mesa.

E o pobre, para mirar a Rosa, tinha d'erguer a vista penosamente... Mas tanto saltou, buliu, mecheu, que d'alli a nada já ninguem sabia por onde elle se sumira — quando o seu vozeirão rompeu da algibeira da madrinha, dizendo estar atravessado n'um alfinete, á solta, por imprudencia.

Do casamento não digo. Bailarico até de madrugada, picheis de vinho á saciedade, e já no fim, saracoteando os quadris com donaires, castelhanos, eis que o Carrasquinho começa a dançar o fandango, ao *don-don* d'uma guitarra que o manageiro das Torres trouxera da herdade.

Na primeira noite do casamento, Carrasquinho arreceou-se: lembrava-lhe o chapéo de pello do amo! E tal pensamento o trouxe desaconchegado, por mais duas noites ou tres, dos quentes conjugaes. O grão de milho penava, vendo a Rosa na cama alta dos noivos, emquanto elle ia, tiritando n'uma velha manta, fazer companhia á jumenta na estrebaria. Mas todos os meios-dias, vinha á soleira o manageiro das Torres.

— Entre e descance, compadre...

Entrava elle, e Sant'Anna logo com tosse.

Elles, descançados, punham-se a fallar do mundo. Diz que as mulheres têem uma folha de vinha, mesmo no tempo das vinhas não terem folhas. O das Torres nem dizia sim, nem não. Andava uma cantiga.

A brincadeira, sim, sim,
A brincadeira, não, não...

que ella lhe cantava, rolando uns olhos brejeiros. Carrasquinho no trabalho, nunca vinha áquella hora. E quando pela noite entrava, d'enxada ás costas, aiforge na burra, farto de cavar, batendo as suas botas de sete leguas, dizia-lhe a magana com uns gestos assucarados:

— Esteve cá o Jacintinho, que vinha fallar comtigo...

Mas o pobre abria a boeca, massado. E Jacintinho todos os dias!...

Foi por esse tempo, faz annos agora, que o grão de milho adoeceu. Entrou a queixar-se de peso na cabeça, uns ais!... Em termos que a Rosa já não sabia que fazer para o curar.

Ah, mas que coragem de moçoila! Ao fim de seis mezes, tudo por agradar ao doente, entra a berrar, a destemida, e atira ao mundo um rapazão como um boi bravo.

— Sahe ao pae, dizia Carrasquinho, e Sant'Anna ria.

Carrasquinho era gazil como os melros, minaz de silhueta e muito amigo de dar ordem á vida. E então soberbo! Nunca admirava homens corpulentos, mas tinha dó de quem era mais pequeno do que elle, os gafanhotos, as formigas, os fran-

gãos... O seu fraco era a mulher. O seu forte, dormir a noite d'um somno de chumbo, que pela manhã, mal o buraco luzia, a Rosa tinha trabalho insano em sacudir.

—Quatro horas, ergue-te, preguiçoso! gritava-lhe ella umas poucas de vezes, em cada madrugada. E elle esfregava os olhos, resmungava o quer que fosse, e ia-se virando para a banda da parede. Ao fim de muitas investidas, lá puxava as cuécas, rosnando, cabeceando, para as enfiar nos dedos da Rosa, tomando-as pelas proprias pernas. Ouviam-se os gallos cantar nos agazalhos: a geada cobria as terras, e na lama dos corregos, entre courellas e tapadas, iam patinando os cavadores, caminho das fazendas.

A brincadeira, sim, sim,
A brincadeira, não, não...

Matinas. Já o vento varre as ultimas nevoas, e nos curraes bolem chocalhos confusamente. Tóca por esses campos, ao vento, ao frio, á chuva. Começam laivos de sol nos botaréos da igreja, que lá longe, vão amarellecer a caliça de Monte Oito, sobre o outeiro escalvado.

Quem tem caprichos, que os pague! Assim arengava Sant'Anna. Porque a Rosa hoje queria blusa encarnada, amanhã saia de fôlho, depois mais aquelle lenço de seda, com ramalhetes de rosas, todo chique...

Porém o casal não possuia um palmo de saibro onde enterrasse os ossos. Jacintinho, que se installára dia e noite, pedia mesmo a sua chavena de café bem forte.

Carrasquinho, cava!

Inda não decorrera anno e meio sobre o casamento, e já grão de milho levava tundas da Rosa.

— Seu grande mariola! seu madraccirão!

Pelo tempo quente, abalava ella em cima da jumenta, para as romarias, toda endomingada no trajo, e com Jacintinho á garupa.

— Não ha dinheiro? Trabalha, Carrasquinho!

O pobre nunca fôra senhor d'um fato novo, trazia os sapatos rôtos, rasgada a camisa, e o chapeirão co'as abas derrubadas. Vestia-se da sua enorme barba, levava data, mas cara alegre!

Havia em casa bom queijo, o rico queijo de cabras da Balsa, oleoso, dourado, com um sabor de prados verdes, aguas de serra, e rebanhos. Ella almoçava-o com o das Torres, ao canto da chaminé, alli quentinhos ambos, aconchegados, trocando chalaças. Mas Carrasquinho, farto de cavar, só encontrava dentro do alforge pão secco, negro, duro, bolorento, que nem os cães com elle entravam.

— Chora no berço o rapaz?

Pancada!

Á noite, quando o marido vinha, arrastando das pernas, cheio de somno, coberto de lama, Jacintinho por troça, tirava a guitarra do lado:

— Vá fandango! fandango!

E o triste, inda por cima escarnecido, lá ia bailar no meio da casa, entre as risadas da companhia.

E a Rosa cada vez mais gorda, e o das Torres cada vez mais guapo. Cava, Carrasquinho!

Vai-se sumindo, sumindo todo, o grão de milho, dizia Sant'Anna pezarosa.

Elle, enrugadinho, velhinho, corcovado, parecia caminhar procurando cousa perdida pelo chão. Ia a Rosa pôr cueiros enxutos no *creanço*, sentindo as pelles repassadas, e meio ás escuras, enfaixava o marido em vez do filho.

Gritava aquelle em cavernosa voz, repuxando os matacões, onde pozera a ultima vangloria.

— Guia-te por esta barba! Guia-te por esta barba, que não ha outra em Sant'Anna.

E não. Era uma lanugem molle, como a dos bodes, estranha, amarella, pendente... Reparando bem, havia até nas feições d'elle alguma cousa de herbivoro, flagrante á vista. O focinho, aguçado e movel, mascava sempre. As bosseladuras da testa tinham tendencias conicas de chibato. Era typico o ar espantadiço com que escutava os rumores dispersos pelo campo. Vinham a elle os rebanhos, como a um irmão d'armas. Os mesmos bodes, com o seu espirituoso donaire mephistophelico, lhe reconheciam um ar de familia. E roçavam-se-lhe

amorosamente pelos ceifões as cabrinhas *coquettes*, como quem suspira, *desposa-me!*

Quando se espalhou de repente, que apparecia o diabo em Sant'Anna, toda a aldeia foi tocada d'um panico.

Por modos, os maioraes da *Gamenha* tinham-no visto em fórma de bode, com pés de gente, a barba açafroada, dansando á volta d'uma cruz partida na encruzilhada Vargem, onde annos antes fôra assassinado o velho Roque.

—Jesus nos acuda! Santa Maria nos valha! diziam os lavradores dos montes.

Os maioraes diz que se benziam de pavor, á vista do mafarrico, queriam rezar, não se lembravam das rezas... e abalaram direito ao monte, deixando os gados aos rafeiros.

Entrementes, correu tempo.

Uma occasião, ia a Clamencia para as *Córtes*, tudo escuro, uma hora que dá—Jesus, não sei que faça! Os barrancos mugiam de cheios. Se a besta esbarronda por esses atasqueiros de Vale de Zebro...

Emfim, vamos lá! E o filho adiante, guiava a mula. Do céo carepava uma neblina farrusca. Nem viram branquejar o cardal. Mas n'isto, á esquina da Rosa, já no arrabalde, sahe-lhes um diabo... É lobo? Não é lobo. A mula, por mais que lhe batessem, nem para traz nem para diante. O diabo, alto, embuçado, com um gorro negro nos olhos, tudo era dar pinotes n'esses raivaes, elle a ganir, que não era dizer.

Patas lhe vira a Clamencia, e diz que alguns sete rabos de zorra, pendurados... E os cães uivando por esses descampados, nem que tivessem medo tambem!

Desde então entrou o diabo a apparecer ás noites, no mesmo sitio, á mesma hora, aos que d'acaso encruzavam tresnoitados, por alli. Alguns mais destemidos de Sant'Anna, foram a vêr com espingardas. Meia noite dada, elle a atravessar a devesa, mais encolhido que um ouriço, saltando aqui, cahindo além, e com um vozeirão d'atroar a quebrada silenciosa. Atiram-lhe. O vozeirão retumba já longe, a terra treme, e cada vez os cães uivam mais pelas malhadas. Alguns da aldeia, tendo visto muito diabo em figura de gente, já se não amedrontavam assim. Foram traz d'elle: inda o viram fugir por um portello arruido.

—*Eh lá! Eh lá!*

Uns galgaram o silvado com pulos selvagens, outros bateram as moitas com forquilhas. Aqui te ganso, além te agarro...

—*Estás prêso, ladrão!*

E assombro geral. Era o Carrasquinho! Muito supplicado, o pobre declarou que a Rosa o deitava fóra todas as noites. Ia por esses campos, batendo os queixos de frio, á procura de valhacouto onde esperasse a madrugada. Buscava então os rebanhos, entrava cuidadosamente nas arribanas das granjas, nas ramadas das ovelhas, os cães eram

amigos d'elle—e alli passava a noite, aquentado na lã das rezes.

Por um momento, Sant'Anna respirou: porém agora os destemidos é que desconfiavam.

—Vocês já repararam como elle se parece tanto com um bode? Os olhos, o focinho, a voz balada e profunda, e aquelle ar de maganice nos solavancos da cabeça?...

—A barba d'elle, rapazes, é como o pello dos chibatos. E vejam vocês como elle salta, como abala fóra de horas, sem se temer d'almas penadas...

—Já se viu n'outra terra homem d'aquelle tamanho?

Então começaram as lendas, as annotações á vida do desgraçado, os episodios ditos á luz fulva do medo.

—Porque elle vai aos sabbados a Monte Oito, sentar-se na penha lá riba, e dá o rabo a beijar ás feiticeiras!

—Porque elle em Quinta Feira Santa, desenterra os que morrem em peccado mortal, para fazer um oleo que transforma a creatura em lobis-homem!

—Porque fulana já o viu montado n'uma coruja, enfiar pela torre da igreja, e ir apagar a lampada do sanctuario, afim de lhe beber o azeite...

—Porque sabe tudo o que a gente perde...

—Ouve tudo o que a gente diz.

—Adivinha quem morre...

—Faz vir trovões...

—Espeta alfinetes nos sapos, quando quer fazer mal aos meninos da mama...

—Então mata-se!

—Já o mataram trinta e sete vezes, e restitue, para perseguir depois quem quiz acabar com elle.

—Põe-se-lhe uma cruz a ferro em braza!

—Não, que se abre a terra, mal o diabo a sinta!

—Diz que não póde vêr dinheiro...

—Nem passar aos cruzeiros das ermidas.

—E que dansa em alguma cruz se partindo...

—É chamar o prior!

—É queimal-o n'uma roça em ala!

—Atirar com elle a uma vaccada brava...

—Cozel-o em agua benta.

—Visto isso, e os autos, resumia a gentana, é o diabo!

Uma manhã, iam os ganhões para o trabalho, viram por uma brecha que a inverna lascára no muro do cemitério, uns poucos de cães nos covaes. Entraram. Os malditos tinham desenterrado o corpo do Gemito, e estavam-no comendo de sucia.

Então Sant'Anna disse: aqui anda Carrasquinho.

Começa Julho, começam as calmas, começam as ceifas.

Como o sol é terrivel das onze ás quatro da

tarde, para ganhar tempo, o remedio é ceifar nas noites de lua, e dormir d'uma sesta as horas de calor. Se porém não faz luar, começa-se a ceifa de manhãsinha, mal sóbe a cotovia, para entoar matinas no céo, quando já estonteam os ultimos vôos dos morcegos e dos mochos, á volta dos casebres abandonados.

Aos domingos, a aldeia ouve missa muito cedo, inda estrellado, e uma busina chama os cegadores á partida para a faina.

Certa madrugada de domingo, lusco-fusco, a Rosa, que se fizera ceifeira, veste os saiotes á pressa, põe sua capa de panno, agarra no pequeno, e toca para a igreja, a ouvir missa antes do trabalho.

Pareceu-lhe o rapaz menos pesado, essa manhã, mas inda fazia noite, ella estava com pressa, e foi andando.

Igreja cheia: ao fundo as seis velas bruxoleando aos ventos d'alva; e na sombra das capellas, as imagens pareciam ameaçal-a com os seus braços de madeira carunchenta.

Inda nem pardaes chiavam nas cimalhas. Entravam a cada momento, sapateando, os grossos camponezes, de fouce á cinta, arregaçados, com olhos de dormir.

E o padre, com uma alva rôta, a voz surda, ia celebrando o sacrificio.

Quando por baixo do capote da Rosa entrou o badaméco a espernear.

Puxava-lhes as roupinhas de manso, deitava os bracinhos de fóra, dava pontapés com insistencia, para recomeçar d'alli a pouco. Diabo de rapaz! Dous açoutes, a vêr se te acomodas! dizia a Rosa já com vinagre nas ventas: e dizendo-o bem, ainda o fazia melhor.

Porém o crianço não tinha emenda, assoprava como gato em saco de gallego, em termos da Rosa sacar a mama, resolvida a enfiar o bico da têta pela bocarra do traquinas.

E o traquinas, lá vai dentada na mãe. O quê? Bocca de quatro mezes, ornada com dentinhos assim? Ai, o grande mariola! Espera! — e exasperada, a mulher levanta o capote.

As vizinhas, indo a afagar o infante, sentiram-lhe a pellugem sebosa das canellas.

Diabo de precocidade!

E proseguindo manso no exame, recapitularam, a paragrapho tantos, sem mais delongas, que o mostrengo ou era o diabo, ou era o marido. Era o marido! Porém o marido era o diabo.

Imagine-se aqui o tumulto.

Toda a bacoragem das moças rompeu a calada do templo com faniquitos de panico. As velhas atropellavam-se, caminho da agua benta, havendo tal que pretendia immergir no catholico licor, as anatomias menos propensas á invasão diabolico-morbifica.

Em começo não se sabia bem o que era; todos fallavam ao mesmo tempo, na sombra da igreja,

confundindo perguntas e respostas; mas vai que a cousa correu, estar homem nú por baixo da capa d'uma fregueza, e surdas coleras logo, sobrexcitações fanaticas, foram avassallando a canalha de Sant'Anna.

Hein? Pois o amigo demonio, simples regulo desobediente ás leis imperiaes do Todo Poderoso, réles D. Carlos guerrilhando nas montanhas do mal, ousava vir aos paços de Deus, disfarçado por baixo do capote d'uma adultera?

— Eh, rapazes de Sant'Anna! Vocês não olham para tamanha astucia?

E uma gralhada de beatas e alcoviteiras interrompia já o serviço divino. Algumas das bruxas estatelavam-se no sopé dos altares, osculando as taboas immundas, ganindo por misericordia.

Uma ossea e trobuda, de nariz truffado, subira a abraçar os rins d'um S. Francisco, que despenhando-se, teve por bem esmagar-lhe as cacholas com uma das bemditas manapolas, esculptada em attitudes d'abençoar.

Os camponezes viram então milagre no crime do santo, e de fouces erguidas correram á Rosa, que largou de si o marido nú, trazido da cama por engano, em vês do filho. Então é que foi berreiro e chanfranafra!

O desalinho do demo punha curiosidades picantes nas mulheres. Aqui e além, os incredulos riam, batendo nalgadas no estranho fantochino, tão singularmente lannigero, que tiritava de ter-

ror, sem saber como occultar tão vergonhosa nudez.

Porém os furiosos tinham-se apoderado d'elle, em brados descommunaes, delirando por afogal-o na pia baptismal.

Em balde o padre queria chamal-os a socego, persuadil-os de que a cousa não passava d'uma peça de entrudo.

Já os olhos se acendiam de faulhas sinistras, e os gritos de—mata! mata!—entravam a circular.

— É o diabo! declaravam todos. Nós o vimos, fóra de horas, este mesmo, aos pulos por esses raivaes!

— Então damos cabo d'elle.

A Rosa, em soluços, agarrava-se ás pernas dos algozes, pedindo graça, e elles, com palavras obscenas, iam-na atirando para o lado.

Um cabreiro das Torres, o *Palhaço*, modelo espadaúdo de barbaro, estupido, negro, catadura feroz de colloso egypcio, os olhos convergentes sobre o nariz cahido como um monco, agarrou no grão de milho por um braço e erguendo-o do chão, pol-o ás cavalitas nos hombros, e cercado dos mais, foi correndo para a pia do baptismo.

Porém antes lá chegar viu a porta da torre escancarada, e os primeiros degráos da escada, carcomida entre esfumaçadas lugubres.

A mesma ideia sobreveiu ás cabeças, n'aquella hora, e o *Palhaço* enfiou pelo esguio portello ogi-

val, corcovando o enorme dorso ás circumvoluções do caracol d'alvenaria, que levava lá cima, aos varandins dos sinos — emquanto a turba dos rebeldes ficava á espera no adro.

Dentro de pouco appareceram, carrasco e victima, e todos viram o *Palhaço* segurando pelas canellas um corpito secco, que se debatia com berros de terror, dando nos ares a silhueta d'um coelho. Já áquelle tempo os animos se apiedavam, cahindo em si, de vêr como a farça ia produzir desmantelos tragicos.

Muitos, de gasnete erguido, pediam que fosse solto o pobre diabo. Porém o *Palhaço* estava bebado, nada ouvia, uma seiva feroz ascendia por elle, e n'uma alegria terrivel, a sua grenha revolvia-se á brisa da manhã.

Ouviram-no por instantes praguejar cópia d'improperios, estendeu os braços n'um largo impulso de mola abandonada a si mesma, abriu as mãos de repente...

Manhã clara. Uma flexa de sol zimbrou n'esse instante a madreperola dos céos, indo bater na caliça de Monte-Oito. E desferido com rija valentia, o corpo do Carrasquinho veio amachucar-se em baixo, cavamente, nas velhas lages sepulchraes do adro.

Tragedia na arvore

Na minha horta, como a primavera começa, vocês não imaginam como é fresca, exhuberante, e viva, a passarada.

Todo o pomar floresce ao sol, esbracejando por cima das relvas picadas de campainhas e trevos.

Vão um pouco atravez d'essas ruas de parreiras, alfazemas, dhalias, e rosaes, té lá baixo ao tanque. Hein? Corollas gottejando perolas d'orvalho, perolas que entornam subtis perfumes. Á medida que as arvores se vestem, e a tepidez do ar, e a lucidez do céo, e a magnificencia do sol, são duradouras em demasia para garantir prosperidade aos pequenos sêres, começa por todos os escaninhos de troncos, penedos, musgos, ramarias e folhas, uma invasão d'artifices lestos, chilreantes, alados, contentes, vestidos de côres singulares, republicanos mais ou menos, que vem fundar á maneira dos outros anos, a sua grande e pictoresca cidade de ninhos.

Teem quasi todos os seus habitos proprios, inconfundiveis, pacatos, habitos d'interior, que os vizinhos são forçados a respeitar. E deixem-me aqui dizer-lhes que os passaros são mais egoistas do que apparentam. São! O melro, por exemplo. O pardal. A obesa calhandra dos trigos. O patife do pintasilgo. O devasso do tentilhão. Somitegos, desconfiados, commodistas... Que sucia!

Certa formiga já velha, que soubera escamugir-se em mais d'uma rusga, á voracidade d'aquelles libertinos, disse-me ahi pelo tempo das eiras— ninguem me venha cá fallar em innocencias de passaros.

—Judiciosa sentença de formiga!

E tão maus, que me lembro agora d'um caso... —foi lá na horta, um anno a fazer pela Ascenção. Certa manhã no laranjal, dei por um melro voando baixo, surrateiramente, com duas fibras de grama no bico. Deixava as fibras fosse onde fosse, voltava a buscar mais, sem ruido d'azas ou assobios de triumpho, tão curioso na lida, que me deixo ir atraz d'elle, por vêr de perto o que fazia. Defronte da casa ha uma rua de tilias e castanheiros, levando á ribeira que deslisa no fundo da propriedade, pedregosa, entre cannaviaes e velhos freixos, e moradio dilecto do passaredo. D'uma banda e outra, sabugueiros, balsas enredadas, silvados cheios de flores; e a ribeira gorgoleja, precipita-se, espadanando por baixo das pontes, e agitando de rodilhão as rodas das aze-

nhas. A femea, incansavel (era uma femea) penetrava como uma flexa ao coração da balseira, donairosa, azul de negra que era, veloz, enthusiasmada, vibrando maternas ternuras, entanto que o macho vigiava o campo, pousado n'um carapetero. Eu esfregava as mãos de satisfeito. Que os ninhos dão fortuna á propriedade.

Rompia da balsa uma faia enormissima, corpulenta e altiva entre as de mais, em volta de cujos ramos mil folhitas d'ouro verde esvoaçavam ás transparencias do sol. Tenho olhos de lynce, olhos de caçador que se preza: de maneira que não foi preciso olhar muito, para distinguir sobre a faia, a meia altura, n'um garfo de ramitos balouçados ao vento, o mais ligeiro ninho de pintasilgo, todo em musgos, lianas de fibra imponderavel, pennugens arrancadas pela mãe ao proprio ventre, nas furias d'um louco amor instinctivo. No cimo da faia, no cimo, como quem dissesse lá riba, nas aguas furtadas do predio, morava um rouxinol.

— Como poetas de genio, os rouxinoes não podiam morar senão nas aguas furtadas.

E toda a noite elle cantava nos pincaros da arvore gigantesca! Como o ouvia da janella, embevecido, quiz-me parecer, francamente, que o velhaco roubava pedaços ás *Flores do Campo*, do João. Sob a lua clara d'abril, ao pestanejar das estrellas, a sua voz corria escalas, tomava alturas extraordinarias, brios, ineditas riquezas, resonan-

cias inauditas, e esse largo estylo de canto, já hoje raro até nos tenores celebres. A faia tornara-se pois, conservatorio; melros ao rez do chão; no andar nobre, pintasilgos, o rouxinol bohemio nas aguas furtadas. Durante o dia, o melro assobiava, e o pintasilgo vá de fazer vocalisações.

Ah, mas debalde queriam ambos macaquear o rouxinol! Isolados, agradariam talvez como rusticos trovadores; eram porém ridiculos junto a semelhante adversario.

Mal o campo adormecia calava o melro o seu siflo de gaiato. Comidos d'inveja, punham ponto os vaidosos pintasilgos. E eis o rouxinol lançando triumphalmente ao amphitheatro de colinas, o grande motivo d'opera a executar.

Cantam sobretudo de noite, os rouxinoes, fazendo lua, quando as mais aves dormem burguezamente, com as cabeças debaixo da aza. É então que a voz lhes ganha accentos patheticos, melodias nuançadas de paixão, vehemencias, caprichos, supplicas. Ninguem rimou ainda com mais cruciante lyrismo o poema da melancholia. Para entendel-os é necessario ser pobre, ter talento, e ter soffrido. Dão a nostalgia do céo, esses saboyanos cuja voz estanca as dôres da alma, e cuja existencia faz scismar, pelo mysterio de que se ennubla. Encarcerados, morrem de tristeza. Desapparecem quando murcham as primeiras madresilvas. As suas pennas teem uma côr parda d'andrajos. Pequenos, contrafeitos, molles, scismadores, com

pouca força nas azitas, dir-se-hiam convalescentes, ou forasteiros, que o clima do paiz estiolasse. Almas talvez de poetas, volvendo em passaro, á procura das suas Lauras e Natercias.

Desde que os competidores do rouxinol se convenceram d'impotencia, travou-se na arvore uma batalha furibunda. Todo o dia os melros faziam exasperadas tentativas para dobrar o canto, e ir *smorzando* a pobre *Maria Cachucha* que tinham aprendido no berço e os pintasilgos, inchados de prosapia, ensaiavam trilos e garganteavam arietas, á maneira tambem do rouxinol.

Á volta d'elles, nas ramas dos salgueiros, nos ninhos, nos ares, a passarada ria sem rebuços, das filaucias d'aquelles impertigados cantadores. Havia um cuco sobretudo, admiravel d'escarneo. Nunca vi cuco assim trocista e folião. Porque era começar o *charivari* de melros e pintasilgos nas pernadas baixas da faia, entrava o velhaco logo — *cu-cu! cu-cu!*

Só o rouxinol na sua agua furtada sobranceira aos campos, n'uma atmosphera de socego, dominando algares, colinas, o rouxinol calado, absorto n'uma especie de sonho poetico, parecia não cuidar d'adversarios, cahido n'essa morna tristeza que consome, fóra do tablado, os grandes tragicos e cantores.

Noite, desce dos montes! Já vão ennegrecen-

do nas nuvens as ultimas ourelas d'oiro e cochonilha. E ahi temos o rouxinol que desperta, e se agita, tomado d'um nervosismo hysterico, e esvoaçava, lançando os primeiros accentos melodicos, como um bello tenor, por ensaiar a voz antes que a plateia rumoreje, e a abobada azul do grande theatro illumine o seu lustre d'estrellas e romantico luar. Fatigados áquella hora, melros e pintasilgos não queriam senão dormir. Mas quem diz que o consente a vibrante voz do bohemio que mora por cima? Isto recrudescia o rancor das aves invejosas, que juravam vingar-se. Tinha o rouxinol nos cimos da faia, uma familia que occultamente ia educando.

Esposa, uma ninhada de pequenos... aquillo tudo lymphatico e pobre, não descendo jámais a escada do predio, até cá baixo á ribeira.

Os melros então foram visitar os pintasilgos.

—Tu não me dirás com que direito o rouxinol nos perturba o somno?

—E nos excede na belleza do canto? disse o pintasilgo insolentissimo.

—E nos humilha.

—E nos despreza, com aquelle seu indifferentismo de grão senhor.

—Dizem que é fraco.

—Que os filhos d'elle inda não podem voar.

—Então castiguemol-o!

—Diabo! disse o melro. Chamar-nos-hão cobardes.

—Cada qual com as armas que Deus deu. Venceu-nos elle co'a voz; vencel-o-hemos co'a força.

O melro, coitado, hesitava.

—Vamos a elle, disse o outro patarreco. E iam subindo e saltitando na faia.

—Com esse grande bico, insinuava sempre o pintasilgo, podes bem tirar os olhos, e comer-lhe os filhos. Eu por mim, se o ninho tiver ovos, parto-lh'os. Apre!

Assim treparam lá cima, e ante o terrivel adversario, sentiram o seu furor reduplicar. O melro já via um mar de sangue por deante dos olhos. E atirou-se ao desprevenido rouxinol, que a essa hora estava compondo mentalmente, uma bacarola pathetica. Foi então uma batalha desigual, sanguinolenta e terrivel. Os pequenos, feridos ou mortos, cahiam á ribeira; fez-se em pedaços o ninho, o mesmo rouxinol desertou e fugiu. E agora lá anda elle, errante e sem guarida, como aquelle rei arabe expulso de Granada, cantando as tristezas do exilio, as recordações da felicidade, e as santissimas legendas da familia.

A velha

Entretanto, os senhores ficam avisados de que esta historia é um pouco triste. Era uma velha que vivia em companhia do filho, n'uma aldeia da Bairrada, lá para as bandas do Luzo. E o filho era casado. A mulher d'elle não gostava da sogra, como é d'uso, e zus d'uma banda, zus d'outra, lá vinha sempre a assanhada da moça metter-se c'o a pobre velha, que tudo ouviu, coitadinha, sem jámais retrucar uma palavra. O seu coração golfava amargura e tormentos, por vezes, n'aquella cabana de camponios, onde as inercias da doença e a invalidez dos annos, quasi lhe não deixavam mexer palha, da lareira para o quintal, e do quintal para a lareira.

Por mais que ella se encolhesse nas estamenhas velhas do seu trajo, por menor que fosse a *bucha* arrancada á brôa de milho, durante as refeições, sempre o seu vulto estorvava os outros na cabana, e sempre á volta da banca, sorvidas gu-

losamente as ultimas colheres de caldo verde, alguem ficava com ciumes do que a velha ia mastigando, com os seis tropegos dentes que ainda restavam na sua bocca murcha de não rir ha muito tempo.

Uma noite, era por dezembro, no sopé do Caramulo, e á vista da serra da Estrella, sempre neve, por dezembro! — uma noite, á hora da ceia, os odios da nora arreganharam mais vivos contra a velha as suas dentuças peçonhentas. Ella ouviu, ouviu... Mas d'aquella vez fôra medonho. Deixou cahir a colher no fundo da malga em que comia, e lentamente pôz-se a erguer por sobre os hombros, á guiza de capote, a saia d'estamenha que trazia vestida. E só passado um instante ella disse, em voz mui baixa, tartamudeada pela emoção:

—Se vos faço estorvo na casa, digam-n'o vossês, que me vou já, sem mais aquellas.

E alongava a pobre cabeça branca, a fim de não perder uma palavra do que sem duvida seu filho iria responder. Mas o filho da velha, filho unico, deixara-se ficar calado, com os olhos no fundo da sua tijela, e triturando nos gumes dos incisivos, restos de côdeas esquecidas sobre a meza. E a desgraçada embalde punha no casal a angustia dos seus olhos extinctos!

Uns poucos de segundos passaram ainda, dentro dos quaes não se ouvia senão o *tic-tac* secco, monotono, escarninho quasi, do velho relogio sus-

penso na parede, por cima d'uma grande arca de castanho.

Eu bem dizia: é um poucochinho triste a historieta. Seguidamente a nora ergueu-se. E ao entrar na casa dos bois, com o alguidar vasio das sopas da ceia, virou-se, e disse:

— Já vocemecê sabe que ninguem lhe acudirá. Que abale ou fique, pouco se nos dá.

E aquelle filho calado, enrolando um cigarro, da outra banda da meza, sem olhar para as fundas rugas da sua miseria e da sua edade! Então a pobre mulher pôz-se de pé, desenferrujando as juntas para se dispôr a caminhar. Tirou da arca meia duzia de trapos que lá tinha. E turbados de lagrimas, os seus olhos contemplam a casinhola onde tinha passado a vida toda, desde o nascer, dia por dia, a casa que seu pae lhe déra por legitima, e com que ella presenteara o filho, toda contente, no dia em que o vil se tinha ido casar.

Da arribana então quiz-lhe parecer que a nora resmungava:

— E não se despacha, a seresma!

Abriu docemente a porta do casebre, e foi-se embora. Que tormenta de neve cai lá fóra, Nossa Senhora da Montagua! Já todo esse campo está de camisa nova vestida, e muito branca... da lua escorrem luzeiros opados, côr de perola, côr de cinza, atravez do nevão que está cahindo. E uma

lufada de flocos parece que teima em empurrar a velhota para dentro de casa, como quem aconselha se abrigue.

— Deixa-me, deixa-me, granizo estuporado! responde tragicamente a pobre expulsa, como se fallasse á lufada: tu não mandas coisa alguma alli de dentro de casa. E o seu dono deu-me a saber que eu estava de sobejo, entre os que lá vivem, estuporado granizo!

Ahi vai ella, ahi vai, tropega, corcovada, atravez da phantastica noite de neve, luctando contra o frio, luctando contra as marafalhas de gelo que se lhe derretem na cara, e sobre as mãos encarquilhadas.

As suas forças esgotam-se, ergue os olhos a Deus, e um vago terror se lhe apodera do espirito, n'aquella solidão sinistra do caminho. Dentro de pouco ella já nem poderá afastar da cara os brancos flocos que lhe causticam as rugas, por tal fórma tem as mãos entorpecidas. Uma lassidão traiçoeira começa a invadil-a, dos pés aos quadris, e da ponta dos dedos aos extremos superiores do ante braço. Resa uma Salvé Rainha a Nossa Senhora da Mortagua. Irá levar-lhe para a lampada, uma almotolia de azeite novo se vier. Mas quando? quando? Em solteira, ia ella, no carro de bois, pela romaria d'agosto, té ao monte que emsombra a villa, mal-o pae, e os irmãos, e os

parentes, de chapéo novo, lenço de sêda, e tamancos de polimento, mais ricos, com seu tacão encarnado. Cada qual depois fôra morrendo, um agora, outro ao depois... terras vendidas, filhas casadas... e agora expulsa de casa, e tão pertinho já da sepultura!

— Não lhes dizia eu que era uma historieta um pouco triste?

Uma lassidão traiçoeira começava a invadil-a, e vai subindo. Ha um momento em que ella já não póde... *Salvè Rainha, mãe de misericordia*... Oh! como a cabeça anda á roda! *Nossa Senhora de Mort*... e acocora-se na vereda, a pobre velha, crispada de pés e pernas... *Vida de doçura, esperança nossa*... E cáe para o lado, fechando os olhos, n'uma suprema agonia. Triste, um pouco triste, a historieta.

Desperta ao calor d'um lume crepitante — é uma casa já velha, muito pobre — e um velho esperta a fogueira com ramos de pinho secco, que vai partindo e deitando. O velho tem-se approximado, risonho, carinhoso.

— Eh lá! tia mulher!

Ella só vagamente percebe as suas vozes d'aconchego.

— Eh lá! repete o homemzinho.

Já os seus olhos o fitam com mais concentrada solicitude.

— Eh, mana mulher!

Então a vagabunda conhece-o. É o moleiro do Pego, que a requestara em cachopa, e na romaria d'agosto, em Mortagua, lhe arrancara a confissão d'um amor, que a leviana, mais tarde... Raparigas! Raparigas! Tinha jurado esta não casar com outro, á hora d'elle partir para soldado. E encontrara-a casada, ao voltar, o pobre diabo!

A velha não diz nada, passaram cincoenta annos: e uma grande commoção a agita, e envolve, e entorpece. Vai fazer um esforço para se erguer do canto—é melhor, afim de começar a sua peregrinagem por esses montes, sob a neve, té que as matilhas de lobos lhe arremetam. Aventura-se a dizer, como elle a encára:

—Mas que hei de eu ficar aqui fazendo?

—O que fazem pessoas da nossa idade, mana mulher. Pouca coisa. Descançar.

—Dirão de nós que dormimos.

—E isso que tem, n'esta idade? O ultimo a morrer fechará os olhos do que o primeiro se tiver ido. Deixe-se ficar aqui. É como se a minha mana voltasse, graças a Deus, do outro mundo.

Ella reparava, scismando, nas carantonhas que a cinza esquissava, de capricho, por sobre o vermelho fulvo do brazido. E por esse campo, a tormenta de neve não cessava de cahir.

Pouco depois contava-lhe elle a sua vida. Era uma tranquilla historia de trabalho, pouco bata-

lhada contra a miseria, mas com raros solavancos de alegria tambem; uma pachorrenta historia de tres figuras, moinho, moleiro e burro, vivendo todos tres na santa paz de Nós'Senhor. Mas o que ella sofrera, a pobre velha! O que ella tinha soffrido desde o casamento!

—P'ra lhe fallar ensinado, fez o moleiro, nada me espanta da sua pouca fortuna. Vocemecê foi como as outras mulheres, alma penada por homem, e sem paciencia d'aguardar a fortuna, quando lhe picou o sangue na guelra, como o peixe. Ah, não ha meio, tornava elle, não ha meio de as fazer ter paciencia! Em a tal coisa lhes subindo á garganta, hão de casar por força, vocês. Receba agora o mau pago de não ter querido aguardar o pobre tarimbeiro. —É castigo de Deus! tornava elle, e a velha abanava a cabeça em signal de affirmação.

—Pois fique, fique, dizia o moleiro chegando para ella o seu rude escabello de pinho. Por acaso tem medo ás linguas más? O mundo que poderá dizer, se o nosso tempo já passou? Muita vez me ponho a considerar nos que se casam, para que o mundo não tenha fim. Ahi se carregam elles de filhos, que teem obrigação de sustentar e trazer agasalhados. E os filhos crescem, á medida que os paes se vão alcachinando de velhice.

Por fim estão fortes, trabalham, casam-se os rapazes... Raio de vida, alli a um canto da co-

sinha, os velhos paes já não fazem senão dormir e comer. Esta vida ociosa aborrece em casa de gente pobre. É um desafôro, uma pouca vergonha... Queixa-se a nora do pão que lhe escasseia no taboleiro? Podera não! Os velhos não fazem senão comer. Ha uma contenda á lareira? Se os velhos são uns intrigantes! Rico vai o anno de Deus, a ceara folhuda e bem lançada, a vinha rija, e tão viçoso o couval! Que vintens nós poupariamos, marido, ao canto da arca, se teu pae nos não pezasse tanto, o estupor ruim! — Dirás se eu tenho razão, mana mulher, dirás se eu tinha razão, dizia o velho. E a velha abanava a cabeça, deixando as suas lagrimas correr a quatro e quatro.

— Ainda bem que eu fiquei solteiro, por me haveres faltado ao juramento. Teriam vindo os filhos, miseria na casa, moinho vendido para os crear... e depois de crescidos, vai-te lá para o esterco, estafermo podre, diria essa canalha d'ingratos! Mas padecera tambem d'isolamento. Todos soffremos, d'esta maneira ou d'aquell'outra. Já tu eras casada, punha-me a figurar, por desfastio, está de vêr, a minha vida comtigo, no moinho, com um bom jantar ao canto do fogo, aboboras a curtir no telhado do alpendre, e tres ou quatro porcos no xiqueiro, para a fartura do anno. Dava-me aquillo um bem estar! Hoje que

estás ahi, parece que o meu sonho foi certo, e que esta noite vem continuada de muitas que temos passado a aquecer-nos do frio, por baixo da mesma chaminé, como casados.

A velha entreabria um riso vago, n'aquelles seus beiços, murchos de não rirem ha muito tempo. Oh, como a vida tem minutos serenos! E elle lhe tomava as mãos pergaminhosas, nas suas mãos com dedos cobertos de nós e calos, para evocar junto dos seus brancos cabellos, juventude, alegria—que sei eu!—promessas, romagens, fatos novos... Atravez d'aquellas reminiscencias, a velha ia percorrendo assim paizagens desvanecidas, scenas d'outr'ora, idyllicas e frescas, todo um passado fluctuante entre saudades, e tão longe, Senhora de Mortagua, tão longe!... E as mãos se cerram entre as mãos pergaminhosas, e sorri a velha com o seu triste rosto encarquilhado.

—Houve um tempo, vai ella a dizer. Houve um tempo...

A mesma doce melancholia inclina a face aos dois, para uma caricia que nem sequer se chega a esboçar, pois elles calam-se a ouvir dentro do peito os corações reverdecidos... Ia jurar que o vento cessa: só a neve continua polvilhando os braços das arvores com uma primavera phantastica de floritas, menos brancas que a pureza d'aquelle amor, sagrado quasi. Eu bem dizia aos senhores—esta historia é um pouco triste.

Idyllio triste

Quando o boieiro da vanga cegou, a filha tinha completos os dezeseis. Typo de montanheza, tostado, architectural, com fórmas animaes que a tornavam desejada, e um abandono de trajos que mais lhe punha em relevo os fructos acres da virgindade. O que n'ella tentava era a expressão selvagem dos olhos, olhos salientes de cornea, sem branco, com iris turvas que lembravam latão embaciado, e uma inquietação de rapoza nova nos modos de fitar a gente. A grenha russa que lhe cahia para a testa, ainda mais accentuava o seu bravio aspecto de cabra. A carne era dura, por baixo da pelle brunida, onde a cada movimento, por pequeno que fosse, se percebia a estriação dos musculos, e descalça, com um saiote que servia para a despir com mais graça, ella fazia uma especie de copia da mulher das edades barbaras, dura de fórmas, bella e grosseira, e com esse cheiro de matto que é o perfu-

me mais delicado de certas caças da montanha. O habito de guardar as novilhas identificára-a com ellas: havia nos seus beiços desdenhosos uns restos da ruminação dos herbivoros, e nas suas espaduas amplas, seccas, elasticas, uma força pacifica e uma fulva nudez, que deviam já ter prendido o coração d'algum touro. Quasi todo o anno os bois pasciam na montanha. Raros pastores cruzavam aquelles cerros penhascosos da Vanga; por fórma que o sitio era para o rebanho, para o boieiro, e para a filha, um como ilheu no meio da terra firme, furtado aos caminhos viaveis, e ás curiosidades da aldeia. Fallando bem, já se não sabia quem era o boieiro; ou de que mulher nascera a filha.

Tinham-na mesmo baptisado? Os guardas dos rebanhos são singulares creaturas, sabeïstas como os antigos povos pastores, contempladoras, credulas, capazes de prestar culto a toda a geographia dos astros, e ajudando os poetas a recompor com sagacidade essa vasta epopeia de navegações emprehendidas outr'ora por deuzes e heroes, nos oceanos celestes, á descoberta dos archipelagos d'estrellas. Pae e filha fallavam pouco.

As solidões concentram o espirito, e cerram os labios n'um movimento solemne. Além de que, entre os dois, a haver amor, era rudimentar, como o instincto das bestas. O velho chamava a rapariga por assobios, com'ás vaccas. De

resto, a verdade é que não havia differença. Quando o boieiro cegou, a principio, foi cruel. Ella não sabia comprehender como cega uma pessoa, conservando os olhos limpidos e abertos, e deixava-o tateando pelos corregos denegridos, sobre as lombas dos montes, sem se importar quando elle ia rebolando ao fundo dos despenhadeiros, ou se feria as ventas d'encontro aos carrascos da escarpa. Descortinado das cristas, onde elles erravam, pae e filha, o panorama era grave, concentrado, austero de rythmo. Uma natureza carnuda, pouco fecunda, brutal de perfil, mostrava as mamellas viris, n'esse vasto socego de virgindade dormente que nenhum desejo espicaçou ainda. De roda, valles cobertos de tojo, piorneiras, scillas e troviscos, sem caminhos, sem passaros, sem florações: colinas asperas fazendo uma especie de galope d'ondas, por quarenta leguas de raio, té aos limites do céo, e lá longe, marcando os quarteis generaes das herdades, casa: litos brancos com medas de palha á bocca das arribanas-grandes e agudas como obeliscos —lá longe, entre azinheiras nodosas, que tinham o ar de monumentos funebres, contemporaneos dos dolmens.

Essa manhã, como ella descera ao pascigo das rezes encosta abaixo, contra um valle tenebroso d'entre cabeços viu sahir de baixo da ponte um vulto de homem esfarrapado, que parecia não haver attentado n'ella, e cambaleava

como atordoado ainda por um fim de bebedeira. Com um geito montez elle atirou mais para o hombro a manta alemtejana, em farpões, branca e preta, que lhe fôra escorregando pelo braço. Evidentemente ia ao acaso, porque se poz immovel sobre a barreira, a farejar os rumores da redondeza, com um feitio adunco de gato-bravo, curvado para a poça d'agua que dormia no fundo do barranco. O sitio, de roda, dir-se-hia intentar não sei que emboscada medonha. Grandes sobreiras estacavam por toda a banda, com physionomias lugubres, contorcendo as pernadas n'uma musculatura furiosa e vermelha. Abaixo d'estes sinistros colossos, não tinha exhuberancias nem mimos a primavera. Humidas penumbras estagnavam á flôr da terra: reles camilhas de musgos, fulvas, verdenegras, côr de sangue pisado, cobriam o chão tortuoso, por cujos rasgões rompia a ossatura das rochas, com esqualidezes de hombros furando os andrajos d'um pedinte. Em face, nenhuma nesga de horisonte sequer adivinhada por entre dois cabeços mais broncos. Estevaes por toda a parte, urze pouca... só os medronheiros protestavam com o seu verde vivo, contra as sombrias gammas do matagal. E um silencio! Por ali não voavam cotovias. Algum passarito do matto, d'estes trepadores cinzentos, ageis, pequeninos, que esvoaçam em espiral nos troncos dos carrascos, receosos da propria palpitação das suas azas, ou o cacarejar traiçoeiro das

viboras, cujos sobresaltos guardam o frenesi macabro de pequenos espiritos malfazejos da charneca.

Já perto, quando os novilhos se abeiravam da poça, o maltez virou a cabeça, agarrando na espingarda d'esguelha. O branco dos seus olhos, tinto de belis, mais lhe creditava o ar fulvo de fera que elle tinha, assim acocorado na barreira.

—Guarde-a Deus, mana mulher, disse em voz baixa o valdevinos. Isto aqui, de quem é?

—Isto aqui é Vanga, tio, disse a boieira. Guarde-o Deus.

—Vanga. Trazem ganhões, cá na herdade?

Ella admirou-se.

—Herdade? É lá longe, por traz d'aquelles cabeços. Aqui é só pastage, não vê?

As vacas vinham descendo: já uma bezerra roçava os focinhos na superficie irisada da agua, varrendo os cheiros podres do pantano c'os fundos assopros das ventas causticadas. E como a rapariga seguia:

—Olhe cá, mana mulher, disse o maltez, vocemecê é que me podia fazer uma esmolinha... Vai p'ra dois dias que não entra n'este corpo migalha de pão de Nosso Senhor. Sezões que é de morrer. Longe da minha terra, longe da minha gente... E d'ahi, se me desse um tasgalhinho de pão, por alma dos seus defuntos...

—Deixe vêr, irmão, disse a moça, deixe vêr.

Dependurara o bornal de pelle de cabra, par-

tiu em dois o rollão duro que lá vinha, mais um tarro d'azeitonas sapateiras, e deante d'elle, agachando-se, deu-lhe a ração melhor. Deveras faminto, o maltez manducava o quinhão que percebera. E apaziguado no sobresalto d'uma cilada, depozera a arma, cortezmente, junto á boieira. Detiveram-se então já tranquillos os olhos d'esta na figura do maltez que lhe surgira. Era um diabo emagrecido de miseria, descalço, enorme, e com cabellos de linho muito emaranhados sob um gorro azul debruado a vermelho. Uma camizola de lã crua vestia-lhe o tronco, com jaleca de saragoça por cima, toda amarella de velhice. Calças largas, lustrozas de cebo nas coxas, tinham rasgões á altura dos joelhos, e via-se por baixo uma carne brunida de latagão, onde a magreza fazia descriminar musculaturas emaciadas pela horrivel febre alemtejana. Tinha uma cara soberba, ainda assim, o vagabundo, amarellenta d'ictericia, com duros vincos entre os sobrolhos d'oiro, e um forte nariz de ventas esmurradas, cujas narinas batiam nas expirações tumultuarias, como duas portas atiradas pela ventania.

— Pelos modos, disse a boieira, não é d'estes sitios, vocemecê?

— Nada, não sou d'estes sitios.

E accrescentou, mostrando o poente; sou d'apar d'Evora, lá p'raquellas bandas.

— Se busca trabalho, lá no monte recebem-no. É o tempo das cavadas; est'anno tem

faltado familia p'rá faina, que é uma coisa por demais.

—E a como pagam de jorna, sabe-me dizer?

—Primeiro era a doze e de comer. Agora estou que ha-de ser mais. Quer que vá perguntar aos meus irmãos? Andam lá riba roçando matto.

Elle enguliu em seco, estremecendo. E quasi em voz baixa:

—Os manos de vonce'cê vão por qui perto?

Mas a boieira sorri sem dar resposta. Tirára o coxarro [1] do bornal, e chamou cariciosamente a grande vacca amarella, afim de lhe mugir uma coxarrada de leite. Já elle estava de pé, com a espingarda na unha, a cabeça álerta, farejando cilada, prompto a partir.

Ella percebeu logo.

—Falle franco, mano homem. Vocemecê anda fugido.

E apresentou-lhe o leite que espumava, com um travor de funcho e chupa-meis.

—Beba lá, ande, acudiu ella.

O maltez agarrou no coxarro, e os seus olhos trahiam desconfiança nas elypses em que rolavam, desorientados, d'uma banda para a outra. E a meio de beber, de repente, co'a voz zigzagueando atrevimento:

---

[1] Escudella de cortiça, vulgar no campo alemtejano.

—Ando fugido, ando. Ha tres mezes. De soldado. Não tenho medo! Aqui ha homem p'ra homem, saiba lá. Vonce'cê a dar um grito, mana mulher, e eu a furar-lhe logo essas cachollas, com uma ameixa ou com duas, conforme adregue. Medo? Eh! Eh! Isso tem elle! E depois, sempre digo uma *rezão*. Quem repartiu commigo o seu jantar, entendo que não faz tenção de me perder.

—É tal e qual, retrucou, vencida, a boieira. E tal e qual.

—Fugi de soldado. Não é crime nenhum. Vonce'cê tem irmãos? Saberá o que custa deixar com fome a nossa gente, p'ra servir o rei que uma pessoa nem sabe quem diabo é. D'ahi, foi uma pouca vergonha! Meu mano mais velho ainda estava na praça. P'ra livrarem um rico, lá de S. Miguel, mandaram-me apresentar a mim. Desertei. Que havia eu de fazer? E por hi ando. Em povoados não entro... nos montes cuidam que sou algum ladrão...—Não ha trabalho, todos dizem que não teem trabalho para me dar. E ala p'ra longe, maltez, quanto mais depressa melhor! Pois então! A dormir por esses barrancos, a morrer de fome por esses azinhaes... Até os cães arremettem quando eu passo, e eu não faço mal a ninguem!

Compadecida, nem fallava a boieira.

—Deus lhe pague a esmola, mana mulher, tornou o desertor, levando a mão ao barrete. E fez um salto para o barranco, sumindo meio cor-

po entre as silveiras e carrascos d'aquella orla maninha. Ella quiz detel-o ainda.

— Pss... tio. Olhe.

O vagabundo virou-se. Toda escarlate, a rapariga avançou dois passos; tinha os olhos no chão, torcia o avental com modo embaraçado. E foi dizendo aos bocados, sentindo o coração a jogar pulos:

— Que não tivesse receio, mano homem. Era p'ro ouvir, deixe lá. Ella coitada, nem irmãos tinha. A gente vivemos sósinhos, lá riba, nas arribanas do gado... e o pae estava cego ia fazer um anno... ella é que trazia as vaccas ao pastugal, todos os dias, veja vocemecê. Aquillo era um ermo por alli... elle poderia mesmo agazalhar-se querendo, a nezanha velha... não ha caminhos, ninguem passa... Fica por traz d'aquelles chaparraes... um cazarão que já não serve.

O outro escutava-a como quem presta ouvido á musica longinqua d'um orgão. E vinha-lhe á bocca um sorriso entre surprezo e desconfiado.

— Vonce'cê que nome tem? perguntou.

— Eu cá sou Domingas, uma sua creada.

— Domingas, ruminou elle, encarando-a, como se quizera levar-lhe a physionomia na ideia. Depois fez-lhe um adeus amigavel. — Domingas. E desappareceu nos silvados bruscamente.

O dia pareceu á boieira interminavel. Alguma coisa faltava junto d'ella, como um pedaço da sua propria pessoa.

Havia tempos que a moça padecia não sei que renovamento interior: oppressões, tumultos de sangue, pezadelos, e pela tarde, nos sitios ermos, absorvencias de humor sem explicação.

Como se outra vida tivesse vindo enxertar-se na vida que já vivera, assim ella ia vendo coisas d'antes invisiveis, e percebendo coisas d'antes inexplicaveis.

Viera-lhe aquillo pelos calores, insidiosamente, uma noite... dormiam os gados estramalhados pela pastagem, sob os corredores tenebrosos do céo, onde dir-se-hiam fluctuar gigantescas chimeras. E n'aquella paz onde os grillos soavam, algum vagalume estrellejava os pastos, ou as esquilas dos novilhos batiam, como uma campainha impondo silencio. E de costas no feno, ao lado do boieiro adormecido, sentindo-se mais crescida a cada espreguiçamento que dava, entristecia-se a moça d'aquella intima e mysteriosa plenitude, á qual fazia falta o quer que fosse: vinha-lhe uma inquietação, uma curiosidade, um frenesi... pancadas de seio, estonteamentos, vislumbres... — e coçando a pelle sarabulhenta do ventre, pasmava de se ter feito tão de repente mulher. A seu lado, os bois vinham lamber os focinhos pennugentos das novilhas, c'os olhos n'uma ternura de noivos, e então lembrava-se ella ao passar dos ribeiros, na

primavera, co'a irritação gelada das aguas, quando as rezes se abraçam pelas ancas, os mugidos parecem rimar uma lyrica suspirosa de nupcias, e as caudas batem com prazer mal contido. Porém taes lembranças esbatiam-se n'um vago, confundiam-se sem fórma, ou iam com outras mais incoherentes, historias d'estrelas captivas d'amor por algum pastorinho dos montes, os mysterios dos quartos de lua, todos os phenomenos inexplicaveis da abobada, alvoroçar de pavores a sua cabeça supersticiosa.

Ao outro dia, logo cedo, fez as sopas á pressa para o almoço do velho—comeram em silencio á porta da arramada: e roca na cinta, fuso no seio, toca! ella ahi desce a rabo dos bois. Logo na encosta ia sobresaltada, esquadrinhando os logares mais sombrios. Mas nada bolia por lá, nem folha, nem cantiga, nem ruido de passaros, fazendo estalar os ramos do tojo seco. Duas perdizes ergueram-se lá deante, n'um *rrr*... que se foi perdendo pelos entresolos da floresta; um griffo immenso pairava no retalho de céo que fazia tecto áquella circumferencia d'outeiros... E a agua, de poça a poça, mandava a sua trança liquida, sem murmurio, por entre filamentos de limos e grosseiros fetos. Inesperadamente o vagabundo iluminara os mysterios d'essa alma de labrega, explicando-lhe as inquietações, os turpores, e as furiosas insom-

nias pela noite, de costas no feno, quando os bezerros vem lamber o focinho pennugento das novilhas. Ergueu então a voz para cantar. Mas a cantiga, a que não respondia o echo da sua alma habitada, como um nicho, pelo vulto d'um affecto partilhado, a cantiga ainda mais tingia de roxo a nostalgia vaga do seu peito. Era em começos de junho. No céo nem a mais leve sombra: profundezas d'anil palpitavam n'uma suavidade bonançosa: o sol ia subindo, e apenas o griffo, d'azas abertas, quasi imovel no azul, dir-se-hia uma grande traça roendo o manto de Nossa Senhora. Ainda alguns bois colhiam a dente, com mimo, as herburagens razas do solo.

Domingas foi subindo ao rez do barranco, té á azenha esmantelada, a escogitar onde estaria o maltez. Deserto tudo porém. Deserto tudo! Nem cinzas de fogacho lá por dentro, a qualquer canto ou vestigio sequer de passadas no lamaçal que precedia o cazarão. Desta vez ficou intacto o carrapicho de lã que ella prendera na roca. Preguiçosa! E ia chegando á ramada, absorvida, mas logo retrocedeu, por se ter esquecido de ceifar o feixe de herva para o repasto da noitinha.

—Desconfiar de mim! pensava a moça escandalisada.

O seu grande cuidado, desde então, foi tornar a vêr o desertor: e o desertor nunca apparecia. A azenha já nem telhado tinha. Apenas as traves, e meia duzia de ripados podres, abrigavam da

chuva um canto do velho chavascal. Uma manhã, lusco fusco, Domingas trouxe dos curraes a grande escada de mão, até á azenha.

Emquanto nas ladeiras pascia o gado, andara ella colhendo matto: e começou o seu mister d'arranjadeira. Varrida a casa, forrou-lhe d'urze fresca o pavimento.

Dei tres voltas ao castello,
Sem achar por onde entrar.
—Soldadito d'armas brancas,
Vist'lo por aqui passar?

Arrumou a escada á parede trepando lesta lá acima, para telhar com piteiras e juncos a porção de ripado que ainda havia.

Esse soldado, senhora,
Morto está no areal;
O corpo tem-o na areia,
E a cabeça no juncal...

—Assim já lhe não chove na cama, dizia ella, terminando. E no barranco os bezerros, quatro ou cinco, cabriolavam, mugindo, marrando uns nos outros por justaposição dos frontaes, em que já pruria a excrecencia da cornadura nascente.

—Escarapões! gritava-lhe de cima a rapariga.

Tres chagas tem no seu corpo
E todas tres são mortaes:
Por uma entra o sol,
E por outra entra o luar.

No canto abrigado da azenha, sobre plantas molles da ribeira, em cujo tapis rescendiam aromas murchos de trevos, mentrastes, verbenas selvagens, ella estendeu então as duas melhores pelles da arramada.

Pela mais pequena d'ellas
Entrava aguia real,
Com suas azas abertas,
Sem as ensanguentar.

— Agora sim! E anediava-lhe os pellos, com esse geito das coelhas bravas, acarinhando toca para as crias. Todas as manhãs vinha espreitar se alguem dormira, e ainda longe, erguia a voz para dar signal. Mas tornava desoladoramente a ter c'o pae, não tendo visto ao canto vestigios do lumareu, ou cova de corpo sôbre as pelles que estendera á guisa de leito.

Uma noite, já por maio, a cadella que dormia com elles na arribana, ladrou furiosamente umas poucas de vezes. Chovia a torrentes, lufadas de relampagos entravam pelas frinchas da porta, e faziam santelmos nas aberturas da telha-vã. Domingas sentou-se na enxerga, d'ouvido á escuta. Com um tempo d'aquelles, de certo não era lobo o visitante que a cadella farejava. Nossa Senhora das Reliquias nos acuda! As horas então duplicaram de tamanho para a afflicta rapariga. De cada lado tinha a arribana uma fresta oblonga, sobre o terreiro; quem olhasse d'esguelha, por

qualquer d'ellas, podia vigiar o alpendre que precedia a grande porta d'entrada. Domingas abriu de manso a portinhola d'uma e á luz d'um relampago poude vêr, no poial do alpendre, um vulto de homem acocorado. Ora! Nunca mais pegou no somno. Ao seu canto o velho rezava a *magnificat,* com medo dos trovões. E de quando em quando a cadella arremettia contra a porta. Apenas foi manhã, desceu á azenha. A chuva tinha poupado o canto que a boieira dias antes telhara. E muita attenta, ella olhava em torno a si.

Mas fez um trejeito de hombros de repente, vendo restos de lume no casebre, e por cima uma grande cruz traçada a carvão.

Tres chagas tem o seu corpo,
E todas tres são mortaes...

Ia a sahir.

—Salve-a Deus, mana mulher.

Era o maltez. E a bocca d'ella teve um riso espanejado.

—Eu já cá tinha dito: pelos modos não faz tenção de voltar, o d'outro dia. Como passou então?... a sua familia?...

Elle a mirar o aconchego do canto, redarguiu-lhe:

—Está isto por cá muito janota. Vamos com Deus! nem que fosse casa de noivado.

Áquella simples palavra, a boieira recahiu em si do que fizera. Quiz replicar.

—É que... É que... e vermelha até aos cabellos, não atinava co'as desculpas que desse. Então foi ao acaso, pegando a lingua em historias cada vez mais confusas.... que ás vezes vinha para ali passar o dia, mal-os bezerros, e trazia o cego, que andava doente, e ali se deitava um bocado para cima das pelles, o carga d'ossos.—Gente velha! gente velha!—Elle tinha os olhos parados no rubor que lhe notára, adivinhando a mentira, extasiado, percebendo a confusão: e babava-se perante a espontanea ternura da boieira, que dir-se-hia estar-lhe offerecendo a plenas mãos, amor com que estancar as vorazes sêdes da sua adolescencia tão arida.

Assim aquelle affecto ingenuo o apaziguara de chofre. Viera desesperado, ululante, feroz, rogando pragas, forjando estrondosas desforras, vendo tudo escarlate, n'um frenesi de morticinios e incendios. Vezes sem conto, n'aquelles dias d'auzencia, tivera que fugir ás perseguições das herdades, que lobrigando-o alapado por aquelles mattos d'esteva, lhe attribuiam os furtos do gado que os lobos talvez tivessem comido. A mil passos e mais, era passar, os cães das manadas ladravam terriveis córos d'alarme, pondo os ganhões de sobreaviso. E duas vezes tivera a clavina erguida para estender na floresta, malandros que o tinham vindo a perseguir com pedradas. Fome e sezões lhe estancavam as energias da lucta, cerceando-lhe a esperança, e enlouquecendo-o de medo e fatalidade. De noite

era medonho. Elle já não podia mais! Com os pezadellos da febre, opprimia-se-lhe o peito n'um circulo d'espingardas, cada vez mais cerrado. Então bradava, barafustava, despertava ás escuras, sem saber em que logar tinha cahido. E no terror de o terem bispado, lá sahia debaixo das silvas, rastejando, a buscar poizo n'outro esconderijo mais seguro. Agora porém tudo era diverso junto d'aquella cabrinha esbelta dos montes, descuidosa e tão sem medo, arregaçada pelos joelhos, nua de braços, relaxado o corpete, zagalla biblica pela face torrada ao grande sol, e a dura anca que fazia prevêr no seu ventre uma inextinguivel fonte de maternidade. A vida como se lhe enrubescia d'ourellas de oiro, tão fluidas, tão finas, parecendo mergulhar no azul dos sonhos, radiantes cupulas d'aspirações e felicidades. Para traz, nevoas lilazes aligeiravam-lhe a memoria, de tantas dôres que soffrera, e ao longe o futuro expandia-se-lhe n'uma grande avenida de projecções sorridentes e tranquillas payzagens. E contou ali toda a sua vida, como era a casa lá em S. Miguel, como era a familia, os desgostos, mortes, bailaricos, romarias e trabalhos. Ella escutava-o, scismadora, cessando o bailar do fuso, esquecida de cuspir no fio de lã que desencarrapitava da maçaroca, lentamente... e como um sylpho de peccado adoravel, roçava-lhe pelos cabellos o fecundo beijo que andava no ar, perfumando a conversa dos dois.

O corvo

Aos primeiros clarões da manhã, o casco do galeão tinha-se afundado inteiramente.

Para qualquer lado que se olhava, o mar não tinha termo; o céo ia coberto d'uma bostella de nuvens côr de chumbo, mosqueada de fulvo, que se fôra erguendo d'uma banda, erguendo té descobrir sobre a linha do mar uma fimbria d'alva muito pallida, por onde a luz começou a esclarecer de manso o plaino liquido. E esse plaino amainava e começara a perder os vagalhões...

Sobre as aguas se erguia, á maneira de torre, um grande ilheu bronco e tisnado. Era uma massa de fortins dentada toda em roda, por cima de cuja plataforma outras móles gigantes se aprumavam. E havia porticos, recantos, pateos, levadiças: a ressaca bramia nos reconcavos da rocha babujenta; por cima as nuvens galopavam, embebendo os goelanos e os corvos marinhos do seu chorume glacido e mortal.

Mas que silencio! A tormenta da noite esfalfára a seu turno os elementos, e do galeão perdido nada restava mais do que um cadaver d'escravo, fluctuante de bruços, pela agua—tisicas as pernas, os hombros resahindo em bóla sob o esforço dos deltoides que a agonia paralysára na sua derradeira contractura, e a cabeça tão baixa e mettida n'agua, entre as espadoas, que esse cadaver dir-se-hia havel-a perdido no cepo, sob a machadada certeira d'um carrasco.

Entanto a madrugada tocava de lividezes frias a epiderme corrugosa das aguas, á medida que as nuvens se erguiam do oriente, pondo na linha d'agua uma grande bocca de claridade. Essa bocca escancarava para dentro d'uma noção de deserto e d'infinito, sem uma sombra, sem uma vela, e toda ululante, d'esse soturno troar que vem do fundo do oceano, como a imprecação de todos os milhões de sêres que elle afogou.

Crescia a luz, e as nuvens se iam, lentas e cançadas, para outro hemispherio talvez, descobrindo os mares. E os rochedos do ilheu, se por um lado desciam na payzagem, do seu prestigio phantastico, nem por isso ficaram menos lugubres, com as suas grandes arestas medievas, e as suas proporções de sepulchro e pedestal.

De roda, as aguas batiam-lhe de través os flancos carcomidos, com uma raiva que parecia insistir na proporção da inutilidade do ataque. E ao largo, por todas as bandas, não se viam se-

não brilhar palhetas finas na orla das ondas, umas após outras, correndo, e resolvendo-se alfim n'uma babuge d'espuma effervescente.

Mau grado o aspecto pacifico, aquella immensidade era sinistra: tintas de colera passavam ás vezes, como maus pensamentos, por baixo da epiderme glauca do oceano; via-se então escancarar covas na agua, brotar um braço da espadoa d'uma onda; e o eterno marulho abrir um echo, que estrugia metallicamente em cada palheta, e acordava no teclado das ondas o mais desconforme côro de rancor.

Sobre uma crista de rocha estava um corvo, um corvo marinho, velho e calculado, cujos olhos corriam o mar á busca de sustento, e cujos lentos meneios trahiam na extrema prudencia, a sagacidade cruel dos passaros cobardes, a quem a lucta repugna, e que se ingorgitam só de podridão. Tinha as patas fincadas no fragoedo, as azas lassas pendendo ao chão, como se estivessem decepadas, e avançara o pescoço como quem fareja, estralejando o bico á guiza da matracula. Como era enorme, o vulto d'elle, n'aquella postura de caça, tinha um sello diabolico e maldito. Era ainda noute, já o corvo tinha lobrigado o cadaver do escravo á tona d'agua, e estivera a espreital-o d'ali, do seu reducto, partilhado entre a voluptuosa sensação da carne pôdre, e o pavôr d'avançar sobre uma presa suspeita, que elle não via bem se vivia ou estava morta.

E de cima da rocha o seu olhar espiava d'um lado os outros corvos, e d'outro lado o fluctuar do corpo, cada vez mais dobrado, e que dir-se-hia luctar contra o impulso das ondas, para fugir ás voracidades da ave impassivel e satanica.

Do seu poizo elevado emfim o corvo veio descendo, em pulos mansos, aos contrafortes mais baixos do rochedo, em cuja babosa escarpa vinham partir-se os cachões da resaca.

Aqui se detinha um pouco a olhar de lado a preza cubiçada, além se deixava escorregar pelas salsugens marinhas, recuando aos repoupos, com um pavor cobarde, de cada vez que a vaga vinha marrar com o negro á penedia.

Houve um momento em que o refluxo das aguas, mais forte, desviou o cadaver do ilheu, cerca d'uns metros, tomando-o nas curvas d'um remoinho brusco que depois o arrojou furiosamente, para uma distancia além da penedia.

E isto açolou o apetite sinistro do passaro, cujas azas se abriram de repente.

De manso, ao rez d'agua, sem um grasnido que aos outros desse alarme do nefando repasto, começou elle a voar, n'uma espiral frenetica de gula, que descia e subia, em vôos de seta, e tocava ao de leve a carne do cadaver, fugindo, voltando, té lhe ferrar de raspão a primeira bicada.

Sem receio de rivaes, aquelle funereo festim haveria parecido á ave delicioso. Mas era evidente que o ciume de partilhar o banquete o desespe-

rára, e d'esta vez o corvo tinha pressa em chegar aos bocados saborosos.

...Ahi começa uma lucta entre o corvo que pula sobre as espadoas do escravo, a vêr se o volta, p'ra lhe sorver os olhos, como regalo primeiro da orgia perpetrada, e o cadaver que se defende á injuria, occultando cada vez mais a cabeça sob a agua, e deixando os braços oscilar, como duas inuteis e inertes barbatanas.

Por muito tempo esta manobra prosegue, e á medida que avança, a impaciencia da ave vae n'um crescendo de colera innarravel. Ella abre as azas, ergue-se um instante no ar, para cahir depois a todo o pezo, sobre um hombro do naufrago, a provocar oscillação que lhe desloque o corpo d'aquella postura passiva de defeza. Ella lhe rasga as carnes com as cortantes laminas do bico, que se crava mais fundo, e mais, cada vez mais, na proporção da certeza que tem na impunidade. Mas tudo é inutil. O negro lá continua de bruços sobre as ondas, hirtas as pernas, o cavername do tronco abroquellado em glaciaes musculaturas, os hombros sempre unidos, a cabeça debaixo do peito, como em vivo fizera, quando o chicote do amo lhe arava as carnes, d'ellas fazendo suar martyrio e sangue. De roda, tudo agora se alarga sob a choral de luz que a manhã canta.

As nuvens foram-se: o sol rebenta final á bocca do grande deserto d'agua, e pacifica-lhe as furias co'as refulgencias geniaes da sua claridade. E

nada é mais doce do que esse murmurio sem fim das grandes aguas, horrisono ainda ha pouco, agora lyrico e profundo, como o *poem* entoado pelos ephebos, na terra hellena, depois d'uma batalha.

Só o corvo prosegue na sua tarefa exhaustinada, e imagem do odio, eil-o armando em força a cobardia, requintando a vingança, tripudiando sobre a impunidade—como esses vencidos que se desforram da humilhação sofrida, indo aos cemiterios esbofetear os cadaveres dos vencedores.

O antiquario

Toda a cidade tem o seu colleccionador ou antiquario, toupeira morosa que anda na ruina das cousas, á procura de historias eruditas ou preciosidades sepultas, quasi sempre armada d'uns oculos que em verdade lhe não deixam vêr melhor pelos problemas a dentro. O da minha terra obedecia a este cliché dos antiquarios de provincia, extaticos hoje perante o trevo barbaro d'um portico, e loucos amanhã pela descoberta d'algum tryptico exilado no fundo d'alguma parochia entre as brenhas.

Era um pequeno velho mesquinho, arrastando um pouco d'uma perna, os seus olhitos azues, em cujo fundo, como n'uma gruta, havia ossadas d'antigas ironias; e tão parco em palavras, que era um desespero conversar com elle! Passava por dinheiroso, visto senhor ser dos melhores vinhedos do sitio, onde verdade seja o detestavam, pela avareza rude que lhe sentiam. A sua fraqueza

physica e a sordidez da sua vida, n'uma casa derrocada junto ás fortificações da cidade, faziam com que todos o tratassem de resto, entre chufas que elle deixava estoicamente passar, encostado a uma bengala de castão-negro, e coçando o queixo com pachorras intencionaes.

Afóra as idas á botica da praça, onde encontrava cavaqueadores de momento, pequenos empregados, agiotas, padres casmurros, e militares comidos de jogo, Vicente Próstes não tinha relações fixas na terra, e vivia na sua archeologia como um rato no seu queijo. Jámais lhe tinham conhecido amores, além d'uma serva herdada do Borges, prior de Santa Maria e que já velha, quasi cega, vivia com elle n'uma subjeição de bestiaga. Mas n'este ponto o coronel Silveira sabia o quer que fôsse, porque ao abordar o antiquario abanava sempre com a cabeça de bull-dog, resmungando, *devasso!* por entre um cuspilhar de perdigotos.

Todavia Vicente Próstes era uma creatura necessaria, como cicerone das velharias pictorescas da cidade. Era elle o depositario de toda a historia local, antiga e moderna, de toda a sciencia e de toda a arte: elle a bibliotheca, elle o catalogo, elle o bibliothecario, o guarda, o guia, o cicerone, que sem fadiga, sem hesitação, sem máo humor, estava prompto sempre a visionar a cidade deante dos que vinham compulsal-o, ferindo n'estas evocações eruditas, cheias de justeza, com uma solici-

tude de velho artista, detalhes que podessem dar pretexto a fugas pelo *bric-à-brac,* de que elle era um adorador cheio de paixão. Beja, a terra d'elle, ainda era n'aquelle tempo um dos pontos de provincia que mais impressivamente conservavam reminiscencias do velho tempo, já pelos restos dos seus edificios medievos, conventos, porticos, torres, passadiços, quinas de palacios, já pela soturnidade das ruas, estreitas e enroladas em espiral por dentro das muralhas, onde reboava, como um marulho funebre, o vozear dos sinos mosteiraes tocando para o côro. Elle tinha o ar de passear por aquellas bitesgas, como uma traça entre duas paginas de missal: as penumbras dos côros conheciam-no, as lageas sepulchraes conservavam a poeira dos seus butes, os azulejos das capellas fallavam-lhe, e paramentos e calices reconheciam n'elle um velho aio cheio d'attenções.

Ninguem como este para fazer em termos precisos, d'uma maneira breve e tocada de flammas, a biographia ou a analyse d'algum d'esses bocados historicos, idolos d'ignorados cultos, lapides d'onde o tempo puira a legenda, tudo quanto emfim nas terras velhas documenta o esplendor d'epochas extinctas ou religiões evaporadas. Esta superioridade d'arte, projectando-se em relances d'erudição local conceituosa, que tornavam Vicente Próstes, para o forasteiro, o primeiro cidadão da sua cidade, Beja não a perdoava as-

sim facilmente áquelle mysanthropo homemzinho que mascava as conversas, recusando o coração ás faceis amizades, e as peças da burra aos escamoteios dos batoteiros. A sua correspondencia com sociedades sabias e contemporaneos inclinados á compulsa da sciencia archeologica, duas ou tres missões para que fôra indigitado, e a citação do seu nome em memorias d'archeologia artistica, recentes, acabaram de o pôr de mal com todos os espertalhotes da terra, animadversão que se aggravou quando seguidamente á viagem do ministro, lhe foi recambiado de Lisboa o habito de S. Thiago, com seu autographo especificando a mercê por assignalados serviços scientificos.

Demais, colleccionava, e sobre essas collecções que raros tinham visto, e um ou outro faziam avolumar a cada mysteriosa sortida do velho ás aldeias e casas ricas do districto, estranhas lendas larapias circulavam, a ponto de se lhe intrometer na fama a injuria publica, e de já por fim o apodarem nas ruas, de ladrão.

A casa d'elle era uma velha móle com cimalhas de granito, paredes de fortaleza, janellas d'enxovia, encostada a um cubello das primitivas muralhas da cidade, e tendo por mirante uma alta torréla arabe, chanfrada, decrepita, d'onde *bougainvilles* floridos esgrenhavam a sua folha-

gem té ao chão. Do lado da rua, a fachada era torta, desigual, com padieiras e silhares de granito gasto, grades em *mascarabieh* sobre as janellas, e singulares desenhos e golilhas de bicos na forjadura dos coroamentos superiores e parapeitos. Todas as portas tinham postigos de gelosia, prégos desconformes, ferragens medievaes, e o arroz esbagoava dos telhados, sahia das junturas da cimalha, e atufava a guella dos lagartos de pedra do algeróz.

Na sala d'entrada, *casa de fóra,* a barbara mobilia do camponio alemtejano, profilando-se rés dos muros tufados de caliça: um cadeirão d'azinho defronte da porta, a grande chaminé sahindo em torreão, tisnada, e com uma mó por pedra de lareira, arcas de castanho com lugubre fecharia, e taboretes de couro, cajados e bordões em feixe ao canto, D. Miguel por cima d'uma pilheira de louça d'estanho, e emfim, dormindo sobre escapulas, a clavina de dous canos, tendo esculpida na coronha uma cabeça de javali.

Cuidareis que um brutamontes assim não tivesse affectos, nem humus d'alma onde lançar um germen d'emoção? Pobre do velho!

Uma paixão sem esperança lhe tirava o somno, e fazia os dias desgraçados. Dias e dias, nos quartos do museu, entre as preciosas cousas com tanto amor adquiridas, tão receiosa prudencia, tão acrisolada discrição... os livros de Horas

illuminados de miniaturas mysticas e ingenuas, as maravilhosas colchas bordadas por mãos de fada ou rainha, velhos esmaltes, armas, baldaquinos e mantos de brocatel recomido, calices e portas-paz d'aereas rendas, marfins d'esculptura palpitante, medalhas, estofos, louças, mobiliario, e singulares capiteis roubados ás decrepitudes do entulho — dias e dias o pobre Vicente Próstes, tocando aquelas riquezas, pondo em jogo sobre ellas as mil pequeninas caricias d'um pae desvelado, virando-as, verificando-as por todos os lados, reconhecêra que alguma cousa alli faltava, para inteira felicidade da sua vida, e gloria da collecção. Passava de doze annos que esta manomania viera obcecal-o ao desespero, empecendo-lhe o amor até do *bric-à-brac,* e succedêra n'esses asperos dias, batidos d'uma amargura phrenetica, passar por acquisições vantajosas, gratuitas quasi, sem mesmo deter o olhar sequer.

Tem máos bocados a vida, quando o egoismo da córja vem decepar o melhor d'uma ambição secreta e intima, e nos faz dentro morrer o enthusiasmo por um ideal entresonhado.

Bem no sabia o mysanthropo antiquario, que no subterraneo maior do seu muzeu, deante d'uma meza carregada de Saxes, estatuetas, jarrões, cestos, kermesses, pratas artisticas, velhos bronzes lavrados, admiraveis relogios, miniaturas

e alfaias de serviço religioso, ficava muito tempo a considerar um espaço vazio ao centro do movel—vazio havia que tempos!... e ante esse claro onde por certo habitára algum querido *bibelot,* que se fôra, e não voltara, Vicente Próstes dava grandes suspiros, n'aquellas horas de cogitar lacerante, que mais lhe exarcebavam o sacudido dos gestos, e umas furias que havia de monologar comsigo mesmo. Lembrava-se talvez de quando sahira thesoureiro do Sacramento, na velha parochia de Santa Maria, ao cabo de tres annos d'intrigas e luctas, serviços e donativos por occasião de todas as festas—toda uma existencia de beatice intencional e intimo calculo—e como n'aquelle domingo de Janeiro, a 27, nas eleições da meza, alcançára emfim o cargo de confiança, thesoureiro da irmandade; e todos a lhe darem parabens! Que alma nova circulára n'elle, baqueando-lhe pelas arterias, tumultos de vida, té lhe deixar a mioleira n'um vulcão! Thesoureiro! Mas até ficara generoso. — Eh, salta uma garraforia de bom Porto, entrem senhores! e corrêra o vinho á saude de todos os irmãos.

Vinte annos talvez tinham corrido: ha quanto tempo! e assim pudera soffregamente guardar como suas, todas as ricas alfaias da velha igreja, relicarios, cruzes procissionaes, vestidos, baculos, paineis gothicos, capas constelladas: e apenas tinham trazido aquelle esplendente thesouro para o deposito, elle sem attender o antigo thesou-

reiro que lhe dava posse, mergulhára avidamente nas ourivesarias preciosas, dizendo a historia de cada peça entre gaguejos e refolegos, citando textos de doação, inventarios, chronicons, mil eruditas velharias; e quando emfim ficára só entre toda aquella profusa magnificencia, e pudera vêr cada objecto alli chegado aos seus olhos, bem palpado por todos os lados, com a polpa dos seus dedos, subitamente a incomparavel pyxide apparecêra-lhe, perfumada d'oiro, vestida d'esmaltes e figurinhas, n'uma revoada sublime, levando empóz de si o olhar fetichisado.

—Que maravilha! que maravilha! dizia elle baixinho, babando os seus oitenta annos de sabenza n'aquella joia alada que lhe ria.

E durante os mezes que, sobre a grande meza incrustada, a divina pyxide residira na camaradagem dos Sévres, das estatuetas e *bonbonières* pintadas de miniaturas galantinhas, uma adolescencia revigorára Vicente Próstes, de caminho radiando sobre o muzeu os mais fantasticos aspectos de magnificencia. Todas as manhãs descia elle, com o seu passo arrastado, a escada humida da collecção, n'um capote verde de góla pelluda, apoiando-se á parede com modos cautelosos, a medonha chave de carcere estendida... E apenas abria a porta, logo os seus olhos iam dar bons dias á pyxide do bufete, tão elegante-

mente no seu nodoso pé hexagonal, onde os medalhões se repetiam, separados por quartellas de cinzelaria vaporosa.

Mas um dia funebre viera. As malquerenças da cidade, certos boatos d'avareza, calumnias de furtos premeditados... emfim para que repetir a feia historia? Basta dizer que Janeiro do anno seguinte já o não vira thesoureiro e senhor das ricas alfaias da irmandade. Entretanto a paixão da pyxide ia crescendo, crescendo todos os dias, e baldado empenho! ao tempo que redobravam na sachristia as suas intrigas para ser reeleito, o pobre emagrecia, corcovava, e nas festas em que ella apparecia, perfumada d'oiro, com o seu nodoso pé de baldaquinos flamboyantes, os medalhões de baixos relevos sacros, os transparentes esmaltes em fundo fosco, os grupos de prophetas e seraphins farpando as esguias azas n'uma espiral d'alegres procissões, Vicente Próstes, junto do altar, parecia extatico n'uma d'essas volupias d'artista, cuja intensa gestão dir-se-hia quasi, quasi, uma fórma educativa de loucura.

Corriam os annos, e este furioso amor d'antiquario pela obra d'arte prohibida, começara a soffrer d'intercadencias maniacas, e a ter periodos de culminancia febril, falhados por grandes perdas d'attenção. A proposito de tudo, mettia nas conversas banaes, pedaços da sua obsessão predominante, rondava de noite a igreja, e uma madrugada irrompe de casa a gritar que o the-

souro de Santa Maria estava roubado, que o thesoureiro fugira, e um francez fundira a pyxide para fazer moedas de tostão. Eleições na irmandade. D'esta vez a sua galopinagem ia surdir bom resultado, seria eleito novamente; e viam-no esfregar as mãos pergaminhosas, dar ordens á criada.

—Abram essas janellas dos sobrados, o sol que entre!

Logo de manhãsinha descia ao subterraneo, com espanejadores e vassouras de mil fórmas.

—Afim de estar tudo um brinco, quando a sua rica pyxide voltasse...

O diabo era porém que, mesmo prudente, o velho déra á lingua de mais, em conjecturas diversas, e conhecido o fraco todos lh'o pisavam, por saciar a antiga embirração. Por vezes, nas crises de mania colleccionista, o seu poder allucinante era tão vivo, tão phrenetico o desejo, que se lhe affigurava ir possuir de repente a fugitiva ourivesaria de que para assim fazer fizera sua amante. Foi assim que por duas vezes ou tres tentou subornar o depositario das alfaias da parochia, com propostas timidas a principio, depois mais acirrantes, e já por ultimo sabendo a uma cumplicidade de roubo evidentissima. O que elle queria era guardar comsigo o famoso vaso de particulas, vêl-o todos os dias, servi-lo como escravo, leval-o em procissão pelo muzeu, poder emfim adoral-o em sua casa, longe de testemu-

nhas, alta noite, quando a ventania corta nas bocádas, e se ouvem as corujas rir nas fisgas dos conventos. A calumnia porém tinha-o nos dentes, gente obtusa não lhe podia entender o amor d'artista, e cada qual torcendo as intenções do velho, esfarrapava-lhe a honra entre as peiores supposições. D'ahi as lendas.

—Diz que foi apanhado a arrombar a caixa fórte da irmandade...

—E que offereceu ao thesoureiro novo um ror de contos...

—Que mariola! que ladrão!

Sucedia-lhe passar na Corredoira, á hora da palestra nas lojas.

—Hum! queres alfaias? diziam-lhe os compadres.

E sempre no fim das diffamações com que o minavam: cuidado c'o melro! cousa que apanhe á mão...

Mas o mais fino era deixa-lo vir á botica da praça, recebel-o cordealmente—ha que seculos o não vemos, amigo Próstes!—fazer-lhe logar n'um canto d'onde não pudesse abalar sem canelão, e alli sitiado, começar a grelhagem, a espremedella, a tortura, de fórma ao pobre velho suar sangue, antes de s'ir. Dizia um:

—Pois vamos ter eleições novas na irmandade. O thesoureiro por modos, não quer continuar.

—Assim corre, tornava outro. Do que se necessitava era d'uma pessoa entendida, que desse

valor, e soubesse estimar as alfaias. Por modos a pyxide é mesmo uma dôr d'alma, toda amolgada d'um lado...

—Hein? amolgada? fazia o velho alongando a vista por cima dos oculos.

—Homem anda tudo a troxe-moxe, des'que além o Próstes deixou o cargo. E vem a estragar tudo, aquellas bestas!

—Cá por meu voto, vendia as peças de valor estimativo emquanto dão por ellas alguma cousa, e com o dinheiro amanhavam-se as capellas, que ainda vem a cahir co'a invernia. Porque ha lá cousas de se lhe tirar o chapéo.

—Aquelle thuribulo d'ouro, ó Próstes...

—Não vale um chavo, dizia o antiquario.

—Sim, sim, mas a pyxide...

E elle sem reprimir a ardencia de emoção:—essa é diverso. Vale os dez contos, os vinte, os trinta. É uma epocha, falla á vaidade, nenhum gozo semelhante ao que ella infunde.... Querendo a irmandade, dando o governo licença, faria eu um sacrificio terrivel, um sacrificio superior ás minhas forças.

Em volta já rizinhos perfidos, disfarçando-se. O grande sucio! Tem a pouca vergonha de confessar que compraria. Se elle offerece trinta é que vale oitenta, e o que o mariola quer, é vêr se a bifa.

—Por meu voto vendia, insinuava um fuinha, mui careca; antes que a roubem.

Faziam-lhe então repetir pela millesima vez a historia da urna... como havia uma ermida do Salvador, no sitio da estação, e em 1438, anno de peste, fome e guerra, D. Melicia, da casa dos Cunhas, atacada d'um mal diabolico, ouvira a morte da bocca dos physicos, sendo salva pelo santo, para cujo serviço mandou fazer a Lisboa sua lavrantaria completa, doado terras e regalias á igreja, para engrandecimento do Culto. Vai que da offerta apenas restava a pyxide, com sua grande inscripção no pé, dizendo: *Esto-mandov--fazer-Dona-Melicia-de-Mello-Ano-de-mil-IIII-centos-e-trinta-outo*. Faltavam na base oito esmeraldas, a estatueta de S. Pedro, n'um dos nichos do pé, perdêra um braço; nos restantes detalhes porém a peça era perfeita, e presentia-se-lhe no estylo a epocha triumphal de Gil Vicente.

— Mas vamos a ouvir, acudia do lado um insolente. Você dá trinta contos? Espere então negocial-a por noventa. Quanto a largar dinheiro, tenha juizo, que ainda vem a apanhar a pyxide de graça...

— De graça...

— Sim, metta-se a thesoureiro, como da outra vez... você percebe...

Foram estes dichótes bolhando por todas as boccas, ganhando vóga, audacia, e feitos apupos, não largaram mais o antiquario. Já por fim, perdido o respeito em todo, elle não podia fazer um passo á rua: do fundo das lojas sahiam-lhe inju-

rias ao caminho, os garotos puxavam-lhe a rabona, ladravam-lhe os cães. Beja vingava-se!

E Vicente Próstes começou a ser o histrião-canalha do povoado, o typo popular alvo das vaias, e com setenta e seis annos, apoiado á bengala, eil-o espiando o seu opprobrio com uma silenciosa soberba de rei expulso, em cuja mascara o desprezo babasse um rictus d'ironia. Emfim, com as derrotas do prestigio, as da velhice, lá acabaram de o vencer. Pouco se via. Ao entardecer, sobre o mirante, os seus cançados olhos erravam n'uma tristeza por cima de Beja, como os d'um decrepito moezhin chamando á oração, e sobre Santa Maria detinham-se, com fixidez singular, saudosos da pyxide que nunca mais viria a possuir.

Já não comprava, nem sahia a excursões, nem escrevia aos seus archeologos predilectos. Apenas nas grandes festas, muito tremulo, com a rabona de briche e os sapatos d'atacador com agulhetas, lá conseguia arrastar-se ao altar-mór; e alli suspenso ao amor da pyxide, tinha os enlevos altos, a absorpção santa e terrivel, não vendo senão a pyxide, a pyxide que era o sol do seu systema planetario, com tudo o mais gravitando-lhe subalternamente ao de redor.

A sua velha casa mesmo envelhecêra mais, se isto é possivel, porquanto nas junturas das janellas, fechadas desde muito, verdejavam parietaria e valérios como n'um prado, e pendia em espigui-

lhas o arroz, sobre a cimalha, e pelas paredes tortuosas, rompendo esfoladuras d'argamassa, os pedregulhos aggrediam, com um ar d'ossos violados, pedindo sepultura pr'os cobrir.

No segundo domingo de Paschoela sahiu o Viatico em grande pompa, conforme o uso, aos entrevados da parochia. No rol dos que solicitavam o Sacramento, leu o parocho de Santa Maria o nome de Vicente Próstes, tolhido e cardiaco, passava de quatro mezes. O mal aggravára-se nos ultimos dias com uma dyspnéa de tendencias asphixicas, que não permitia ao antiquario repousar-se um só instante. Assentado na cama, entre almofadas, com uma cara de cêra entre uma barba de judeu, cyanosadas as mãos, as palpebras tufadas d'edema, e d'espaço a espaço suspiros infantis na bocca hiante, Vicente Próstes aguardava o seu fim com uma resignação d'antigo martyr, na velha casa onde tudo, como elle, era decrepito e relegado á poeira do sepulchro.

Na terra, quando correu a nova do seu terminus, houve a principio um repellão de mau humor, e todos lastimavam a decadencia de Beja, successivamente minguada de pessoal intelligente, entregue á má lingua sorna das baiucas, e d'onde a mocidade fugia enjoada da estreiteza dos interesses, e da chalrice do meio social cada vez mais depressor. Mercê d'este lamento, uma reacção ten-

dia a rehabilitar um pouco a memoria do antiquario, e agora que elle já não fazia ciumes bastantes dos seus vicios começaram a volver-se em qualidades. Entretanto a procissão avançava entre foguetes, musicas, psalmos, e o velho sobreexcitado ouvia da cama esses ruidos de festa, rezando baixo as suas orações. Depois elle não pôde muito bem perceber, o rumor foi crescendo, calou-se a campainha do sachrista, houve um abalo na porta da entrada, fallatorio na rua, muitos passos na casa de fóra, e como n'um prodigio algum santo nos apparece em extasi, assim foi visto no quarto d'elle o prior em grandes vestes, nimbado entre clarões de cirios e a fumarada dos thuribulos, tendo nas mãos a pyxide maravilhosa.

...viram o antiquario sahir da cama de repente, ir contra o prior de braços estendidos, esqueletico, livido, para lhe arrancar o vaso violentamente.

Ainda disse: dou trinta c... e baqueou no chão vomitando espuma, emquanto a pyxide rolava, por toda a casa entornando as hostias consagradas.

O Menino Jesus do Paraizo

Um dos conventos pictorescos d'Evora, é sem duvida alguma o Paraizo. O aspecto externo simula o d'uma d'estas casas de Tanger, mysteriosas, d'altas paredes encostadas umas ás outras, sustadas a cunhaes, caiadas, esfoladas, sem o menor signal de vida de relação, nem portas, nem fachadas, nem mirantes, e só com umas gaiolas de ferro resahindo em *muscarabieh* junto do tecto, a cobrir, como mascaras d'esgrima, minusculas lucarnas que provavelmente dão luz para dentro d'aquelle carcere inquietante.

Vae o mosteiro entre as ruas de Mendo Estevens e de Machede, que o delimitam, convergindo, té lá deante se fundirem n'um só, cujo titulo não sei; de sorte que observando a edificação do alto d'esta, tem-se a sensação d'um polyedro turtuoso de tres faces, truncado no vertice, e coberto de decrepitos telhados, que alteam e amosendam de traves pôdres, a cada passo. Sob um céo de verão alemtejano, azul candente, radiando ophtalmias

em cada corda solar zimbrada d'alto, este sinistro cazarão vedado ao borborinho da rua por muralhas, descendo a rua aos tropo-galhopos, em socalcos internos, expansões, retrahimentos, avóca effectivamente estampas de cidades marroquinas, se não fôra a ausencia de certos detalhes classicos d'aquellas... uma palmeira no fundo e um minarete, camellos por debaixo d'um arco, e o inevitavel arabe no primeiro plano, rebuçado fleugmaticamente n'um álbornós.

Com o camello e o arabe, seria uma payzagem tangerina. Substituindo porém o dromedario por um conego, e o arabe por um aguadeiro vestido de saragoça, gritando *quem merca a agua!* adeante d'um burro com cantaros de cobre, n'umas cangálhas d'azinho, inesperadamente a feição muda, e não ha Alemtejo, mais tipico, nem gravura eborense mais *avante la lettre.* Entanto o Paraizo d'Evora é principalmente notavel por tres coisas: pelo seu aspecto exterior, pelo seu refeitorio, e pelos dôces.

O refeitorio é um specimen de salão Renascença, unico em Evora, unico por ventura no paiz, e sumptuoso em toda a parte. É vasto, oblongo, o tecto de carvalho esculpido, com pilastras de marmore branco, sustentando-o. Estas pilastras são um modelo de graça architectural, aladas, leves, com uma base relevada de medalhões e figurinhas, e meias cannas abertas no corpo, para irem morrer alfim n'um elegantissimo capitel.

Os dôces do Paraizo são no Alemtejo tão celebres, como entre o Douro e Beiras, os de Cellas; tão celebres como as rézas das suas freiras e milagres dos seus santos; tão celebres como a tradicção dos seus bordados. Ha-os de todas as fructas, massas, combinações, fórmas e especies. Grandes, enchendo prato, feitos d'uma especie de pão de ló d'amendoa e ovos, ligeiro como esponja, ololante ao olfacto, e vaporoso e fresco ao paladar—cobertos de pasta d'assucar, com granulações vermelhas e rozadas, e chama-se bolo real, centro de meza de todas as bodas ricas e pobres da provincia. Ha-os pequenos, d'amendoa e assucar, com um filão de compota, ou uma surpreza de licor escondida no bojo, e que imitam queijos *(queijinhos do céu)*, presuntos, conchas, fructas, emblemas, ferramentas e edificios.

Com estas tres drogas simples do assucar, farinha, e ovo, picadas d'um ou outro extra d'especiaria, ninguem symphonisa o paladar mais finamente, ou sabe tirar d'esta ephemera sensação maior prodigio de delicias immortaes.

Porque singular segredo a clausura, que prohibia á mulher o convivio de todas as lubricidades, só esta do dôce lhe deixou aberta, como a valvula de segurança contra mais tinhosas praticas, e contaminadoras distracções?

Porque não é necessario ser adivinho arguto, para em certos dôces diagnosticar receitas do demonio. No anno de 1470, relata o obituario da

Mesericordia d'Evora nada menos do que quatro conegos mortos d'indigestão por trouxas d'ovos. No mosteiro de Santa Monica havia, pelos fins do seculo XVI, uma freira possessa, cujos bolos pôdres lançavam chammas de noite, vendo-se-lhe demoniosinhos a bailar por cima do tostado. As *fatias de parida* de S. Bento, deram á abbadessa D. Joanna Peres Ferreirim, quatro annos antes da sua afrontosa morte, ás mãos do povo, visões reveladoras quanto ao sinistro fim que havia de ter. E como diz um livro de milagres «a todos sirva isto de lição e ensinamento».

A industria de doçaria é nos claustros de freiras portuguezas, remotissima, mas depurou-se e refilou de gulozeima com as primeiras especiarias e receitas do oriente, té attingir nos reinados de D. João V e D. José, subtilezas e apuros que lhe valeram fóros universaes. Em Janeiro de 1729, passando D. João V em Evora, na ida e na volta da sua jornada ao Caya, para receber a infanta D. Maria Anna Victoria de Bourbon, filha dos reis de Hespanha, como esposado do seu primogenito D. José, e entregar a infanta D. Maria Barbara de Portugal, para consorte do principe das Asturias, D. Fernando, mandou o senado eborense de presente aos monarchas, um rebanho de 24 vitellas com fitas nos cornos, 24 cargas de perús, gallinhas, capões, pombos, leitões, perdizes e outras caças; e assim um rancho de 24 meninas, levando caixas d'excellentes dôces «fabricados de

tal fórma, que pareciam as mesmas fructas de que se fizeram ». Estes dôces foram fabricados todos nos conventos, e ha razões para suppôr que viesse do Paraizo a maior parte, attento o arremedarem fructas, e se conservar florente ainda n'aquelle claustro a tradição da doçaria artistica, reproduzindo toda a casta de pomos e fructedos.

Quem ainda não viu as caixas de dôce do Paraizo, que ainda agora vão de volante ás feiras e povoações do Alemtejo, renegue a pretenciosa confeitaria franceza, insipida, mesquinha, sem variantes, e absorva-se devotamente nas gulodices geniaes d'aquella santa casa!

Não é só a excellencia das caldas, pastas, e crystallisações saccharinas dos dôces mosteiraes de Portugal, que cumpre lisongear, mas a gracilidade mimosa de cada bom bocado e cada peça, a arte d'exposição que leva os olhos, a quantidade de talento inventivo, de phantasia, d'observação humoristica e de ternura, que todas aquellas pequenas coisas ressumbram, restituindo ao mundo em esculturas d'ameixas, uvas, maçãs, bananas, pomos, feitas d'amendoa e assucar, ovo e baunilha, farinha e cheirosos sumos, a porção d'alma amorosa, de fuminilidade compadecida, que as boas freiras não poderam gestar cá fóra, no santo mister de mães e esposas.

Cá fóra na rua, apontando uma casinha terrea onde trabalhava um sapateiro, o meu cicerone objectou-me: repare n'este velhote!

Uma figureta japonica, gorducha, já um pouco alquebrada pelos annos, mas com o seu olho azul muito expressivo, e uma bocca humoristica, onde alguns dentes riam satisfeitos. Vendo-se notado, convidou-nos a entrar cordealmente, accrescentando:

—Já agora, até morrer, hei-de ser sempre uma das curiosidades do convento. Queiram-se cobrir e estar a seu gosto. O que me peza, é recebe-los em casa tão pobre e desguarnecida. Alli, n'aquelle cadeirão, esteve o snr. Herculano sentado duas vezes, e o snr. José Estevam além, com o snr. Joaquim Filippe, em Janeiro de 1838.

Fez uma pausa, e sorrindo:

—Pois é verdade, sou eu mesmo, Joaquim Constancio, o menino Jesus do Paraizo. O caso foi soado, e até D. Pedro V e D. Luiz quizeram vêr um menino Jesus que se aposentou em sapateiro. Mas nem um nem outro parece que me acharam móres differenças, e a prova é que nem menino Jesus da casa real fui nomeado. E a proposito; querem V. Senhorias uma pingoleta d'aguardente?

Veio a pingoleta, talharam-se os cigarros, e sem dar tempo a perguntas, o velhote, adivinhando o fim da nossa estada, começou logo a fazer a historia do seu titulo.

—Aqui no convento ha um presepe, que até

ha quatro annos era o enlevo d'Evora, e armava-se no claustro em todas as vesperas de Natal. As figuras são todas de barro, maiores que humanas, mas expressivas que se alguma d'ellas fallasse, estou que ninguem levaria isso á conta de milagre, tanto parecem estarem vivas, e respirando como qualquer creatura de Nos'Senhor. As freiras já não querem mostrar aos visitantes o presepe, des'que um barrote fez em boccados o rei preto, e deitou meia faceira abaixo ao S. José; mas acho que nem assim deviam occultar obra tão rica, privando os entendidos d'um gozo que me parece não tem egual cá na cidade.

Em 1826, veio de Monte-mór para o Paraizo uma freira desterrada, diziam que por se entregar mais aos amores dos homens, do que a Deus, e o certo foi que com a reputação da belleza trazia ella uma outra d'estroinice, de tal maneira grave, que a abbadessa mandou reforçar as gelosias das janellas, interdizer a grade á recemvinda, e acautelar com ferrolhos novos todas as portas da cerca e mais serventias do mosteiro. Como a freira nova era riquissima, e oriunda d'uma das melhores familias da comarca, foi-lhe admittido um trem de cela por demasia ostentoso para a regra penitente da casa, e n'este trem vinha uma aia, açafata, ou confidente, que logo começou a ser notada por suas prendas de mãos, e engenhos de compôr e armar toda a sorte d'altares e paineis religiosos.

Ao contrario do que se esperava, a freira nova, apenas entrava no mosteiro, pretextando doença, nunca mais abandonou a sua cela; comia pouco, teimava em não vêr a luz do dia, de sorte que vivia ás escuras, levando horas a dar gemidos que enterneciam a communidade e pouco a pouco lhe foram creando lendas de martyrio.

Vespera de Natal, ao cahir da noite, emquanto as monjas se afadigavam a engalanar a egreja, a cobrir os altares de flores e cearinhas, e a dispôr no claustro as grandes figuras de roda do presepe, os gritos e gemidos da desterrada exprimiam, lá do fundo da cela um soffrimento escruciante, entre palavras de lastima que as mais beatas diziam passadas d'intensidade mystica e contricção.

A poder dos grandes rogos da creada, deixaram-lhe ir o menino do presepe, p'ra que sua ama o vestisse, conforme promessa feita a Nossa Senhora, — e o presepe já prompto, vélas accesas, missa tocada, gente no adro, e o menino Jesus nada de vir da cela de madre Anna!

Já o caso ia parecendo desusado á communidade, varias noviças tinham chinelleado nos corredores, com recados da prioreza, quando finalmente a reclusa se resolve a deixar vêr o bambino, vestido e deitado por ella no bercinho doirado que havia de figurar ao centro do presepe. Era o que se chama uma obra de preceito! Elle travesseiras de setim com fronhas de bobinete, lençoes de Hollanda guarnecidos de rendas de Venesa, guarda-

cama bordado, com entremeios e abertos da finura d'uma teia d'aranhiço, e quanto a coberta, era um antigo brocado d'oiro e violeta, recamado a matiz, com toda a sorte de passaros e arvoredos... A respeito das anagoas e mantilhas do innocente, não deixou a açafata vêr o que lá ia por baixo das roupas, e pressurosa, como a senhora abbadessa já começava a zangar-se da demora, eil-a depondo a preciosa camilha ao centro do presepe, entre Nossa Senhora, S. José, o rei preto offertante, e os animaes do estabulo de Betlem.

Abriu-se a igreja para o sacrificio da meia noite, velas aos centos nos altares, nas serpentinas doiradas das paredes, em lustres cahindo a par dos lampadarios das capellas, e era povo de morrer n'aquella nave, e os córos das freiras acompanhavam-se ao orgão, que era ouvil-os e viver n'um céo aberto!

Ditas as missas, abriu-se a gradaria que dava para o claustro, o povo invadiu á bruta o caminho do presepe ao tempo em que já o capellão, de capa d'aspérges, véo de hombros, tomára o menino do berço, para o dar a beijar aos circumstantes. Mas cahiu de joelhos, fulminado: o menino Jesus mechia os braços, e desatára a berrar como um cabrito! Foi uma balburdia no claustro, indescriptivel, de todas as bandas gritavam por milagre, as mulheres desmaiavam, emquanto outros nas pias

d'agua benta iam banhar as regiões do corpo, mais afflictas — do que houveram prodigiosas catarreiras. Em balde o capellão, velho sabido, mui pouco atreito a acreditar em prodigios que metessem engeitadinho, em balde elle procurava furtar o creanço ás arremetidas beatas da gentana: a turba crescia cada vez mais de roda do presepe, atulhando as arcadas e o jardim da quadra perto ululando, na rua, e insistindo n'um fanatismo furioso, em arrancar reliquias ao «Deus vivo». A nova correra por todà a cidade, atordoára os palacios, e entrando aos paços do arcebispo, puzéra em cheque a austeridade do prelado, irresoluto do escandalo, e não sabendo se transigir com o fanatismo estupido de canalha, se com a provavel indignação da classe culta, que era natural exigisse uma devassa impiedosa á moralidade das monjas do Paraizo.

Logo pela manhãsinha foi o chantre, Diogo Païm Cisneiros de Villugas, por ordem do prelado pedir á senhora abbadessa uma entrevista. A dona veio, ainda com os olhos inchados d'um mau sonho, amparada á bengala, receber sua illustrissima com todos os tics da mais cerimoniosa deferencia. Fallou de diversas coisas, muito de leve alludiu aos taboleiros d'ovos tostados que tinha enviado na vespera ao arcebispo, e quando D. Diogo poisou no milagre, rédarguiu-lhe que ainda o achára pequeno, dada a qualidade d'ovelhas com que todos os dias a auctoridade ecclesiastica lhe estava gafando o seu rebanho.

Varado d'aquelle aprumo, o conego pediu então seccamente a historia do milagre, e ella sem lhe attenuar as arestas, disse-a toda, concluindo que attenta a penumbra de que a criminosa se cercava, nunca podera suspeitar do seu estado, e filiára os gritos do parto emfim, n'alguma d'essas crises dolorosas frequentes em mulheres tolhidas de hysteria. A troca do menino Jesus pelo creanço fôra um rompante d'escandalo, que se por um lado merecia castigo, por outro estava a pedir um exame sério ás faculdades de razão da inculpada. Quanto ao effeito moral do milagre, lastimava-o com todo o pudor da sua alma; forçoso era que a communidade soffresse a abominação que elle continha, e soubesse resistir virtuosamente aos chascos e desdens das linguas viperinas, que já tinham começado a apontar o mosteiro como um logar de luxuria e damnação.

—E é freira ou noviça, a criminosa?

—Freira professa, snr. chantre.

—Professa d'este claustro?

—Se assim fosse, responderia por ella, como por mim. A criminosa veio de Montemor-o-Novo ha quatro mezes.

—Jesus, que vae dizer!?

—É tarde pr'a lh'o occultar. A auctora do abominavel sacrilegio, é effectivamente a irmã de V. Senhoria.

—Tio do menino Jesus, eu! n'esta edade! dizia D. Diogo, largando do Paraizo esbaforido.

Ao cabo de grandes discussões e manejos diplomaticos, temperaram-se as coisas por maneiras de se fazer uma procissão congratulatoria, da cathedral para o mosteiro, e se cantarem *Te-Deuns* —nunca ninguem soube dizer por gratidão de quaes favores celestiaes. Para evitar peores escandalos, deixou-se o menino Jesus do Paraizo entregue aos cuidados da mulher do hortelão, que todos os dias o levava a madre Anna de Villugas, sua madrinha e generosa protectora, acostumando-se o pequeno a viver entre as saias das madres, como vergontea da casa, e a ir medrando na suasão de o fazerem algum dia conego regrante ou arcebispo. Infelizmente, madre Anna de Villugas veio a morrer muito cedo, e não acautelou a sorte do pequeno; e quanto ao chantre, tinha em casa sobrinhos *mais chegados,* por quem espargir os consideraveis haveres do seu remanescente. De sorte que nascido em berço doirado, tive as homenagens do povo, como os filhos dos reis, mas tanto póde o capricho da fortuna, que vim a cahir de menino Deus, em sapateiro. Não me lastimo! Foi quanto meus paes adoptivos, hortelões no convento, poderam fazer de melhor em meu favor, e por ahi tenho vindo a remontar sapatos e a beber pingoletas, vendo o meu trabalho medrar, e com elle sete rapagões como umas torres, que renunciaram aos seus direitos na sagrada familia, já se vê, visto saberem cá n'este mundo o nome todo de seus paes.

Conto do almocreve e do diabo

Ao meio do vale, entre vinhas e milharaes, punha o convento a sua nota de caliça alva e joviaes repicadas de sinos: e na primavera eram novenas, procissões ao longo dos vallados, missas cantadas, e primeiras communhões de raparigas. Ás lucarnas das celas, quando sahiam as beatinhas embiocadas nos capuzes, vozes de noviços deitavam-lhes cantigas. Por traz das gradarias asceticas, junto aos portellos da cerca, por aqui, por lem, havia sempre fraditos desobrigando alguma desenxovalhada peccadora, amaveis penitentes que se deixavam guiar por elles ás penumbras das capellas, e rotulas dos confessionarios; e emfim suspiros, que melhor dirieis arrulhos de pombos, entremeando-se c'os sussuros das rezas e questionarios da confissão. Tão sorridente o conventinho era, que a villa perto, á margem d'um barranco com grandes choupos e faias perfiladas, reflectia-lhe um pouco a graça nédia, parecendo que na prosperidade

agricola das terras, e na multiplicação dos filhos nos cazaes, ia o sortilegio dos bons capuchinhos que lá moravam. Tambem, nunca em recanto algum christão houve frades mais queridos, e maridos mais completamente descançados: havendo tal, sem filhos, que abalando á vida por outras terras, vinha na volta achar o thalamo bolindo de rapazinhos gordos e vermelhos, que já por essas ruas formavam procissões, fazendo cruzes e outros mysticos desenhos nos muros frescos dos quintaes.

Comtudo nem todos eram assim, de boa bocca... sem ir mais longe, o almocreve, que bom trabalhador, rude e leal, gostava pouco de historias maganas de portas a dentro. Cazára por amor, em Villa Ruiva, tendo namorado a mulher, a quando, uma vez por semana, lhe passava á soleira com os machos carregados de vinho aguardentão. E desde o primeiro dia que o seu desejo fôra vêr brotar um filho do ventre d'aquella moça guapa, que lhe levára tanto tempo a conquistar! Mas ia em quatro annos... e aqui o misero suspirava, não havendo novas nem mandados da condessinha encommendada para França!

—Havia no conventinho um frade...

Que a bem dizer, a esterilidade do lar magoava tanto a mulher como o marido, a ponto d'aquella se pôr a recordar, na ausencia do almocreve, todas as robustezas de homens que a poderiam ter

feito fecunda, e sobre fecunda, eterna, atravez d'uma longa e proficua maternidade.

— Porém no conventinho havia um frade...

Ignorava o almocreve qual, nem por sombras suppondo que a Dorothea pozesse fito n'outro macho; ciumento porém, vendo-a fria nos seus braços, tudo era exasperar-se, presentindo sombra agoureira entre dois corpos. Assim o triste abalou n'essa manhã, sol nado, atraz das mulas carregadas, moendo a paciencia da mulher, como era d'uso, co'as supplicas da sua pobre alma sangrenta de duvidas. Fazia primavera, as seivas borbulhavam, flôres ao menor pretexto, por valados, montes e planicies.

— No conventinho havia um frade...

E por toda a banda paixões e ninhos, beijos esparsos, coróllas ferteis, e borboletas comendo-se de beijos nos calices, como em alcovasinhas perfumadas. Um frade! Mundos em esboço, microscopicas e activas populaças, republicas de malmequeres, confederações de rosmaninho e alegracampos kermesses de rosas, *ménages* de violetas— oh que alegria! — deitar os olhos sobre um trecho de valado, raio de sol, verme da terra, ou gotta d'agua, era sentir a alma propensa á imitação d'esses hillariantes amores que brotavam das relvas, da luz, e das vibrações das azas e das folhas. Um frade, sim!

A pontos que ao passar cruzeiro, pareceu ao almocreve que os sinos caçoavam.

—*Tres! Tres!* fazia pressurosamente uma garrida, e a gralhada dos mais.

—*Ding! Ding!*—*Ding! Ding!* acudia logo em confusão. Elle ia a tirar o chapeu, para encommendar a S. Gonçalo a sua honra de marido. E a estupida sina—*Tres!*—*Tres!*—com tamanha pécha d'escarneo, que o infeliz ficou seu bocadinho succumbido.

—Em minha casa, *tres*, isso é que nunca! Dois é bastante, já que o rapaz não quiz apparecer.

—*Tres! Tres !Tres!*—*Tres! Tres! Tres!*

—Tres diabos te levem, raios te partam, gritou elle, entanto que as vozes do bronze tagarellavam no ar o *Ding! Ding!* Furioso o almocreve carregou o chapeu té ás orelhas.

—Pois já que a igreja manga, encommendo ao Diabo a guarda da minha mulher. Ouves, demonio?

Um cavalleiro surgiu da encruzilhada, grande, de barba ruiva e esporas flammejantes, sobre um grande cavallo coberto d'espuma e crinas formidaveis. Seu pórte era fidalgo, o rir de cynico, os olhos de gatuno. E por sobre o gorro, com pluma rubra, as sobrancelhas uniam-se, convergindo sobre o nariz n'um tom d'indagação terrificante. Trazia a capa cahida sobre a sella, a adaga á cinta, e ao peito o braço d'uma queda do céo, seis mil annos primeiro que o homem visse a luz.

Apenas o almocreve chamára, elle, parecendo

sahir da terra, appareceu entre as sombrias oliveiras do caminho: e a distancia, estacado, dir-se-hia assumir a cada instante mais agigantadas proporções.

— Eh! Eh! fez elle com um formidavel rir de reprobo. Quando o meu collega, o Eterno, desampára os clientes, é que elles se lembram de vir ter com Satanaz. Para elle todos os fructos bons da terra, e todas as causas perdidas para mim. E ahi vem mais este. Que me queres?

— Encommendar a V. Alteza a mulher, pr'a que m'a guarde até quando eu voltar d'esta jornada.

— Guardar mulher d'almocreve, eu?! Seria mais uma a me illudir a vigilancia. Essa onde móra?

O almocreve disse. E o diabo, em commentario:

— Não te desfaças! Tens a maior velhaca da povoação. Bonita, mas que cabra!

— Que? pois eu já...

— Lá isso não, mas falta pouco.

— Homem que valha a pena?

O diabo esteve folheando a caderneta.

— Conheces tu o padre Braz?

— Ui, que mariola! Pois férro-lhe um balazio nos costados.

O diabo, a caçoar:

— Isso não férras.

— Férro!

— Porque esse tal Braz é galogim do Padre Eterno... arranja-lhe beatas, missas de pinto... e tu percebes, com estes tempos de descrença, é preciso sempre trazer a bocca doce aos mandaletes. Depois, o frade préga.

— Préga, préga. Mas desconfio que não ha-de ser por muito tempo.

— Ora Padre Eterno, como os ministros do teu paiz, tem fórte medo aos oradores.

— Ao menos, disse o almocreve, apásiguado, concorde. V. Alteza que é pouca vergonha.

— Espera, acordou o diabo, roendo as unhas pensativo. Eu e *elle*, todas as noites fazemos uma partida de damas, no terreno neutro do purgatorio.

— Bravo!

— Elle marca com as virtudes, eu com os vicios. Mas em boa moral, os vicios não se distinguem muito das virtudes. Por exemplo, no amor, onde acaba a virtude, e onde começa o vicio?

— Ahi está o que eu nunca pude explicar a minha mulher.

— Padre Braz lh'o explicará. De sorte que muitas vezes o Padre Eterno confunde as minhas marcas, com as d'elle.

— Como é isso?

— E entram assim malandros no céo, e bemaventurados no inferno.

— Que reinação!

— Lá estive eu hontem. S. Pedro nem me viu.

— Que lhe parece aquillo lá por cima, senhor diabo?

— Poucas commodidades. O inferno é muito mais confortavel no tempo frio.

— Em resumo, disse o almocreve, V. reaes Magestades entendem-se.

— Uma pequenina sociedade, ajuntou Satanaz modestamente. Elle é ainda poderoso: eu inda sou fino. Em casos graves, conversamos, e muita vez comsigo insinuar-me... Imagina que vae pôr o papa no olho da rua.

— E viva!

— Deitar fogo aos conventos.

— E viva!

— Expulsar os frades...

O almocreve bailava de jubilo.

— Visto isso e os autos, está tudo fechado nas mãos de V. Alteza?

— Não digo tanto.

— Ora ahi está porque se veem coisas de Deus, que parecem do diabo, e coisas do diabo, que parecem de Deus. Mas minha mulher?

Eis o difficil, confessou Satanaz. Porque emfim, se me tornei valído do Creador, tenho de ser bastante cauteloso em me não intrometter nos seus negocios intimos. E famulos como padre Braz, tem seu prestigio!

— Já sei como alcançar que V. Alteza m'a vigie, disse o almocreve. Vou pedir uma carta de empenho ao seu intimo amigo, o Padre Eterno.

O diabo ría como um doido.

— Que! tens espirito? Então sempre t'a guardo. Quem chalacea não vae para o céo.

— Cá me vou então, com Deus ou com o diabo, visto ser a mesma coisa.

— Elle expulsou-me! fez surdamente o terrivel cavalleiro, mostrando o braço que trazia ao peito.

Essa noite promettera frei Braz ir papar a ceia á mulher do almocreve. Gallinha ao lume, lombo no espeto, arroz de forno, e no respeito á pingota, um vinharrão vermelho e velho, enchendo borracha d'almude, pesgada e rotunda que nem a pansa do guardião. Assim o frade, impaciente, tudo era desejar findasse o dia: e jubilando, o melro, na preconcepção gozoza da frescata!

Inda com tintas lilazes de sol posto, á socapa os fradinhos deixam o convento, em direitura á villa, de borracha á cintura, a navalha pendente do rozario: e ao longo dos muros lestos se escamugem, pulando a cerca e cortando favaes e trigos, que era para ninguem os lobrigar. É n'esse tempo que as laranjas são doces, e o vinho novo começa a saber bem. Vae elles, por essas adegas, fornos de pão, magusto ou lumareu das boas comadres, entravam a patuscar de pernas nuas, sandalias descalças, arregaçando os habitos gordorosos de molho e pingo de rapé.

Frei Braz, dando razão da escamugida, acendia luz na cela muito cedo, junto mesmo da fresta, onde se punha a orar defronte d'um painel de S. Chrystovam, afim de bem visto ser n'aquella attitude implorativa, pelos que se abalavam a mundanar no povoado.

— Lá está o santo a resgatar da culpa as nossas almas! diziam compungidamente os noviços, aconchegando mais as borrachas na cintura. E a noite adeantava-se, começava a ouvir-se roncar o guardião, e um ou outro achacado gemer no catre, coisas que tanto podiam ser orações como blasphemias. Frei Braz despia então os habitos da clausura, trajava-se de labrego campaniço, com féras barbas de crina esbodegando-se-lhe assustadoramente sterno abaixo; e eil-o ahi vae cear com a madama, a cheirar a alfazema, pimpolho e lesto como rapaz solteiro em dia d'adiafa.

Porém já Satanaz, de sobreaviso, podera convocar seus subalternos. E o *santinho* curvado antre os zambujos, ouvia espirros de troça na passagem.

— Lá vae frade! Lá vae frade! diziam roufenhas vozes d'entre as moitas. E boccas sacrilegas cuspiam-lhe a caréca milagreira. No corcovos das veredas, grandes barrigas abstractas davam-lhe pansadas.

— Lá vae frade!

Havia dentuças brancas que lhe vinham rir (lá vae frade!) espenduradas nos galhos das este-

vas. Olhos que o seguiam, mãos que o beliscavam...

— Lá vae frade!

Então o desgraçado voltava-se; e uma confusão de pezadellos, descendo, subindo, alargando as azas de morcego, por detraz, á roda d'elle neblinas funèbres rastejando, supplicando um raio de luar, fórmas confusas, embryões de faunas soterradas... Á porta do cemiterio, um esqueleto pediu-lhe lume para acender o cigarro, e tomando-o de parte, recommendou-lhe que assistisse á missa que um mocho se dispunha a celebrar por sua alma. Ia a fugir, vê de repente um caminho cheio de sapos gigantescos, marchando em pelotões, de calça branca, casaca verde, tricorne.

— Lá vae frade! Lá vae frade!

Tinha porém chegado ás embocadas da villóta, e a ceia gorda o reconfortaria d'aquelles pavores um pouco incoherentes. Atravessa o rocio já mais tranquillo, torneia a velha ponte, trepa as ladeiras que vão dar ao grande arco de granito negro das muralhas. Mas ainda bem não tinha chegado á porta d'ella, vê a rua atravancada de gentalha, luzes nas portas, e um bailarico de sapateiros e descantes hydrophobos. E a Dorothea com seu vestido verde e cordão d'oiro, lenço de franjas no pescoço, annel no dedo e flôres no caramonho, batia um adufe de borlas escarlates, babando o olhar adultero para os solteiros que lhe deitavam de lado, modas languidas.

—A velhaca! dizia padre Braz, co'as barbas ao contrario. E para isto venho eu lá de tão longe!...

Ainda quiz vencer a onda de multidão que barrava a rua, lado a lado, co'a ideia de se lhe metter em casa, a fingir que era o marido. Mas qual entrar! tanta era a gente que até pelas escaleiras da porta lhe sobrava. E pandeiretas, rizadas, cantoria... Virou ao convento n'uma raiva voraz d'escarnecido.

—Eu te juro, magana, que me não tornas mais a embair. Oh desavergonhada, pécora! Mangar assim com as coisas de Deus!

Porém no dia seguinte, inda matinas, a do almocreve que penetra a alpendroada do convento, afim de dizer uma palavrinha ao padre Braz.

—Ah, sua porca! gorgolejou furioso o santo, assim que a viu. O que você precisava era uma surra.

—Capaz venho eu aqui de m'e esfolar, accudiu Dorothea, a modos d'angustiada. E proseguiu: arranjar eu ceia, esperal-o até tão tarde, e V. Senhoria sem dar novas nem mandados! Ah, sempre sou muito infeliz!

—Sem apparecer, sem apparecer! Não minta que é peor. Se preparou ceia (á minha custa) foi p'ra se regalar co'a gentana que bailava e cantava em sua casa. Tolo fui eu. Devia saber!

Ella, d'escancarar os olhos espantados.

—Em minha casa gentana bailava... V. Se-

nhoria desculpará, mas tem areia. Ou então enganou-se na porta. Não foi pelo vinho que eu bebi, não!

—Olhe que eu dou-lhe!

—Bailava gente... Ora não ha!

—Mulher, mulher! não me deite a perder, bufava o frade, entornando o rapé nas lageas do oratorio. E espacejando ameaçadoramente cada syllaba: quando eu digo, havia sapateado de bailarico em sua casa, é porque havia. Entenda e cale-se.

—Pois lá o espero, ingrato, assentadinha nas escaleiras, toda a noite. Gosta de cação? Diga.

—De caldeirada é bom, póde fazer.

E frei Braz ainda d'esta vez esportulou para a boda, uns pintos novos.

Na noite seguinte, apparentada a mesma austeridade ante o retabulo, apenas os noviços se safaram, padre Braz que desanda caminho de casa de Dorothea. Pela azinhaga, antegosando o regalo que ia ter, foi-se arrependendo de haver tratado com aspereza, mulher tão condescendente e frescalhona. Porque fallando franco, dois dedos de vinho podem muito bem fazer errar as portas ao cavalleiro mais perspicaz. E era natural que attenta a hypothese, o bailarico fosse em casa d'outra. Reluziam-lhe os olhos n'uma lascivia obessa, evocando a polpa real dos braços

d'ella, uns olhos que fazia a beber, e a magia suprema do seu arroz de pato, do qual era fama nas primeiras dez leguas de redor. Ah, uma rica mulher! Pedir-lhe-ia perdão, mal a topasse, com repenicadas beijocas nas suas bochechas, talhadas n'uma attitude d'estarem soprando sempre alguma trombeta imaginaria. E entretanto iam passando sébes de piteira, a azinhaga findava, e davam nove horas na camara quando abocou ao arco das muralhas.

Pé ante pé dirigiu-se á porta do almocreve, de chapeu sobre os olhos, a barba amarrada com dois nastros de lã, traz das orelhas; senão quando, já no portal, dá com um defuncto no meio da casa, amortalhado, e muitas velas de roda, e ao fundo um Santo Christo n'uma peanha, e a caldeirinha com um ramo de buxo, para as aspersões do ritual, n'uma cadeira.

— Esta só pelo diabo! exclamava frei Braz n'um desespero. Esta só a mim! e eil-o que retrocede, barafustando ameaças d'alveitar. — Mas eu que cubro aquella desavergonhada de beneficios... eu que gasto dinheiro! que apanho estopadas, que me arrisco a um desaire, se me veem! — e a gesticular como possesso — Nada! Não sou agora homem que aquella bacora deshonre impunemente. É preciso acabar por uma vez. E breve!

Procurava a caixa do rapé por todos os bolsos, n'uma agitação, sem dar com ella, compon-

do mentalmente verrinas p'ra lhe dizer quando a apanhasse.

— Porque fique vocemecê sabendo, senhora Dorothea, que é uma pouca vergonha, ter defunctos, quando eu chego. Tudo tem as suas horas. Lá diz Chrysostomo... e recapitulava, fulo — O que tu és, sei eu, grande estupor!

Ia cortar por um cancello, para as vinhas, quatro madraceirões lhe saltam de repente, armados de cacetes, e nunca se viu sarilho de mais arte. Imagine-se o alvoroço do convento ao apparecer o santo ás costas de dois frades, na manhãsinha seguinte, escoriado, sangrento como um Christo, tartamudeando palavras do officio de defunctos. Tres dias e tres noites foi nas capellas uma alluvião de missas e penitencias por intenção do insigne padre-mestre, do grande sabio justo que sabia de cór as virtudes medicinaes das plantas da montanha, e a cujos seraphicos extasis presidiam apparições de Santa Thereza e outras matronas christãs, em trajos de manhã. Vae, fosse das preces, fosse da carnadura rija que tinha, o certo é que veio a sarar das mazéllas, celere, o apostolo. Cão ruim não morre damnado. E breve poude ensaiar os primeiros passeios por baixo dos parreiraes da cerca, e ir á mina da matta encher o pucarinho d'agua ferrea. Apetite, graças a Nosso Senhor, nunca faltou; sua gotta de vinho ás refeições, e no tocante a presentes de chouriços e presuntos, nem já os

conseguia occultar debaixo da cama, havendo que mandar alguns pelo amor de Deus, ao guardião. Já se vê, referia mercês d'aquellas, a S. Vicente, ao patriarcha S. Bento, e a N. Senhora: e acabadas as rezas, pela noite, alava-se no presunto como lobo em quartos de burro, vá de goladas de vinho, até piteireiro offerecer os supplicios crueis d'aquella vida, em amortisação dos seus peccados. Tentações do demonio, algumas tinha, na figura de mulher roliça e branca, anaguada de rendas, que se lhe afigurava tal qual a Dorothea do almocreve. Rolava então n'um delirio soturno, lançando mão dos cilicios para vergastar os presuntos que sobravam, e assim batido, purificada a carne de porco, de flagicios, afocinhava ao chão com latins d'arrependimento abraçado a um chapeu de chuva de panninho. Por seu lado, a mulher, espavorida de remorsos, tudo era rastejar pelos confessionarios, á procura do protector convalescente. E a mandar-lhe frangas recheadas, com bilhetinhos no oveiro, a que viesse, tão perdidinha d'elle, que até nem lhe aqueciam os pés na cama...

A principio, frei Braz, inexoravel.

Já não cahia! E ella, finada, um bello dia, estando a igreja sem publico, tira-se dos seus cuidados, e arremette pelo claustro, sóbe a correr escadas sobre escadas, e rebenta de chofre na cela de frei Braz. Apavorado do escandalo, ia-lhe o padre mestre ordenar que desandásse.

—Lá isso é que não saio! *Não saio!* Então eu espero-o todas as noites, desacredito-me na visinhança, agárro catarrhaes, e V. reverendissima sem apparecer?! Tem a desgraça de cahir doente, esses fariseus martyrisam-no, e nem acceita os fios que lhe mandei p'ra se curar! Nem que eu fosse a ultima das ultimas, percebe?

Elle a acalmal-a, e ella mais alto:

—Ouvi dizer que amolgaram a cabeça de V. reverendissima. Só a do meu marido tão dura é.

—Soubesse eu quem foi o auctor da brincadeira...

—Elle não, que inda está fóra. Por isso aqui lhe venho declarar que esta noite...

—Shut! podem ouvir.

—Esta noite serei eu, Dorothea Portas, que virei ao convento petiscar com V. reverendissima. Arranje-se como quizer. Mas é que estou com'uma xára, estou offendida, capaz de morrer...

—Não offendas o Senhor com as más palavras.

—Saltarei a cerca, fóra de horas. É arranjar escadas de corda, e lenços bem perfumados d'alfazema...

—Oh Dorothea! Dorothea Portas da minha alma!

—Quanto ao banquete, aqui lhe trago esta taleiga de sustancia, mal-a borracha. E nós veremos quem canta. Até á noite.

—Hein? trauteava o santinho, percorrendo a cela a grandds passos. Já se viu pimponaça d'esta força? Nem Judith, nem Salomé, nem a rainha do Sabá, Martha ou Maria... Valentona, não se póde negar! Vem esta noite á escalada do convento. Deixal-a. Se incorrer peccado, commungará tres vezes por semana.

Longo e moroso lhe pareceu o dia no convento. Devolve os noviços lorpas que costumavam guardar-lhe as desfallencias, no giro da cerca. Respira fundo, soprando, querendo cantar, correr, dizer a alguem da sua inesperada felicidade. O breviario parece-lhe enfadonho, com as suas praticas cacheticas de pobreza, abstinencia, e castidade, e com olhos ciumentos segue os haustos das borboletas na floração dos hortos e trigaes. Oh vida livre! como os passaros te proclamam em voz alta o amor bohemio, despreoccupados, de chapeu sobre a orelha, sem indagar se as femeas teem baile, e os maridos dão sóvas nos amantes! Meio dia. O campo exhala um borborinho tepido e fragrante, cantigas, risos, altercações, rumores d'agua, cheiros de favaes, batidas de podões. Algum corvo grasnando... e se o evangeliario de secco pergaminho ordena que o frade faça penitencia, o da natureza, illuminado, diz-lhe amorosamente que coma, e beba, e se divirta. «A vida que vês constitue a mais bella face da medalha. Terás o reverso na outra, entre as rugosidades das ossadas e as depressões das sepulturas. Deus, como os gran-

des genios, fez a sua obra prima n'este unico volume. Todos os outros livros lhe ficaram ineditos. Quem leu já a BEMAVENTURANÇA? Quem percorreu as paginas do INFERNO? Portanto, frade, acredita-me, não ha nada além do que estás vendo».

E frei Braz sem descançar, nem comer, nem poder distrahir-se em parte alguma, atirava respostas aos noviços, pediu dispensa do côro, e fez todas as orações de rodilhão. Essa noite viu-se a sua cela decorada como um pequeno paraizo, lençoes d'estopa nova, flôres no geneflexorio, um festim de prelado sobre a banca... Emfim, dez horas dadas, pareceu-lhe ouvir rumor fóra do muro, no sitio onde umas nogueiras abatiam gracejos para a estrada. Engano certo; inda era cedo! Baque no chão da cerca, assestou o ouvido, e pouco depois sentia por baixo da janella, alguem tossir. Descida a escada, breve o corpanzil da dona enfiou pela janellicula da cela, com formidaveis rasgões na sécia de barége. Então é que foram abraços, juras d'amor e sorvos d'aguardente. Frei Braz chegou dois escabellos contra a mesa, Dorothea tirou a capa, grande alegria, e o santo vasava a pinga, cortava o presunto e partia o pão. Toca a cear! e dilatado, pretextando calor, desapertava a estamenha sobre o peito. Repimpara-se ella do outro lado da banca, vermelha, satisfeita, e fóra, a noite carrancuda relampagueava um pouco de sarcasmo. Vinha da

horta um aroma de goivos e ervilhas de cheiro, discreto, manso, como um rastro de noiva esvaecendo nas volutas da brisa, lado mar. E subitamente, no sino grande, uma pancada! Dorothea que pozera a caminho da bocca, um tasgalho de paio, ficou-se a olhar Frei Braz, muito amarella. O som fizera ampola, turgia vibrações, e por corredores e arcarias, ululante, ia bater ás portas dos gazalhos, ria nas frestas, e despertava os campos da madorna amorosa em que dormiam. Outra badalada profunda, e outra mais quente, outra phrenetica...

—Horas, ainda disse frei Braz; não tenhas medo.

O sino porém precipitava cada vez mais, sons alarmantes: por corredores e claustros entrou gente a correr. Que era? Que era? Os frades levantaram-se, entrevadinhos gritavam por soccorro, o guardião semi-nú corria a bater ás portas, afflictissimo. E alagados de horror, elle e mais ella, nem se atreviam a alvitrar sob a natureza da catastrophe. Frei Braz estava contra a porta, a ouvir o fallatorio.

—Chamem o povo. Toca a rebate. É fogo!

—Onde era? Onde?

—Na igreja não, venho de lá.

—Na vestiaria não, venho de lá.

—Cosinhas, refeitorio, tudo tranquillo.

—A biblioteca?

—Quieta.

—Mas esta fumaceira... o clarão que bate de chapa no zimborio...

E as disputas passavam a correr nas boccas offegantes, palmilhavam sandalias, havia rangidas bruscas de ferrolhos. Quando dos telhados uma voz gritou que a fumarada sahia de debaixo da porta de frei Braz.

—Depressa, arrombem, que o santinho deve estar a estas horas suffocado!

—Abra, abra! gritaram-lhe de fóra.

E elle, atirado á porta de carvalho, resistia ás machadadas que da outra banda lhe vibravam. Porém já na cerca, por baixo da janella, se começava a juntar gente embuçada, e Dorothea possessa, o vestido de barége em penduricalhos, inda os alarmava mais co'a chafra-nafra de lastimas e gritos, a ponto de frei Braz perder de todo a transmontana. Que desgraça! toda a communidade ia saber!

—Mas cale-se, vá pró seu marido, vá para o diabo! dizia o padre mestre com uma terrivel menção d'açovacal-a. E ella estorcendo as mãos:

—Diga por onde hei-de sahir sem que me vejam...

—Sei lá. Por onde entrou. E é despachar-se!

—Mas tiraram a escada.

Oh desespero! A meza com garrafas, viandas aos moitões, os copos cheios: e nem palmo d'armario onde esconder o diabo da mulher! Já a porta

cedia ás machadadas dos sitiantes, e ainda ella, de pé no ar, se recusava a formar salto.

—Despacha-te! Eu já não posso. A porta cede. Vão apanhar-nos aqui como dois cães.

É muito alta, dizia a desgraçada, a soluçar. Mas soltou n'esse momento um grito estridulo. Frei Braz empurrára-a para a cerca, e a misera, sobre a cantaria do tanque, acabava de partir ambas as pernas.

Ao outro dia, o almocreve que aponta atraz das mulas. Vinha de humor alegre, com vontade ao almoço, e saudades da mulher.

Mas ainda bem não chegado ás oliveiras, logo a sineta velhaca, alcovitando—*Tres! Tres!—Tres! Tres!*

Tanto bastou para immediatamente amarfanhar o barrete para os olhos.

Ding! Dong!

Que raiva aquelles malditos sinos lhe faziam!

A encruzilhada lhe pareceu mais só n'essa manhã, com os galhos dos marmeleiros e choupos sem verdura, a vetusta ponte, sobre cujos pilares gorgolejava a agua do barranco, macellas e campainhas alcatifando o chão p'ra uma cilada: e da perspectiva, no fundo, da outra banda do pégo, troncos vergados, troncos rugosos, troncos confusos, davam na alma tragicos calafrios.

—Que terá feito o diabo de minha mulher?

Mas casualmente, voltando a cabeça, viu-o no seu cavallo, entre as sombrias oliveiras do caminho.

—Sabes o que lhe fiz? Parti-lhe as pernas. Foi o unico modo de a obrigar a ter juizo.

—É então dura de guardar?

O diabo referia todos os transes da aventura, o bailarico na rua, o defuncto na casa, o fogo, e a sova mestra.

—E a respeito das pernas, V. Alteza concerta-lh'as?

—P'ra teu socego, vou-lhe deixando sempre uma mais curta. E por ultimo um conselho. Como não estou disposto a ser mais o rafeiro da tua honra, já agora não faças jornadas, sem as ordens religiosas acabarem.

Tres cadaveres

—Creia-me, disse o doutor. Morrer é menos difficil do que em geral se suppõe.

—Em todo o caso é horrivel, redarguira um d'olhares mortiços, cujo gastralgico aspeito dizia um poeta desempregado. E accrescentou que vira morrer muita gente, velhos, novos, homens e mulheres... Era o ultimo dos doze irmãos que se tinham ido para a cova, adolescentes, sem soffrimento quasi, sem doença exterior mesmo... Em todos divisára fundas saudades da vida, e esse horror cruel d'além-tumulo com que a religião tortura desde o berço, os espiritos fracos e os ignorantes. E como viera da provincia, enfronhado em leituras mediocres, julgando abalar o medico por uma questão profunda, perguntou-lhe:

—Acredita em Deus, doutor?

O outro amenisou com um modo calmo os fios caracolados da sua bella barba castanha.

—Digo a meus filhos que sim, para não sobresaltar minha mulher. Entretanto, na minha

posição e na minha idade, acreditar!... Acho a religião uma fórma d'arte, como a musica e como a esculptura immobilisada ha seculos por falta de genio, e moribunda porque não é necessaria.

—Todavia os livros santos...

—Poemas roubados ao melhor da litteratura índica. Nem ao menos são original hebreu. E todavia, que de vezes eu tive necessidade de crêr, e, levado d'um mysticismo poetico, quiz invocar o Supremo Espirito! Eu fôra educado por minha mãe, no fundo da provincia catholica e devota. Ha em todos os lares restos de crenças, lendas, superstições que a gente conserva toda a vida, e a cada momento occorrem, como o estribilho d'uma velha canção... Pois nunca o prodigio que eu solicitava, appareceu.

E n'este ponto começou o doutor o seu caso, n'uma voz ronronada, onde aqui e além havia tons de commiseração e sympathia.

—Era elle estudante... frequentava essa enfermaria de mulheres, que annos depois, muitos annos, veio a dirigir.

N'aquella época, o hospital ainda era mais soturno do que hoje, infecto, glacial, cheio d'escaninhos e corredores onde fazia noite em pleno dia, e tão pullulante de larvas, que pela noite, diziam, se podia ouvir um surdo formilhar, dos alicerces ás claraboias do tecto, surdo, endulatorio, e horrivel, pela expressão de soffrer que engastava. Era então o doutor um rapazola pallido e cheio

d'ideias romanescas. Entretinha as ferias lendo Soares de Passos a umas primas bonitas da sua aldeia; o luar preoccupava-o: e como tocava piano, e tinha sobre a morte ideias litterarias, chegou a compôr musica nova para o *Noivado do Sepulchro.*

Ao chegar ao quarto anno, ainda nos primeiros mezes lectivos do curso, distribuiram-lhe a doente 27—uma d'essas tysicas ideaes, brancas, dolentes, os olhos quebrantados d'uma lascivia poetica, e com suspiros que rimam—uma d'estas tysicas que parecem Chopin em estatuaria, e por quem todo o portuguezito jámais deixa de sentir um fraco de coração.

Posta ao canto da enfermaria, entre duas janellas de vidros desconjuntados, a cama 27 tinha uma biographia sinistra e mortuaria. Era para onde a enfermeira degradava as doentes que lhe faziam perrice, e para onde iam esticar as desgraçadas a quem o medico, logo á primeira torcia o nariz. Em quinze dias, vinte dias, menos ainda, a pneumonia, alguma febre de mau typo, encarregavam-se de varrer d'alli a padecente. Nada galante como esta tysicasinha tão doce de maneiras, cheia de delicadezas ineditas na plebeia raça d'onde vinha, e com aquelle seu olhar de basilisco, velado por uma membrana mui tenue, sob que direis occultar-se a calentura d'uma alma amorosa e scismadora! Quando ella appareceu na enfermaria, entre dois pequenos irmãos que a ampa-

ravam, o seu adoravel perfil branco de cêra, d'uma poesia extatica de prece, despertou entre os rapazes uma porção de paixões assolapadas. Infelizmente a enfermaria estava cheia, excepto lá longe a cama 27, entre as duas janellas de vidros estrompados—E tinha sido forçoso encaminhal-a para alli!

Descorrelacionada d'episodios, feita de historias avulsas, febres, allucinações, miseraveis pedaços dramaticos, a vida de hospital surprehendeu medonhamente a rapariga, sobretudo ao escurecer d'aquella primeira noite, quando na penumbra da sala começou o ascenso d'angustia vesperal a estortegar nas carcassas dos enfermos, a assobiar-lhes na guela, e a evocar das effervescencias da febre, a labareda tragica do delirio—o horrivel delirio dos nevrosos, nas mulheres maiormente expresso em canticos, vagos, sifflados por entre os dentes convulsos, d'essa poesia de canção do salgueiro, funebre e divina, que diz Desdemona antes de morrer...

Martha era d'algum d'esses maus bairros da cidade, d'onde o sol se retira apenas nasce, e de cujos predios sua ainda agora a immundicie das judiarias medievaes. O pae tinha de seu o quer que fosse, uma officina, uma profissão qualquer, já não sei bem. Era um rispido de mãos auctoritarias, oculos de ferro, a figura nodosa, e a bar-

bicha caprina, rara, esbranquiçada, a fazer-lhe um hirsuto collar por baixo do focinho. Tinha o filho maior em Moçambique, outra filha casada p'ra Azeitão, e dois pequenos em casa—Miguel, um operario cheio d'opiniões, e Joanna, loirita arrebitada, magra, phrenetica, em cuja face a rabuge do velho tinha murchado á nascença as primeiras tintas virginaes.

A morada estreita, n'um andar de vidros miudos, escuro, carunchento, tornava o viver triste. Predios em frente restringiam-lhe o horisonte. Por traz, muros lezardentos, arbustos de quintal rico, fechavam á vista algum pormenor mais largo de paizagem. Com o seu typo de *contessina,* e cabellos d'um castanho sedoso, ella soubera guardar no meio da sua actividade de modista, pequenas phantasias de luxo, certa melancolia morbida trahindo a indole sensual. Creio que teve namoros: um aspirante mulato, que nas aguas-furtadas defronte, todo o dia repenicava na banza fadinhos langorosos; e depois outro... mas pobre como era, nenhum casava, e isto dava-lhe grandes desillusões. Emfim, foi abdicando das pretenções que se impuzera, descendo n'esse ideal de marido que sonhára: e confessou-m'o ella mesma, a sua paixão séria, unica, foi um rapaz carpinteiro. É talvez o cheiro da casquinha que faz a seducção d'estes artifices, como o flavor da estrebaria, que no grande mundo leva as patricias a partilharem o leito com os trintanarios. Como o pae vigiava, o carpinteiro

d'uma occasião mandou-a fugir. Estava ella no periodo esthesico em que o sexo reclama os seus direitos, periodo louco, fatal ao amor de certas raparigas, e que de ordinario faz a historia de bastantes quedas. Fugiu. Em casa nunca mais se quiz saber de Martha.

Era já morta a pobre mãe; a irmãsita loira estava nova para o governo do lar: e n'aquelle interior tão cheio d'ordem, tão limpo, fez-se de repente uma desolação que fazia chorar o rapazola, e exasperava o velho ás ultimas blasphemias.

Entre as doenças do cerebelo, o amor é a que mais depressa se cura. É renitente, periodica, mas poucas vezes mortal. Succede resolver-se na amisade, dadas condições especiaes nos affectados, como os filhos, certa pureza de costumes, saude de espirito e coração...

Desde que taes condições não convirjam, os que se achavam ligados pelo amor, cessado elle, encaram-se n'um primeiro passo de convalescença que tem o nome de tedio, e gradualmente passa a chamar-se, indifferença. Martha e o bello carpinteiro soffreram seis mezes, até uma noite elle lhe declarar que estava farto. Foi então que ella se lembrou do pae, e entreviu de relance o futuro que ia ter. Voltaram-lhe os fervores pela costura, laboriosas noitadas n'um desvão de predio esconjuntado, mil projectos de vida severa, curtida nas pregas d'um vestido preto.

Essa mesma noite ella se encorajou a ir procu-

rar o pae. Era d'inverno, uma maré de gente affluia aos bairros pobres, em turbilhões de lama e vozes céleres, que se davam boas noites da volta do trabalho. Ao longo das calçadas, por debaixo dos arcos, nas escadinhas lugubres onde o formigueiro humano mais se exasperava, o gaz cahia dos lampiões n'uma especie de nevoa luminosa, que avermelhava de sangue as poças de lama, e dava um relevo tragico á monotonia tosca das figuras. Ella descera á rua em passo tremulo, embiocada no chaile, no meio de toda aquella gente atarefada. E chegando á casa do velho, passou umas poucas de vezes por deante das janellas, antes de se atrever a subir a escadinhola. Luz n'um dos quartos: talvez o serão de Joanna.

—Oh, pobre filha! dizia a rapariga enternecida. E muito devagarinho foi subindo. Depois, no patamar do terceiro, irresoluta, sentindo as veias abrirem-se-lhe á idéa do velho vir á porta, ahi se ficou de novo a sorver os ruidos da casa. Á esquerda era a Engracia engommadeira, que tinha um *Tótó* de pêllo pardo. Depois, mais adiante, o cortador; a ultima porta do canto era o pae. E alli uma voz juvenil disse p'ra dentro—que horas deram? Um relogio azougaga o seu atrevido tic-tac.

Outra voz respondeu—sete!—com um timbre cantado. E o torno começou a rodar.

Nada pois tinha mudado n'aquelle interior laborioso. Ás sete, Miguel começava o serão. As

nove o chã. E Martha revivia aquella visão da infancia, deliciosa, monotona — enternecida do pae que devera estar mudado, enternecida de Miguel que estava um homem, e d'essa irmãsinha loira, Joanna, emfim, cuja alegria lhe dava o ar d'uma nota de musica, fugida d'uma cançoneta endiabrada.

Trinta vezes ella ergueu a mão para a campainha, sustando os haustos no corredor em sombra, cujas taboas gemiam de caruncho; mas um pavor achatava-a: como iria tratal-a a sua gente?

Ia descer outra vez os mesmos passos, quando a vózinha cantada que respondera — sete! — disse do outro lado da porta:

— Quem está ahi?

Martha ficou-se, e ouvia-se uma rameira cantar o fado na sobreloja. A chave girou então na fechadura, a porta abriu-se. Joanna, curiosa, estendera a sua cabecita de dentro; e de fóra da porta, Martha alongara a sua; um grande beijo estrugiu no corredor...

— Querida filha!

— Oh, minha irmã!

Mas já um safanão tinha empurrado a creança para dentro, e o velho appareceu com um candieiro de petroleo.

— Que quer d'aqui?

Martha tinha-se arrojado a elle, forcejando, no fragor dos soluços, por lhe agarrar os joelhos, supplicante. O velho repelliu-a de si pelos cabel-

los, e formidavel, sem um grito, atirou-a contra o patamar.

— Rua! Se tornas aqui, deito-te pela escada, mato-te!

Estava em mangas de camisa, com chinelos de trança, um barretinho ás orelhas: e os seus tisnados braços, de roda, de cujas vaquetas se enroscavam mólhos de veias, lembravam assim os muros humidos, onde no inverno as lesmas fazem sulcos.

Ao outro dia de manhã, Miguel appareceu, branco de raiva e com os olhos vermelhos de chorar.

—Perdôa? disse Martha indo ao encontro d'elle.

—Diz que te não quer em casa. Hontem perdi a cabeça. De maneira que venho viver comtigo.

Ella desatou a chorar.

—Não te afflijas, disse o rapaz. O que lá vai, lá vai. É juizo, d'aqui por diante. Esta casa deu-t'a elle? Pois arranja as tuas coisas o vamo-nos embora.

— De que viveremos nós! dizia ella.

— Ora essa! Do meu trabalho, do teu. Já que o pae te não quer, que se governe. Então eu havia de te deixar sósinha, para ahi?

Logo n'essa tarde tinham alugado casa em sitio retirado, nos forros d'um grande predio, por cujos buracos se via o Tejo, e um bocado dos mon-

tes da Outra Banda. A officina de Miguel ficava perto. Martha tinha trazido a sua machina, uma banca de pinho, e alguma roupa. E as economias do rapaz foram tragadas na acquisição da meia duzia de tarecos que faltavam.

A primeira noite foi triste. Havia ratos. Uma chuva antipathica, muito fina, descia calada sobre os lamaçaes da rua; e ao fundo d'um boqueirão soturno ouvia-se o rio mugir, e chamarem para os barcos, as vozes prolongadas dos barqueiros. Martha, a cada passo, perdia a cabeça em esquecimentos. E Miguel sem querer accusava o velho pae, a cujas asperidões estava afeito, e áquella hora, quem sabe se estaria chorando, abandonado. O chá arrefeceram-no com lagrimas, os dois. Uma sinistra madorna esmagava os peitos. E cada qual, d'olhos errantes, começava a perder-se nas grandes nevoas da memoria, d'onde algum brusco esforço do outro, o sacudia.

— Em que estás tu casmurrando? dizia Miguel.

Ella em voz baixa — N'elle!

E por muito tempo os soluços a impediam de fallar. Por esforços do irmão a conversa mudava frequentes vezes de proposito. Cinco segundos volvidos, as duas boccas calavam-se, e as mentes seguiam no escuro da saudade, o mesmo fio de cogitações angustiosas.

Vem d'esse tempo as primeiras hemoptyses da pequena, as primeiras febres e suores debilitantes. A sua face ia tomando a tinta terrosa dos sangues

maus que desfibrinam: queixava-se de fraqueza, tossia de noite... Era Miguel o valente!

Ambos adiavam as esperanças de melhora, d'estação para estação.

— Agora em vindo o tempo quente, já melhoras, obtemperava o irmão.—E se aquecia, como a rapariga ia peorando:

— Deixa refrescar o tempo, verás.

A voz de Martha descia: cada vez os olhos se lhe faziam maiores, e a fórma do nariz ia tomando um afilado d'estatua dolorosa, uma d'estas transcendentes purezas que fazem certos perfis de mulher nova, correctos ao desespero. E á medida que se sentia dominar pela doença, purificava-a o desejo de ser perdoada, do pae sobretudo, cuja rispidez jurára não ceder.

Iam os dias assim, longos e plumbeos, n'um chafurdar de mágoas contundidas, n'aquella casa de miseria, cujas precisões o braço do rapaz não conseguia sustar já. Martha cada vez estava peor, e para o irmão ir todos os dias á officina, forçoso fôra trazer para junto d'ella uma enfermeira. As visitas de Miguel junto do pae tinham até alli sido infructiferas, quanto a pingarem recursos com que valer á rapariga. Era sempre aquella recusa sarcastica, cortante, sêcca, que nada alterava, nem as narrativas do operario, nem os soluços despedaçadores da pequenita, e onde por igual tinham parelhas, o rancor do despota desobedecido, e a avareza do homem do povo que conhe-

ceu as privações. E elles começaram a empenhar. Por duas vezes Joanna fugira de casa, para ir levar recursos á irmã, ás escondidas. Mas o velho tinha começado a vigial-a, a vir a casa a horas desencontradas, a reparar no que ficava pelos armarios, depois das refeições: e perguntinhas, palavras surdas, ameaças que elle lhe atirava a todos os instantes, varando-a com os seus olhos fulos de Shylock...

Pela ultima vez, no desespero de quem exhauriu o ultimo recurso, Miguel lhe foi bater á porta. Lá estava elle, como nas mais noites, cahido na sua cadeira de vimes, n'uma postura lassa e somnambula, o barretinho ás orelhas, a barba em collar por debaixo do queixo, o cachimbo de barro ao canto da bocca. Embranquecera-lhe já todo o cabello, e uma magreza entrava a desnudar-lhe os relevos osseos da mascara, patenteando o artificio anatomico das feições. Reparou-lhe Miguel na fadiga terrosa da cara, em que podiam contar-se os sulcos das lagrimas choradas na sombra, por sob uma caraça immovel d'egoismo. E deitando-se-lhe aos pés, quiz obrigal-o a commover-se... Oh, se elle pudesse ouvir o que a filha dizia!... Palavras, adeuses, supplicas... Já n'aquelle corpo não restava um vestigio sequer da culpa antiga, tanto o martyrio lhe disciplinára as primaveras da carne, e o arrependimento lhe estava virginisando o espirito, com as florescencias d'uma doçura candida e resignada...—que reflectisse na crueza

com que estava tratando uma creatura do seu sangue... Elle, pae, decahia, tambem... ia ser chamado a prestar contas da misericordia que recusara aos que Deus tinha posto debaixo da sua tutela...

— Trazes a fala estudada, dizia o velho. Eu já não caio.

— Mas ella morre... precisa de soccorros: o medico recusava-se a vir vel-a: na botica não fiam...

— Pois tenho pena!

— E eu não quero vel-a morrer no hospital. Entenda! não quero!

— Para isso não haverá como deixal-a morrer em casa, rapaz.

— Mas se eu não tenho dinheiro! Já avancei dois mezes para pagar no talho e na botica. Todas as lojas me negam. E eu já não posso! Eu já não posso!

— Oh, tu és esperto, meu filho. Quasi todos os mariolões são bem fallantes. Não te chega o que ganhas na fabrica de dia? Representa á noite, que estás um comico d'arromba.

— Ah, que se vossê não fôsse o pae!

— Eh! Eh! disse o outro, n'uma casquinada brusca d'amargura. Batias-me, hein? Isso é nobre, meu rapaz. E continuou: Deus ponha olhos de justiça nos filhos que me deu. Uns deshonram-me, outros roubam-me, outros promettem-me pancada... Setenta annos de probidade pagam bem tamanhos favores do céo.

No dia seguinte, Martha entrou no hospital.

Eis começada essa agonia das tysicas bonitas, cuja graça faz dos soffrimentos a mais sublime obra d'arte. Iam correndo assim as horas sobre esses suspiros, dôces como preludios de harpa, e sobre a magreza diaphana d'esse corpo que pesava uma folha de magnolia; e em cada manhã o estudante a podia encarar sob uma face de mágua divina, espiritualisada com brilhos de cêra virgem, que já não era a mesma da manhã anterior, nem se assemelhava tam pouco á da seguinte.

A voz de Martha que tinha em certos pontos sons asperos, falsetes, desigualdades, attingia agora avelludados singulares; sahia-lhe lenta a palavra, e uma immobilidade de gestos dava-lhe no leito, *poses* d'estatura tombal.

Depois, estabelecera-se entre a doente e o medico uma familiaridade tocante, uma especie de laço de familia, de communidade poetica, d'idylio funebre, porque o pobre rapaz teimava em achar n'aquelle caso uns longes do seu *Noivado do Sepulchro,* tão recitado outr'ora em ferias de provincia.

Nada elle poupava para lhe inspirar conforto: palestras, phantasias, historias, gulodices secretamente trazidas de fóra, horas de sentinella junto ao seu leito, mãos nas mãos, n'um permutar mysterioso de fluidos... Meia deitada porque a tosse maldita lhe não consentia outra postura, Martha abria grandes olhos na sombra; e elle via-a indagar á roda, sentia-a dizer baixo orações d'infan-

cia, fallar no pae, no *outro*... Em volta tinham-lhe feito uma atmosphera sympathica, e começou a ser amada pelas outras doentes, pobres creaturas que vinham, mal convalescentes ainda, desfeitas e pallidas, cercal-a de pequeninos desvelos.

Mas um desassocego invadia a creatura. O seu terror pela enfermaria começara a crescer, desde que uma noite, sentindo brados n'uma cama, vira uma velha revolver os braços, gorgolejar n'uma afflição suprema, e de repente tinha ficado immovel. Então agarraram n'ella, um deitou-lhe o lençol por cima da cabeça, e quatro gallegos carregaram-na n'uma padiola.

Por todas as camas fôra um sussuro de pavor. Alguem dissera: *ámanhã vão abril-a*. Uma doente mesmo, poz-se a descrever ás outras a casa das autopsias, com as cinco mesas concavas de pedra, homens arregaçados esquartejando cadaveres, de charuto na bocca, e a irreverencia dos moços, violando as defuntas com as ponteiras das bengalas.

A terrivel hora aproximava-se emtanto, Succediam-se estados de torpor cortados por vastas afflições, arquejos, spasmos... E os irmãos todos os dias vinham espreitar na pobre tysica, os prenuncios d'essa pavorosissima noite, sem alvorada nem lua, de que a religião em balde tenta esclarecer os lameiros, com a lanterna d'uma chimerica immortalidade. Por instantes, uma raiva de viver sacudia pelas espadoas a inercia da triste

creatura. E eis se escancaravam n'um medonho esforço os seus olhos d'agonisante, tornados enormes pelo descarnado da face, onde a pupilla dilatada, meio cega, tinha um cunho feroz d'indagação. Vezes sem conta fallara no pae, ia morrer, que fossem pedir-lhe a ultima benção... e voltavam-lhe arrependimentos christãos, innocencias de rapariguinha, solicitudes de boa filha. E o terrivel velho, inexoravel! Debalde Miguel se lhe rojára aos pés, chorára, protestára, ameaçára: já por fim o scelerado ria-se.

— Cança-te, brama p'ra ahi.

A sua bocca tinha adquirido uma fórma atormentada; o riso era uma careta lugubre de maniaco, roxa e glacial que mettia medo; e da forte envergatura, apenas a ossada ficára, derreada d'um lado, sinistra e má, como essa figura da Morte que Alberto Durer representou tocando flauta, entre as moutas floridas d'um jardim. Na loja insultavam-no os garotos. A freguezia debandava. O caso de Martha tinha começado a correr de bocca em bocca, e todo o bairro, poetisando a desgraça da rapariga, resmungava em voz alta os seus desdens, junto á baiuca em que vendia o usurario. Mesmo do passado d'esse homem resuscitára o povo não sei que soturna historia de quinze annos de degredo, por assassinio; e a ribaldaria do bairro não ajustava bem a rispidez do velho perante a filha, com aquella marca d'infamia, contrahida em annos juvenis.

Da ultima vez que foi procurar o pae, Miguel atrevera-se a aludir muito de longe áquelle sinistro rumor que lhe ensanguentava a biographia. Mostrou elle ao operario o mesmo rir de saltarello, e tranquillo, chupando o cachimbo, olhos no chão:

—Com que tambem tu! Já te contaram que estive dezoito annos degredado... Mas quem quer que foi, esqueceu-se talvez de pôr a descoberto todos os pontos da aventura. Degredaram-me, fica sabendo, por eu matar com trinta e oito punhaladas um amigo—houve sempre amigos p'ra tudo!—que depois de ter enganado uma irmã minha, se recusára a recebel-a por mulher. Avisamol-o duas vezes, meu irmão e eu, de vir cumprir a promessa que fizera. Respondia com evasivas: primeiro não estava ainda livre de soldado: d'outra vez não tinha saude; d'outra vez não tinha dinheiro... Demos-lhe as nossas economias, meu irmão Christovão quarenta libras, eu vinte e quatro, meu pae seis... Como não cessasse de vir a nossa casa, escolhia as horas em que andavamos por fora, sempre tratando d'embaïr a rapariga com as artimanhas de que estava senhor. Era dos bem fallantes, aquelle! Gastou emfim o dinheiro, e abalou de Lisboa para fugir ás perseguições que lhe moviamos. Mas passados mezes, veio uma vez que estava em Cezimbra, a trabalhar de tanoeiro... Fomos apanhal-o n'uma estalagem do caes... novas intimações, novas re-

cusas: mas d'esta vez o homem falou franco — não casava porque não queria casar! Domingo de Paschoa, como meu irmão sahisse a buscar a clavina que deixára no posto alfandegario, ouvimos no mar uma sineta. Era o barco de Lisboa que chegava.

Por desfastio fui-me a vêr desembarcar os passageiros.

Estava a chover: e eu que não levava cobertura, abriguei-me da batega n'uma guarita do caes que achei vazia. Rés-vés de mim, passou d'alli a nada uma mulher muito embuçada, sua trouxa ao quadril, e parecendo estranha ao povoado. Para encurtarmos razões... a minha irmã fugira de casa, e vinha ter com o tanoeiro. Aguardou-se a noite como quem aguarda a salvação. Meu irmão tremia abraçado a mim, e ambos afiavamos a chorar, no coiro do estojo, a folha das facas que tinhamos comprado de vespera, a um cuteleiro dos Romulares. Dez horas dadas, cada um de nós confessou-se ao outro. Já conheciamos os cantos da estalagem. Havia uma cancella p'ra rua, que toda a noite ficava escancarada: depois um pateo, com lenha, as cavallariças, e as alpendradas das carroças. Ao fundo d'esse pateo, subindo umas escaleiras de tijolo, encontrava-se a porta da locanda, que nós arrombamos, e logo á esquerda, depois da cosinha, o cubiculo do homem... Na mesma cama, onde os achámos dormindo, a elle e a ella, os espatifá-

mos, ás escuras. Tamanha era a raiva, que quantas mais punhaladas lhe mettia, mais intensa vida parece que lhe espirrava na sangueira. Eu mettia os dedos por todos aquelles buracos, enxafurdava n'aquella lama a minha carne... seria capaz de bebel-a, se ella não coagulasse tão cedo, nas mesmas fontes por onde espadanava.

Agora entende! Apesar do meu degredo, tanto tempo, dêem-me ámanhã vinte e quatro annos, renasçam as circumstancias que me levaram ao morticinio, e diabos me levem se eu não cosesse a facadas, té á alma a carcassa d'esse intimo—quanto mais a um estranho!—que tivesse vindo ganhar-me a estima, no proposito de me deshonrar a geração.

Era uma vespera de ferias, quando Martha morreu.

Os ultimos dias do outono sorriam na amarellidão dolorosa das arvores. Deliberou-se logo entre os estudantes que ficavam, e poucos eram, sequestrar o corpo á carnificina da autopsia, e recoltar por cada bolsa recursos com que mandar á cova a rapariga, n'um sahimento modesto, separado porém da promiscuidade lugubre da carroça hospitalar. Abertos os saquiteis, esportulou cada qual o que podia.

Mas ao fim da colheita, o peculio sommado apenas logrou fazer sorrir o estudante. Fim de

mez, começo de feriado... pessima occasião para um bohemio se inscrever á Rotschild, nos certamens poeticos da caridade! Mas nada de perder a coragem. O capellão do hospital, um pobre velho, prestar-se-hia sem duvida a comboiar gratuitamente o cadaver. O ponto eram o caixão e o carro funebre. Alguem propoz se alugasse um caixão n'um cangalheiro. Elles ainda hesitaram, os pobres delicados, trazidos no horror de lançar á terra aquella mimosa estatua d'infortunio, sem outro involucro mais rijo que a mortalha, que redimil-a pudesse aos primeiros assedios das larvas carniceiras. Lá se convenceram emfim da exiguidade dos meios, e sahiram do hospital commissionados, á busca d'um armador que lhes valesse.

Á esquina do Soccorro, um d'elles disse:— É além!—E atravessaram o largo até á rua das Atafonas. N'uma fachada esfumacenta, entre uma taberna e um prostibulo, viam-se dois brandões amarellos, pintados por baixo d'uma eça chocolate: e n'um circuito, as palavras—*Izaquiel, armador,* em caracteres de palmo e meio. Era uma lojeca esconsa, escura, subterranea quasi, para onde corria enxurro em tempos d'agua. Meia duzia de caixões estavam encostados á parede. Ao través do lagedo pousava um banco de carpinteiro, e via-se n'um canto, enroscada n'uma alcofa, uma cadella parida, lambendo docemente a cabeçorra exotica das crias. Mas era admirar

n'um velho armario de vidraça, ao fundo da casa, a peça de resistencia da loja, um rico panno de velludo com bordaduras de prata e grossas franjas. E do centro uma cruz branca sahia, n'um esplendor lantejoulado. Resolveu-se a entrar na espelunca o assistente de Martha, João da Graça — tal era o nome do ultimo fetichista provinciano de Soares de Passos. Um homem veio de dentro saber o que desejavam. Por alli os freguezes eram raros, segundo parecia, e aquella entrada de quatro desconhecidos alvoraçára o dono da loja, e a cadella-mater, que ousou refilar a dentuça d'entre a farraparia da alcofa. Explicaram então os motivos da vinda. Queriam um caixão d'aluguel.

— Elle ha de casquinha, disse o homem, mas são caros. Mas ahi temos tambem pinho da terra, mais em conta.

— Pinho da terra.

O homem começou a abrir cada um dos seis caixões.

— Quinze tostões é o menos, alvitrou elle por fim.

João da Graça pagou logo. Mas antes que tivesse dado a morada, o cangalheiro aventurou-se a dizer, que no caso do freguez consentir, elle mesmo, *Izaquiel*, se encarregaria do enterro, por um preçosinho accessivel. João da Graça consultou os collegas.

— A pessoa é muito pobre, disse então. Mor-

reu no hospital. É para a não deixarmos ir na carroça. Qual é o menos preço porque nos póde sahir um enterro?

O cangalheiro agarrou n'um lapis.

— V. S.as hão-de querer enterro civil. Posso fornecer livres pensadores para o acompanhamento. Ha com manifestação socialista, e sem manifestação. Tambem temos um escriptor republicano para representar no cortejo, a imprensa avançada. São mais cinco tostões.

— Quasi de graça! Mas nós não queremos nada d'isso.

— Bem. É um enterro pelo systema catholico, já vejo. Á antiga portugueza. E quantos padres?

— Bastará um. Mas esse vae de graça; já lhe fallámos.

— Nesse caso, vae-lhes a coisa sahir de mão beijada. Quinze mil reis: quasi de graça... Põe-se-lhe o panno rico, cova em separado, e dois moços com brandões nas estribeiras. Hein? tornou elle com um riso vivaz nos dentes verdes. — E aproximou-se, discreto. — Isto, meus senhores, é uma especialidade da casa... o que as tabellas chamam enterro pobre, parecendo rico. Hoje tudo se *espicúla*. É o commercio.

Elles entreolharam-se, sorrindo apenas do embuste. A subscripção mal chegára a duas libras. Mas o passo estava dado, não é assim? Os quatro rapazes fariam ainda um sacrificio, por facul-

tar á desditosa pequena essa murtuaria pompa, que as tabellas tão burlescamente annotavam.

—Está combinado, tornou João da Graça. Esteja ámanhã ás oito horas no hospital.

—Caixão d'aluguel, já se vê.

Ainda estavam á porta, findando o ajuste, quando uma mulher rompeu da taberna, trazendo uma escudela de caldo na mão.

—Aqui teus o jantar, ó mandrião. O taberneiro diz que não tem azeitonas.

Porém já uma voz estava a chamar por ella, de cima.

—Eh, *Cigarra!* Eh, mouca!

A mulher ergueu os olhos para a janella baixa, de taboinhas, sobranceira á espelunca, onde outra creatura se esborcinava, coberta de vermelhão.

—Que é lá?

—Compra-me tabaco no Augusto, em passando.

—Venha esse bago.

—Quatro menos cinco. Kentuky. Então já sabes que a Julia guerreou com a tal dita pessoa? Eu sempre disse!

A outra fez-lhe signal de que já lá ia saber como a coisa tinha sido. E para o cangalheiro:

—Hoje é o dia das boas noticias. Alleluia! lá morreu a Martha no hospital, esta manhã. Em Santa Maria, cama 27...

—Como soubeste? disse o homem, tocando

as provisões do peixe frito e pão que ella lhe trazia, n'um jornal.

—Foi a *Cantiga,* que por modos estava n'uma cama ao lado d'ella. Ahi nos fica viuvo agora o mequetrefe.

—Hemos de lhe comprar um fumo largo para a cartola dos dias santos, gritou-lhe a outra de cima.

O cangalheiro ria.

—Nada de chalaças, nada de chalaças, princezas! Paguem-me antes dois decilitros no *Chiça,* para enxugar o desgosto cá por dentro.

—O estupor! fez a Cigarra cuspindo. Vá uma pessoa amofinar-se por homens!

E foi caminho do seu antro, de cigarro na bocca, bandeando a saia escarlate, e ao passar pela taberna, o arrastar dos seus chinelos de trança, levantou suspirosamente o arcabouço do rapaz que frigia as iscas.

—A que horas deverá ir a berlinda? perguntou *Izaquiel.*

—Lá combinaremos. Espere-me ás oito no pateo do hospital.

—Creado de V. S.as, tornou o homemzinho, curvando-se. Caixão á cova era uma libra mais. E até sempre. O *Izaquiel* armador... Saude a V. S.as.

Quando no dia seguinte o cangalheiro veio ter a S. José, esperava-o João da Graça já no atrio. O caixão foi conduzido aos hombros d'um gallego, pela porta de ferro que dá ingresso nos jardins, á esquerda da igreja velha. E os dois homens seguiram-no, em disposições d'espirito inteiramente antagonicas. Assim chegaram á *casa das observações,* em cujos leitos os cadaveres aguardam vinte e quatro horas a remoção, para o cemiterio, ou para o amphitheatro. Esta casa fica n'um campo sobranceiro ao casarão hospitalar. Tem por diante o muro d'um pequeno jardim plantado de roseiras, goivos e artemisas : aos lados seguem-se eucalyptos em dois renques parallelos ; e avistam-se para traz dois ou tres montões de cidade, até ao rio, além do qual a vista apercebe ainda, n'um fundo encorporeo, a traslucida aguarella dos montes d'Arrabida, e as povoaçõesitas rasteiras da outra banda. Quando elles chegaram, viram o guarda da *morgue* entretido a limpar a gaiola d'um melro desplumado. Como a porta d'entrada estava aberta, avistava-se por ella ao fundo d'um corredor muitissimo estreito, com lageas de xadrez a branco e pardo, um pequeno altar dourado e poeirento, diante de cujo crucifixo uma lampada de metal bruxoleava, ás remoinhadas do vento. Diziam para o corredor as portas de compartimentos varios, com leitos d'oleado, onde os corpos jaziam, segurando uma argola de zinco, em communicação com a campainha d'alarme—campai-

nha que por signal ninguem ainda ouvira retinir, no alvoroço d'uma ressurreição. Quando o gallego depoz o caixão, João da Graça buscou pelos olhos de boi de todas aquelas portas, a cama onde estivesse deitada a costureira. Era o numero 9. Elles entraram, João da Graça e o cangalheiro. Estava a manhã lugubre e chuvosa, forrada no céo por uma felpa que a todo o instante ia ficando mais plumbea, á medida que o vento acossava da barra os aguaceiros.

Uma ventania agitava os eucalyptos de fóra, com intermitencias de furia e silvos de chacota; e ao largo a cidade ia-se apagando em aggregações de fórmas indistinctas, no meio da chuvada que empardecia já tudo, céos e terra, na mesma caspa desoladora e cineraria.

— É uma mulher, disse o cangalheiro. E levou o caixão para dentro do cubiculo. Ha roupa a vestir?

João da Graça desfez o embrulho que Miguel trouxera na tarde anterior. E o outro, depois de collar por traz da orelha, a ponta do cigarro que viera fumando, tirou o casaco e arregaçou as mangas da camisa. Uma das mãos afastou os lençoes de cima do cadaver, emquanto a outra puxava o corpo para a borda da cama, n'um geito cynico d'officio, cujo impulso fez resvalar a cabeça do travesseiro, pelo oleado fóra até ficar pendida para o chão, e despenteada e lugubre que fazia horror. Toda a nudez violada pelo movi-

mento brusco do homem, offerecia signaes d'emaciação indescriptivel: era uma ossada nodosa e cheia de vergões por sobre a flacidez da pelle que a revestia, ás echymoses rôxas pelo dorso, murcha, torcida, e bem afastada já da gracilidade airosa d'outro tempo. O ventre, mettido para dentro, começava a encher-se de listrões de verde glauco, em que as varejeiras picavam de raspão; os seios murchos, enrugados, vazios, descarnavam um collo cheio de maculas de causticos, d'onde o gasnete sahia n'um esgalgamento de girafa—e d'esse corpo de martyr, nem um detalhe sequer da gentileza que João da Graça tinha idealisado! Só a cabeça inda era bella, d'uma esculptura inspirada, entre os cabellos enormes, que empastára nas fontes o suor da ultima agonia.

—Dê-me V. S.ª a camisa, objectou *Izaquiel.*

João da Graça remexia atarantadamente no embrulho, enganava-se na roupa, tirava uma peça, tirava outra, largava esta, ou ia depois desdobrar a que já tinha posto de banda... E o outro acabou por desnudar a costureira de todo, em curiosidades de libertino, atirando os lençoes d'um empuxão. Um pudor fechava os olhos do medico ante essa nudez sagrada de morta, que ao cangalheiro se afigurava apenas desprezivel.

—Está tesa quem nem um bacalhau, dizia este, fazendo esforços brutaes para assental-a na cama, afim de lhe poder vestir a camisa. João da Graça tudo era aconchegar as ultimas roupas sobre o

ventre da costureira. Já por fim, o cangalheiro fungava de mangação. Elle percebeu. Um ciume atroz roia-lhe a alma. Enlividecera nos beiços, tinha as mãos crispadas, e um suor humedecera-lhe os cabellos.

—Vae-te embora! fez de repente o estudante, afastando o miseravel por um braço. Eu a visto. Deixa! Vae-te embora!—Perdera a cabeça, e a sua voz, rouca, baixa, trescalando o ciume das naturezas concentradas, parecia a d'um ventriloquo imitando o fallar d'uma pessoa a distancia.

—Oh freguez! escusa de se escamar, que eu não lh'a como.

—Vae-te! gritou-lhe João da Graça com tal violencia, que o cangalheiro deixou o cubiculo logo, resmungando que não estava para aturar malucos.

Então começou o estudante a vestir Martha: Deixára de hesitar na escolha da roupa. Desenrolou o vestido, estendeu aos pés da cama o par de meias bordadas, e uma a uma, começou de alisar as flôres da grinalda de rosas, que o embrulho amachucára pelo caminho. E tirando um pente do bolso, com mil cautelas para que o não surprehendessem n'aquella tarefa materna, entrou a pentear-lhe os cabellos, docemente, madeixa a madeixa, desempeçando com arte os tufos rebeldes, como se estando ella dormindo, qualquer empuxão, por ligeiro, lhe pudesse arrancar gritos de dôr. Nenhuma mãe vestindo o filho que acaba de

esmorecer-lhe nos braços: nenhuma noiva espargindo geranios e cravos sobre o cadaver do noivo, poderam jámais desenvolver tanta solicitude, tanta delicadeza, mimo tanto, como esse romanesco moço no preparar com humildes vestuarios o corpo fenecido da creatura que nem sequer conhecera fresca e radiosa! A abnegação que a alma dos rapazes exhala, mais espontaneamente talvez que a das mulheres—esse perfume intimo e recondito que parece nascer da virgindade do caracter, haviam transformado aquelle camponio misantropo, na mais lésta camareira que é possivel imaginar. Oh! venham vêr como elle ajusta as meias n'esses pequenos pés carcomidos de tysica, e lh'as vae esticando, expedito e ligeiro, sem tocar sequer co'as pontas das unhas na frigidissima epiderme d'aquellas pernas mirradas.

Está de joelhos deante d'ella, cinge-lhe as ligas, calça-lhe os sapatinhos de sêda, enfia-lhe a saia bordada, e o vestido de musselina, com mangas curtas, que tem sobre o peito garridamente bordado a azul pallido, um decote por onde tufam rendinhas e entremeios. Em duas grandes cataractas vem-lhe descendo os cabellos, aos lados da cara, para lhe fazerem nos hombros, ainda annelados e sedosos, uma especie de grande bioco monastico, cujo sombrio tecido mais accentua d'uma extatica belleza a macerada alvura d'essa physionomia de cera. Falta só calçar-lhe as luvas. Elle trouxe-lhe um par de luvas.

Será o seu derradeiro presente! Toda a noite passeou no quarto, mordendo os punhos, para os companheiros de casa lhe não ouvirem os soluços: tão agarrado á poesia funebre d'aquelle seu romance, que já se lhe afigurava nenhum outro conseguiria fazer-lhe bater o coração, por viva e seductora fosse a creatura que viesse tentar-lhe a adolescencia! E chorava, o pobre João da Graça, nimbando a cabeça de Martha, na coroa de rosas do martyrio, menos brancas do que as faces d'ella, agora insensiveis para sempre á abullição das saudades que lhe deixára. Oh, essas ultimas horas da sua lenta agonia, quando as mãos d'elle sentiam ir arrefecendo as d'ella! e o balbuciar da sua imperceptivel voz, supplicando que a salvassem dos magarefes do amphitheatro, ultima affronta da caridade official aos desherdados, por cuja miseravel carcassa pessoa alguma vae interceder!

N'esse religioso amor que aspirava projectar-se além-tumulo, na nostalgia de felicidade que os devorava, só os espiritos haviam commungado. Amor sem desejo, exclusivamente doloroso pelo phantasma da morte que os trespassára do mesmo horror sagrado, e todavia não se parecendo jámais com o amor d'irmãos, nem com o amor de filho a pae...

O guarda que havia tempos rondava o cubiculo, como João da Graça tardasse, resolveu-se a espreitar pelo olho de boi do numero 9. Vira o estudante ao pé da cama, com a cabeça encostada a uma das mãos da defunta, cuja luva acabára de calçar.

—Que é lá isso, meu senhor, a chorar?... Julguei que não soubessem fazer tal os homens de saber, como V. S.ª. Era-lhe alguma coisa, esta menina?

—Oh não! Minha doente. Muito boa rapariga.

—Sua doente... Poucas que d'aqui sahem levam a serapilheira molhada nos olhos d'alguem que as ame. Esta ainda foi feliz. A modos que era bonita...

E o guarda accrescentou, passado tempo:

—Deus permitta que os desgostos de V. S.ª sejam sempre do tamanho d'estes. Hão-de esvaecer-se depressa.

—Ahi chegam os gatos-pingados, veio dizer *Izaquiel*.

Elles tinham aberto o caixão. Era oblongo, coberto de sarja azul com pequenos galões lateraes, uma cruz de lhama branca sobre o dorso. Oh Deus! Deus grande, Deus justo, Deus santo! Que enregelada seria a sua primeira noite debaixo da terra alagadia! Já nos lagedos soavam as botorras dos gatos-pingados. Uma chuva miudinha penetrava até á alma; e o vento que apagára a

lampada, esfusiava através das persianas do casebre, gemia nas arvores, fazendo até bater as portas, pelos corredores do hospital.

—Vamos a isto, disse o armador. Segure-lhe V. S.ª pela cabeça.

João da Graça foi postar-se á cabeceira do catre, emquanto *Izaquiel* ia agarrar nos pés da costureira.

Ergueram o corpo. E o guarda continuava a monologar sem que ninguem lhe prestasse attenção:

—Façam idéa do que soffri perdendo mulher e filha. Eu cá fui da tropa, meu senhor. A mulher abalou com um moinante. A filha abalou com outro. Ha-de fazer dois annos, já eu era o guarda-portão d'este palacio, uma noite vim encontrar aqui ambas as duas. Tinham chegado por caminhos differentes. Uma ficou além no numero 12, a outra dormiu no numero 17. N'aquelle tempo o meu amigo era um cão que achei na rua, e morreu já. Agora só tenho aquelle melro, que inda assim me morde, apesar que lhe dou todos os dias de comer...

—Segure-lhe vocemecê ahi nos braços, gritou *Izaquiel* para o velho massador. O caixão era curto. *Izaquiel* lembrava-se de dobrar os joelhos da morta um quasi nada, afim d'ella ficar menos comprida. Já os beiços do estudante se começavam a fazer brancos. Porém os joelhos estavam rigidos. João da Graça respirou.

—Ha-de caber por força. Não ha remedio.

—Inclina-se-lhe a cabeça, disse o guarda. E ambos procuravam introduzir Martha a troxemoxe, como uma encommenda que tem de caber por força n'um caixote já rubricado.

João da Graça deixava fazer o que elles queriam.

E quando emfim os dois homens se ergueram, ajoelhou-se elle para compôr a grinalda que pendera, e atar-lhe as mãos com uma fita.

Porém a sua sensibilidade estancava-se, fazia já tudo machinalmente, por fim—só os olhos fixavam no forro de panninho do caixão, a rubrica da peça d'onde elle tinha sido tirado, e que em letras azues, dizia, *Panno famoso, 22 jardas, Manchester,* a um canto. Em pensamento, o pobre rapaz repetia aquillo muitas vezes, *Panno famoso, 22 jardas*... com uma monotonia lugubre d'idiota, e sem saber o que estava dizendo. Quando já tudo estava prompto, *Izaquiel* encarando com um riso equivoco o estudante, perguntou-lhe á queima-roupa.

—Se me não engano, era a Martha, esta pequena?

—Conheceu-a? disse o outro.

—Foi minha visinha na Graça. Era d'arromba! V. S.ª sabe-lhe o nome todo?

O estudante disse que não. Mas o armador era familiar por aquellas pocilgas, e foi logo procurar debaixo do travesseiro, o bilhete que lá deviam

ter posto, como uma carta de guia laconica, para a jornada da sepultura.

Soletrou: «*Martha Rodrigues, 23 annos, natural de Lisboa. Enfermaria de Santa Maria. Tuberculose pulmunar*».

O bilhete adequava-se inteiramente ás informações que a *Cigarra* tinha dado. Era então ella! Sempre era ella então!

—Que historia, hein? pensava o armador lisongeado.

Já se explicava a scena de ciumes de ha pouco. João da Graça tinha sido o ultimo... eh! eh! o que apanhára o peixe sêcco, o que tinha pago a despeza no fim dos mais terem comido... E um estudante, um doutor! emquanto elle *Izaquiel*, se podia gabar de ter sido a primeira paixão d'ella, a sua loucura, e o motivo unico da sua perdição!

—*Panno famoso, 22 jardas, Manchester*...

—Bem, disse *Izaquiel*. Póde-se fechar isto já, não?

João da Graça acabou d'esfolhar por cima do corpo, o açafate de violetas e camelias que mandára comprar ao Neves do Rocio.

—Palerma! pensava o cangalheiro mordendo as guias do bigode côr de milho, que lhe assanhava o beiço superior. O velho capellão tinha chegado, e as absolvições foram n'um instante. Emquanto os moços arrastavam o caixão para a cadeira de ferro da berlinda, *Izaquiel* envergou á pressa um trajo de gato-

pingado, que sempre forrava assim a esportula d'um homem.

E o cortejo sahiu pela *Porta do Carro*, por S. Lazaro, caminho do cemiterio, lentamente.

Sempre a chuvinha cerrada cahindo obliqua nas ruas, com uma teimosia impenitente, muito igual, desesperadora e cheia d'amargas nostalgias. A lama enchia as pedras da rua, lambusava os patamares, subia ao roda-pé das frontarias, espadanando na cara dos transeuntes, de cada vez que uma sege largava a trote por sobre os empoçamentos da via. Pannos de nevoa truncavam os prolongamentos do caminho. Cada embocada parecia ir acabar contra uma vasta penumbra, vaga e inquietadora sobre o espaço, onde a geometria dos predios, lá longe, mal se delineava em fumaceiras indecisas. Assim atravessaram aquelle velho bairro da Bemposta, feito de casinholas e antigos palacios-casernas, frios e armoriados d'escudos na cornija gasta dos portões. Iam lentamente, sob a chuva, n'um passo derreado de vencidos, desafogando em imprecações e más palavras aquella má vida de raleira, por um aguaceiro semelhante. O sota rogava pragas no estafermo da defuncta, em cima d'um cavallo tuberculoso, cujas costellas davam estrallos, batendo contra as costellas do lado opposto. E não iam mais contentes os gatos-pingados das tochas, encharcados até á camisa, em tão pequeno percurso, por signal que um d'elles, *Izaquiel,* espumava de birra, por vêr o estado em

que lhe ia ficar o rico panno lantejoulado que revestia o caixão.

Quanto ao velho padre, mal-o sachrista, no fundo da berlinda... que o capellão era um santo em lhe não tendo esquecido a caixa do rapé. D'aquella vez, a caixa ficára no gavetão da sachristia. Como désse pela falta, gritou logo o santo velho—esta só pelo diabo! Parece que o sachristão, que tambem cheirava, não ia de melhor cozedura, já porque a respeito d'esperanças na propina do enterro, não tinha esperança nenhuma; já porque a mulher d'elle, Fortunata, lhe apresentára nas ventas, por contravenções de matrimonio, com uma salada d'agriões, e mais a saladeira em que ella se achava cozinhada.

— Aposto que tambem não traz, disse o capellão, mirando o seu acolyto d'esguelha.

Rebuscou elle conscienciosamente os bolsos da batinha, antes de responder que não tinha trazido.

—Ora encommende-se a Christo, seu Evaristo! fez o padre.

E rufava nos vidros da berlinda com modos ribaldeiros.

—Sempre quero que me diga, como nos havemos nós de governar d'aqui até ao Alto de S. João, sem rapé. Sim!

— Que o tal pelintra podia bem pagar a propina ao sachristão.

— Qual pelintra, seu Evaristo?

—O estudante, senhor padre Ravasco. Então elle bate-se de panno rico, paga aos moços das tochas, e deixa os homens da egreja a chuchar no dedo? A religião não é nenhum gallego dos defunctos!

—Ora o diabo do rapé!

—Porque emfim, quinze tostões sempre lhe hão-de fazer differença. O snr. padre Ravasco não é rico.

—E não sou, caramba! Mas que se lhe ha-de fazer? Os estudantes entravam logo a fallar... Veja vossê nas algibeiras das calças, seu Evaristo. Podia ir aos ouvidos do senhor enfermeiro-mór... O rapé desentupe-me. É a hostia das ventas. Dava agora um vintem por uma pitada.

—Raio de vida a nossa! Vá uma pessoa atraz d'esta carcassa, com esta chuva de molha-tolos, e de borla, senhores!

Viu-se maior pouca vergonha?

—E cada vez será peor, seu Evaristo. Então, sem rapé! As auctoridades tambem é que desprestigiam a Egreja. Antigamente... Vossê viu bem nas algibeiras do collete?

—O senhor padre Ravasco é que podia fallar ao estudante. Assim de raspão.

—Homem, eu cá não. Mas falle-lhe sempre vossê, se o lobrigar a caracter.

—Ná! Só se o armador quizer meter os padres na factura.

—Com que nem nas do collete? Ora sêbo, seu

Evaristo! Sêbo, lhe digo eu! D'aqui ao cemiterio sem rapé, com uma bordoada d'agua como está a cahir... Ah vida do diabo! Que esse estudante é um grandecissimo pelintra: vossê não abiscoita real, tenho a certeza.—Volvia o sachristão:

—De borla, senhor padre Ravasco, de borla nem uma pessoa reza os responsos com fé. E deixava resvalar até ao chão da carriola, voltaireanamente, o crucifixo de metal que tinha trazido. Além de que, entornára-se a agua benta da caldeirinha.

O padre reparou.

—Diabo, como ha-de ser isto agora?

—Ora adeus, padre Ravasco! A propina não dá p'ra semelhantes escrupulos. Cospe-se-lhe p'ra cima, arre!

Ao cabo d'uma marcha forçada, lá conseguiram chegar ao cemiterio. O guarda veio recebel-os debaixo d'um guarda chuva de saloio. Padre Ravasco, apanhando a batina de lado, com'ás mulheres, todo se acocorava sob a umbella escancarada por Evaristo. E na pequena eça de ferro da entrada, o caixão infiltrava-se lentamente da chuva.

Só João da Graça se esquecia d'abrigar a cabeça descoberta. Estava só, que os amigos tinham receado o tempo, e os irmãos d'ella tambem; e isto augmentava a sua melancholia. Nunca o cemiterio lhe parecera mais lugubre do que n'esse estupido

dia d'inverno. Os cemiterios que elle passeára ao luar, nas suggestões patheticas do seu querido *Noivado do Sepulchro*, eram campinas de scenario dramatico, onde as avenidas de cyprestes caracolam e preseguem sem acabar jámais, e todas cheias de flexas gothicas, esculpturas, vôos d'almas, silencios de cryptas, geroglyphos de fogos-fatuos, e mysticas nupcias sobre o marmore phosphorejante das tumbas. Campo sagrado pelas dolorosas cadencias da ballada, que faz dos vetustos cyprestes como a ressurreição em vegetal das grandes ambições que lá dormem, insaciadas, á espera da interrogação philosophica d'alguem. N'essas phantasticas necropoles, a alvinitencia da lua dá talvez fórmas de sonho a cada fachada livida de mausoléo. Meia noite batida, ir-se-hiam enlaçando aos pares, cadenciosas, as estatuas dos sarcophagos, fugindo lentamente, como elfos, na poeira argentea das noites clara...

> — Oh nunca! nunca! de saudade infinda,
> Responde um echo, suspirando além...

— *De profundis clamavit ad te Domine*, dizia o padre. Todos se tinham descoberto. E João da Graça, sem escutar os responsos, via o caixão pingar uma agua turva dos cantos, sobre as pedras molhadas da avenida.

— *Panno famoso, 22 jardas*... A pobre, a pobresinha da rapariga!

Por milhares, os cyprestes afiavam, uns por traz dos outros, pontas de facas erguidas contra o céo, como se por baixo da terra lhes estivessem segurando nos troncos, mãos vingadoras de defunctos, ha tantos annos desilludidos da bemaventurança com que a Egreja os embaira. Pelos cunhaes dos jazigos trepavam heras, alongando compadecidamente os braços verdes á peanha da cruz que os encimava. E por toda a parte esse silencio da morte, estagnado e podre, que n'um consistorio deve fazer-se, logo depois de ter blasphemado algum bispo.

—... *Domine audi vocem meam; nec aspiciat me visas Dominis...*, dizia o padre.

Oh morrer! que consolador lhe seria morrer com ella, e ir emfim n'aquelle mesmo caixão, sob a chuva das mesmas flôres e o latim dos mesmos responsos, para a hibernagem da cova, alli tão perto da sua noivasinha adorada! Promessas, historias, juramentos que ella não pudera dizer-lhe emquanto viva, far-lh'os-hia depois, a fria sonambula, na primeira noite em que passassem unidos sob a terra, n'aquelle estreito ninho funerario. Toda a sua vida correria pois assim, extincta a creatura, abandonada e murcha á beira da felicidade dos outros, sem que lhe fosse dado poder exclamar um dia: sinto-me agora bem! Era genio, era destino, dizia elle. Em quinze annos de Lisboa, que relações eram as suas? Camaradagem d'escola, tão exteriores como joviaes; um ou outro

desconhecido que vinha ás noites beber-lhe o cognac ás mesas do Martinho. Da mulher pouco sabia. As que conhecera, tinham-no quasi todas explorado. Mesmo, algumas lhe voltaram as costas. Que elle era d'esses timidos que as raparigas sacrificam ao primeiro bigode loiro que lhes surja do fundo de qualquer imbecilidade, fazendo a apotheose de qualquer cabelleireiro. Só aquella moribunda diaphana, tão calada, tão poetica, tão doce, satisfizera o platonismo ingenuo da sua alma de camponio, em cuja limpidez se estamparia ainda, quem sabe? a idyllica e religiosa tristeza do burgo alemtejano onde tinha nascido!

—*Kyrie eleison, Christe eleison*..., rezava o padre, aspergindo o cadaver, emquanto por traz d'elle o sachrista ia abocanhando o *Pater noster*.

Farrapos de crepes já velhos, amarellentos, grotescos, iam e vinham, passavam e tornavam a passar com o vento, por diante da gelosia dos mausoléos. Algumas corôas mostravam os ventres de palha pendentes de gradarias em ferrugem. E em certas urnas, nem mesmo as aves desciam a molhar o bico, quanto mais a haste d'uma rosa trazida em preito, pela viuva d'um banqueiro!

A saudade d'essas inconsolaveis familias tinha apodrecido pois com as pomposas inscripções das corôas funebres. Outros amores depois foram crescendo por sobre a reminiscencia d'aquelles decrepitos amores.—Porque a lagrima não fecunda nem alimenta ninguem. É o pus d'uma ulcera:

sécca e estanca-se no penso, apenas a ulcera vá estando cicatrizada.

A chuva não tinha cessado, e na encosta do cemiterio, que pende para o rio, o cerraceiro entaipava de cinza o valle de Chellas, apagando n'essa paizagem funebre, o unico recanto em que sorria um idyllio de folhas verdes e paredes caiadas.

A cova de Martha era para lá das ruas de sepulchros, n'um campo sem herva, cheio de numeros brancos em placas negras, e escavada em terra alagadia, cujas barreiras lhe filtravam p'ra dentro, charcos de lama torva e espapaçada. E findas as absolvições, o padre arregaçando a batina, afastou-se debaixo do chapéu de chuva que lhe estendera o sachristão; *Izaquiel* foi tratar de pôr em resguardo o panno rico; e dentro da cova, amarfanhando as calças nos canos das botorras, um coveiro inda novo procurava firmar-se na terra mal enxuta, fugindo ao atasqueiro do centro, emquanto um outro, de barrete de lontra, começou a abrir o caixão da rapariga. João da Graça esse tremia com os olhos cahidos sobre a morta, e o espirito immobilisado na contemplação d'essa hora suprema, em que a angustia do desconhecido se centuplica de horror, pelo receio do inferno. O trabalho dos dois homens cortava-se entanto d'impaciencias, ás fustigadas da chuva. O que destapára o caixão tinha-se posto a chamar um dos gatos-pingados que ia debandando empóz dos

outros, a que viesse ajudal-o a tirar a defuncta para a cova. E o outro coveiro em baixo, praguejava.

—Vê se te despachas, *zaranza!*

Mas o gato-pingado, sem se voltar, respondeu-lhe de longe um gesto obsceno, e foi João da Graça quem prestou ao coveiro o auxilio necessario, erguendo Martha pelos sovacos, emquanto o outro dava ala ao cadaver, agarrando-o pelas barrigas das pernas, como um fardo.

Ao despregar-se o corpo do caixão, a cabeça vergou, mal-os cabellos, e a corôa, desprendendo-se, foi rolar ao meio da lama. Já o outro coveiro, por baixo estendia os braços para amparar o cadaver pelos rins, quando um rebordo de terra subitamente esbarrondou por debaixo dos pés do estudante, fazendo-o largar a morta que cahiu desamparada no charco. Houve uma praga medonha do homem sobre quem a lama espirrara, no impulso da queda, com um *plau!* espapaçado e flacido de papas; e vestidos, meias, cabellos da pequena, ficou tudo coberto de crostas repellentes. *Panno famoso, 22 jardas*... e despoetisada do seu pudor, por aquella injuria, a morta revestia assim uma feição de villeza esmagadora.—Só entre as madeixas, que iam tomando cambiantes descórados, cheias de piolhos brancos, furiosos, a cabeça mantinha a sua dolorosa aresta de nariz, entre as pisaduras dos olhos, e aquella pallidez exangue, melada de pollens, d'um azul que

era já sangue deleterio, e de que o excesso de mortificação fazia horror.

Nunca como n'essa hora, João da Graça comprehendeu melhor, no seu fundo de sonho romantico, ingenuo que era, a necessidade d'acreditar que a podridão não fosse um terminus, tanto esse desfecho da vida lhe pareceu injusto e inexplicavel. A phrase de Pascal, *prenez de l'eau bénite, abatissezvous!* veio-lhe á memoria, com o seu Port-Royalismo devorante, em que se sentem cilicios rasgando carnes, e o pesadêlo de *au-delà* dando vida á morte, fazendo das mais tranquillas coisas, espectros, e sacudindo a alma em tragicos pesadêlos.

A idéa de Deus fel-o tremer, n'esse momento: perguntando a si proprio, espavorido, se as affirmativas da sciencia não eram mentirosas, e a sensibilidade continuaria além da morte, exasperando-se a dôr através da decomposição cadaverica, não já por crises, mas continua, insupportavel, fulgurante, emquanto restasse do corpo uma molecula sequer de materia aggregada... E ao pensar nas torturas que ella devia estar soffrendo, caso assim fosse, prohibida de gritar, de se mover no meio da terra, calada, e sentindo, por um requinte de martyrio, o carnaval da podridão ganhar terreno pelo seu corpo fóra, té á medulla, um suor algido banhava-o, e desesperado, agarrava-se á

religião, não já por fé, mas por miseria, como quem procura escapar d'uma asphixia que o estrangula.

Ia de molde o seu caracter, tambem, a este poema mortuario, pela solidão em que medrára. A mãe nem a conhecera. Os seus olhos de criança só se lembravam de ter visto sorrir phisionomias velhas... um tio que tomou conta d'elle, logo que a mãe tinha ido a enterrar... uma tia, já velha, de bandós postiços, que elle vira sempre a folhear romances da *Bibliotheca das Damas*... e velhas criadas de roda, ás passadinhas, fallando em segredo pelos cantos, n'uma velha casa que tanto podia ter sido um convento, como um quartel, como um tribunal.

O egoismo d'esta velhice, vegetando sem queixumes, n'uma fartura de ricaços, retrahira cedo a viveza traquinas do garoto, compondo-lhe no aspeito, em gravidades d'anão, seccuras de fantoche. O unico cuidado da tia era saber se o menino cumpria as devoções. E havia rezas para todas as horas, n'aquella casa, orações para o levantar da mesa, para beber agua, ir á bacia, dar um espirro... que o Joanico sete annos resmungou, passivamente, sob os bafos menstruaes da governante.

A vida em Lisboa não pudera aviventar depois, na adolescencia, aquella natureza apathica, sempre tocada pelo raio de luar d'uma chimera. Nas noites de S. Carlos era um dilletanti maniaco

do gallinheiro. Alli, num canto escuro, sequestrado de todos os convivios, ouvia a opera sem olhar a sala, como se buscasse na musica a repercussão d'um estado d'alma rente ao seu. Mesmo, na escola, era macambusio, com uma pallidez anemica, e grandes contemplações para dentro de si proprio. Os rapazes faziam-lhe troça. Tinham inventado que elle mandára pedir a absolvição do papa, antes de se deitar ás dissecções obrigadas pela matricula, e um maroto pôz-lhe a alcunha de *protoxydo d'amor* — pela facilidade, dizia, com que passava a sesquioxydo, á vista d'uma enfermeira galante, ou d'uma filha de patrôa appetecivel.

Na noite seguinte ao enterro, como a chuva cessasse, um vento frigido soprou sobre a cidade, e João da Graça no quarto corria os dedos sobre o piano, como se quizesse acordar em musica o écho das amarguras que o minavam. Todos os seus companheiros de hospedagem haviam sahido para a provincia, gozar as férias: ficára elle sósinho, mais a D. Maria e um gato preto — e a casa velha, rachada, immunda, para os lados do Matadouro, com quasi todos os andares por alugar, parecia morta n'aquelle silencio nocturno das terras, entre uns casinholos baixos d'operarios. A espaços o sino de Rilhafolles badalava, estrugia um brado — era algum doido a quem os enfermeiros tinham vestido a camisola de forças. E a patrôa vinha dizer que eram horas do chá. Nas

paredes dos quartos pendiam caladas as guitarras, pares de calças rotas; e sobre as bancas de pinho, os calhamaços da pathologia empoeiravam-se, ao lado d'ossos humanos, frascos de injecções, e potes de tabaco. *Panno famoso, 22 jardas*... Se ella agora estaria tiritando de frio na sepultura!

Paredes meias, uma familia esqualida de bebedo. Constantemente altercações, chôros de crianças, o rodar da maquina de costura, e a cadella, coitada, sempre a uivar de fome n'essas ruas! O chefe era um rapaz de flôr ao peito, ar gentilhomem, que escrevia nos jornaes, e traduzia, dizem, romances para emprezas. Todas as noites a mulher ia apanhal-o da lama dos caminhos, onde elle afocinhava á volta das tascas, recitando poemas socialistas. E nada mais lugubre do que esse contraste entre a elegancia do marido, as saias andrajosas da mulher, e a cabeça tinhosa e os pés descalços dos rapazes! Logo pela manhã vinha o mais velho engraxar para a escada as botas paternas, emquanto a mamã dava a ultima demão de chá na sobrecasaca vomitada de vinho, e os dois mais novos iam carregando dos predios em obras, marafalhas e toros com que aquecer o almoço ao grande homem. Cerca das onze horas, elle que sahia, a luva clara, o ar triumphador, e ella corria a vêl-o á janella, n'um extasi, a espancada da vespera, a besta de carga, com os filhos de roda em camisola, igualmente babosos

do papá... Oh, como estas desgraçadas se assemelham todas na ternura!

Panno f... e entre as reminiscencias do enterro e a miseria d'aquella visinhança, o espirito de João da Graça abria-se em acuidades dolorosas, em pessimismos negros: parecia-lhe a vida uma catastrophe que desfecha alfim sob as pisadas do coveiro, e a cujas responsabilidades se foge, ou pelo vicio, ou pelo alcoòl.

Um terço da gente viva, de facto, entre que poderia incluir-se a mais cerebral e mais pujante, fazia o assalto da vida sem escrupulo d'armas no combate, nem moral certa nos planos de campanha. Por toda a parte a hydrophobia do lucro: a vida moderna incompativel com a honestidade antiga: e na caça do oiro, aberta ao homem como alavanca de gozos e triumphos, o caçador mais forte era quasi sempre tambem, o mais culpado. E em plena chacina d'essa lucta de féras e de bestas, que é a vida, João da Graça via rastejar na sombra o formigueiro dos tristes, dos inermes, dos vencidos, filhos sem pae, homens sem trabalho, mulheres sem esposo certo, familias sem abrigo, toda a legião sagrada e vil dos que se deixam ludibriar por uma especie de fatalidade zoologica, inquebrantavel... Aquelle formigueiro dava gemidos na portaria dos hospitaes, debatia-se nos pateos das prisões, levava chico-

tadas nas roças, envenenava os pulmões nas officinas, apodrecia nas minas, rebentava em cima das enxadas, e continuando sempre a fazer apotheoses, a crear deuses, a sagrar imperadores, pela necessidade d'um despota que lhe recordasse a miseria da sua origem, e lhe fosse aviventando o martyrio, causa exclusiva da sua evolução.

Assim elle sondava as naturezas nascidas puras, e que a sociedade falha ou perverte, por miseria, desprezo, ou más suggestões; explicava as vesanias, os vicios, os crimes... o roubo pela fome, os assassinios por impulsão subitanea ou por defeza, e por desforço a tradições e os vilipendios. Entre os felizes, quantos miseraveis, cuja fortuna lhes devera ser arrancada, em holocausto á miseria publica! e quantos facinoras, cuja vida o carrasco extirparia, por desaffronta á dignidade humana, polluida! Aqui se surprehendia a fazer o calculo rancoroso dos avos de responsabilidade, que na desgraça de Martha poderia ter cada homem rico das suas relações, e a pedir-lhe contas d'essa miseria que nunca descera a queixar-se ao meio da rua.

Altas horas, esta obsessão de humanidade timida e de humanidade ambiciosa, que desde as origens do homem ensanguenta a terra de tragedias, e cuja macabra historia poderia esculpir-se no friso d'um hospital d'alienados, esta obsessão continuou a dramatisar-se no pesadêlo que o ce-

rebro lhe fez, adormecido como foi sob impressões de mágoa tão profunda. Estava outra vez no cemiterio, era de noite; e pelas avenidas, entre a inverosimilhança das sombras, e o terrivel sem fim das perspectivas, fundos de cypreste. côr de tinta, davam retoque a alguma agulha branca de jazida. Gradualmente, a temperatura ia baixando (verdade seja que João da Graça adormecera no sofá sem cobertura) a ponto do regelo resequir os gomos dos goiveiros, e paralysar nas sepulturas a decomposição dos trespassados. Noitibós e morcegos, francelhos, corujas, todos os passaros da morte que entôam nos logares funebres a ladainha do espanto, haviam recolhido ás suas tocas: e o silencio d'agouro que atafulhava as boccas da cidade, parecia dar n'aquelle sitio uma impressão de joelhos sobre um peito, de cuja asphyxia está prestes a escapar-se um brado de soccorro. Elle pudera metter-se pelo carneiro d'um jazigo, té ás catacumbas da necropole, onde viu n'uma praça o visinho escriptor a cabritar. Eram primeiro esses bairros de marmore, burilados d'alhambras e de estatuas, onde os ricos passam a estrume entre confortos... depois moradas mais humildes, e nos arrabaldes, cavernas e buracos em que se empilhava a canalha morta a troxe-moxe, assim como á viva succede nas alfurjas da Penha e Mouraria. Aquillo vasto, sob uma penumbra fétida e hyperborea, zigzagueava no subsólo, como a visão d'uma Go-

morrha submersa. Fervilhações mysteriosas, vislumbres d'almas, agitavam aquellas carcassas deitadas para alli, a apodrecer... vida sem cerebro, regida como direi? por uma especie de sensibilidade espinhal inherente ainda á materia animalisada — como se a natureza, essa cosinheira de restos, tentasse crear com aquelles destroços outra humanidade, acephala, gestadora de monstros.

Por causa d'essa sensibilidade vinham os mortos da valla, em grandes bichas, estrallejando as maxillas de frio, roubar mortalha aos opulentos senhores dos mausoléos. Em cada crypta viu elle familias d'esqueletos, debaterem, pelas frinchas dos caixões, enterradas na cal, interesses que a morte cá em cima havia truncado: e continuarem em osso os adulterios, as intrigas, as idyosincrasias, as labutas... e á proporção que o frio reduplicava, a multidão crescer, cada vez mais ameaçadora, das covas de miseria aos bairros argentarios. Era uma plebe phosphorejante e amorpha de sabbat, uma ronda espectral de coisas diffusas, deslisando sem ruido, n'uma somnolencia de typho e de delirio... E João da Graça espantava-se de vêr o visinho escriptor, de luvas amarellas, com a cara do *Izaquiel*, a levantar as saias a uma figura de mulher, vestida de cassa, e toda cheia de lama nos cabellos, que pedia esmola á porta dum mausoléo.

Nos degraus dos prostibulos, á porta dos pa-

lacios, restos de bebedos continuavam, depois da morte ainda, as allucinações do absintho e da aguardente, com attitudes de fuga e de defeza, motetes, e epilepsias grotescas na ossatura. Velhas megeras, com as orbitas em sangue, um resto de beiço pendente na maxilla — prostitutas corcundas, cobertas de bossas, a lingua inchada, fóra da bocca, um gesto de convite ainda, nas phalanges da mão libidinosa, — mendigos lugubres, choreicos, aconchegando aos ossos a carne descollada, como quem aconchega uma serapilheira... aquillo tudo atropellava-se, bolia na sombra, com um rastro de bruxas e morcegos, á procura dum fóco de calor. E era medonho o espectaculo d'alguns que esbracejavam presos nas raizes, afflitos, esmagados, meio devorados por ellas, e a ruminarem o quer que fosse nas boccas sem lingua, como a querer fazer revelações! Entanto os grandes tumulos tinham festa, alli os mortos continuavam antigas conversações galantes, ao calor da lampada mortuaria, em toilettes de côrte e de salão. Eram estes o alvo da romaria sinistra dos párias, que para vê-los formilhavam de redor dos mausoléos, consultando-se um instante, avançando em quadrilhas, a espendurarem-se em cachos, das esculpturas e dos nichos, a subir aos zimborios, a virem collar os buracos dos olhos ás lucarnas, estrallejando os dentes convulsivos... E por toda a banda João da Graça sentia o mesmo: os vicios e vesanias

terrenas proseguindo na morte, por uma especie d'instincto anterior, a sua manobra d'animalidade e de torpeza, macaqueando a vida, como aquelle piano do conto de Hoffmann, cujas teclas haviam tocado muito tempo uma melodia de Haydn, e que o pianista fez em pedaços, continuando estes ainda a tocar a melodia.

Muito tempo tinha passado já depois de Martha morrer, e João da Graça, que estava delegado de saude, e em via de celebre, foi uma manhã chamado a constatar um obito de velho, n'um dos mais infectos casebres da Mouraria.

O temperamento romantico d'aquelle moço, o tempo o evaporára, logo á recepção dos primeiros honorarios profissionaes, disciplinando-o pouco a pouco n'essa seccura amavel do republico ambicioso, charlatão da fortuna, que impõe como auctoridade scientifica, quasi sempre, o coupé de luxo onde passeia, e a anafada parelha a que se puxa. Lenta, mas segura, a clientela rica tinha vindo, em esgalhadas de negociantes e meninas hystericas, gentes d'áparte, fastidiosas de banalidade, e desconnexas, e ultra-chics, que além de não engulirem remedios de botica, tinham a vantagem d'ir exagerando a fama do especialista té ás fronteiras do milagre, sobre lhe pagarem por meia libra, a meia hora de pales-

tra que elle lhes vinha fazer, de carruagem, todos os dias, ácerca de cantoras, vidas alheias, e aguas mineraes.

Fazem estas apotheoses publicas reflorir na alma dos plebeus, á hora da fortuna, o orgulho intransigente — esse espésinhado orgulho que é sempre um animal rancoroso nos que soffreram d'obscuridade ou privações. E d'ahi, quando se é feliz, se interrogamos a reminiscencia sobre as hesitações e ridiculas luctas dos primeiros annos, a reminiscencia, como uma duegne discreta, não responde. Que admira pois que João da Graça, ao ir verificar o obito do velho, já não conhecesse Miguel, que o cortejava, nem a pequena Joanna, que viera abrir-lhe a porta, chorosa, e com o seu ar morbido de loira d'uma poeira lunar, que haveria merecido a um inglez o intraduzivel epitheto *d'éthereal,* tanto a miseria e as vigilias emaciavam de graça esse corpinho que parecia apenas o pretexto d'uma bondade? A casa era n'uma espécie de grande pombal da rua Suja, pullulando de moradores quasi mendigos. Na escada havia garotos em frangalhos, prostitutas nas lojas, e um cheiro a sardinha e a fézes por todos os andares. De roda, no antro onde aquella pobre gente viera cahir, a miseria dizia muito mais do que pobreza, dizia desespero, desleixo, falta d'esperança e falta de coragem. Não se viam senão moveis partidos junto aos muros, ferramentas esparsas no sobrado, trapos de saias

cobertos d'immundicie, restos de coisas a que se perdeu o amor, e que se afundam, como os donos, na fuliginosa tristeza de se sentirem sós e desprezados. Affixava-se em tudo, essa miseria, com o proposito de tornar a vida insupportavel; ella dizendo as desavenças intimas, as bebedeiras, as fomes — a casa de penhores, a enfermidade — mezes sem trabalho e muitos sem dormida — todo o irreparavel sarcasmo d'existencias sequestradas, martyrisando-se, com uma volupia aguda em sossobrar. De chapéo na cabeça, João da Graça disse no ar palavras benevolas ao rapaz, e foi seguindo a pequena té ao cubiculo do morto, onde verificou grosseiramente os signaes d'extincção que o livro manda.

— Dêem-me tinta.

Voltára á saleta, e depois de lavar os dedos, poz-se a desenrolar o papel da certidão. Foi quando Miguel lhe quiz approximar da banca uma cadeira, mas houve duvidas: nenhuma d'ellas supportaria o peso do doutor, sem vacillar.

— Quantos são hoje?

— Acho que nove...

E a pena corria, célere e massada, cobrindo os brancos do impresso com a sua letra illegivel de medico. Ao canto, o caixão pousava, encostado á parede, aberto e já tão velho; um caixão d'aluguel, que tinha no forro, a um canto, entre duas nodoas de sangue, uma grande rubrica de fabrica... *pano famoso, 22 jardas*... Nada d'a-

quillo, nada, por certo já seria capaz de fallar á reminiscencia do doutor!

— É resignarem-se, adeus.

E elle sahiu, depois d'accender com estrondo um bom charuto. Já na escada, inquiriu d'um homem que subia, em primeiro lugar as circumstancias da familia... E o homem depois de lhe assentar familiarmente a mão no hombro, começou a dizer que o velho tivera n'outro tempo seu arranjo, mas começou a dar cabo, a embebedar-se, entende bocê? e estava alli morto de miseria como um cão. Havia o filho a deitar sangue pela bocca, uma pequena... E quanto ao enterro, o que se via. Por duas libras *enxixiam* berlinda e panno rico; vai como o dinheiro não chegou p'ra grandes luxos, tinha-se combinado o caixão ser d'aluguel. De casa do *Izaquiel*. Bossa senhoria hade ter houvido... Á Carreirinha...

João da Graça ia descendo, e ainda o homem, loquacissimo:

— Hi tem bocê outro que vem a acabar mal. Olá se vem! Bebe de cada vez dois decilitros d'aguardente... E por modos, todo comido de males de mulheres.

De feito acabou mal, o cangalheiro.

Foram achal-o uma manhã morto na cama, sobre um vomito de sangue e d'aguardente. Em quatro mezes tinham-lhe vendido a loja e as ferramentas, os caixões de casquinha e o panno rico. Os amigos fugiam-lhe, as proprias mulheres o ti-

nham abandonado—porquanto *Izaquiel* em estando bebedo, atirava-se a ellas como um lobo, pretendendo instillar-lhes, n'uma obsessão de vingança, a hedionda gafeira que o roía.

Por caridade, um collega armador fêl-o transportar n'um calhambeque, ao cemiterio, e como ninguem tinha querido um caixão velho que havia em casa, n'esse esquife o expediram, vestido de farrapos, para a jornada tremenda.

Quando o medico veio verificar o obito, não havia uma só pessoa na loja, a fazer guarda. Exhalava-se um fétido medonho do cadaver, que se cozia em peste, rapido perdendo a fórma originaria, e esse cheiro innundava o cacifro, tresandando em espantosas baforadas, té á rua. Toda a visinhança estava em alarida, quando o doutor chegou. As rameiras e as tascas tinham ido fazer queixa do morto, ao commissario. E João da Graça, sem descalçar as luvas, pôz-se a escrever contra a parede os dizeres da certidão, entre nauseas mortaes, rogando pragas.—E nem elle, nem ninguem, poderia talvez reconstruir n'aquellas cinco táboas de pinho em que jazia o bebedo, o impassivel caixão que havia recolhido os destroços das tres creaturas, despejando-as na terra, com a mesma indifferença, uma após outra, sem indagar se estariam bem mortas as paixões que tanto tempo as haviam unido e separado.

INDICE

INDICE

	Pag.
Pelos campos	7
Ao sol	15
As vindimas	35
Os pobres	47
Amores de sevilhano	65
O filho	83
A taça do rei de Thule	97
O cancro	105
Conto do Natal	115
A princesinha das rosas	125
Divorciada	139
O anão	147
Tragedia na arvore	165
A velha	173
Idyllio triste	183
O corvo	201
O antiquario	207
O menino Jesus do Paraizo	223
Conto do almocreve e do diabo	235
Tres cadaveres	257

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

FIALHO D'ALMEIDA

Os Gatos — 6 vol.	6$00
Contos	1$20
Barbear, pentear	1$00
Cidade do vicio	1$00
Paiz das uvas	1$00
Á esquina	1$00
Saibam quantos	1$00
Vida ironica	1$20

M. MAETERLINCK

Vida das abelhas — 3.ª edição	$80
Inteligencia das flores — 2.ª edição	$80
A morte — 2.ª edição	$80
Tesoiro dos humildes	$80

HALL CAINE

Filho prodigo. Romance	1$00
Cidade eterna. Romance	1$00
Apostolo. Romance	1$00

SOUSA MONTEIRO

Os amores de Julia	$80

RUY CHIANCA

Desventurado amor	$50
Ressurreições	$70

VALERIO DE RAJANTO

Os Segredos da Aguia	1$20